



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS - MAHIS

**ALINE MESQUITA MARTINS ROSA**

## **HISTÓRIA DAS CASAS COMO HISTÓRIA DA CIDADE**

**Um estudo da memória urbana de Fortaleza através da memória de  
moradores antigos do Centro**

**FORTALEZA**

**2009**

**ALINE MESQUITA MARTINS ROSA**

# **HISTÓRIA DAS CASAS COMO HISTÓRIA DA CIDADE**

**Um estudo da memória urbana de Fortaleza através da memória de moradores antigos do Centro**

Dissertação submetida à Coordenação do Mestrado em História e Culturas – MAHIS da Universidade Estadual do Ceará – UECE como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales.

**FORTALEZA**

**2009**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS - MAHIS**

Título do trabalho: **HISTÓRIA DAS CASAS COMO HISTÓRIA DA CIDADE. Um estudo da memória urbana de Fortaleza através da memória de moradores antigos do Centro.**

**Autora:** Aline Mesquita Martins Rosa

**Defesa em:** 29 /SETEMBRO/2009

**Conceito Obtido:** **APROVADA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jose Albio Moreira de Sales  
Universidade Estadual do Ceará - UECE  
Orientador

---

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

---

Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa  
Universidade Federal do Ceará - UFC

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela oportunidade da vida;

Aos meus pais, pelo amor incondicional, pelas lições e oportunidades;

Às minhas irmãs, pelo amor, companheirismo e amizade;

À minha família, referência sempre presente em minha vida;

Aos meus “Painho” e “Mainha”, pelos exemplos de amor e confiança;

Ao meu querido Rafael, pelo companheirismo, apoio sempre, amor e fidelidade;

Às minhas queridas amigas Alyne V. Ricarte e Carol C. Paiva, pela amizade, respeito mútuo e companheirismo nas mais diversas horas;

Aos mestres, com carinho, em especial ao Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales – meu orientador -; aos professores Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa e Prof. Dr. José Meneleu Neto, por suas preciosas colaborações;

Ao programa do MAHIS, pela oportunidade do aprendizado;

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP – pelo fomento e credibilidade à pesquisa e

Às minhas queridas Maria Guilhermina Gondim, Maria Osiléa Menezes e ao querido casal Douvina e Christiano Câmara, por dividir comigo, tão gentilmente, suas experiências de vida.

## RESUMO

Quando um referencial é destruído é como se tudo o que ele representa fosse embora com ele. Cada vez que uma casa antiga é demolida, morre um pouco de uma história de vida. Existem elos que são formados entre as coisas e a pessoas. O espaço percebido pela imaginação é um espaço vivido, que atrai e concentra o ser no interior dos limites que protege. A memória individual depende dos relacionamentos que o indivíduo mantém com seus grupos de convívio nesses espaços. Lembrar é um trabalho da mente estimulado pelo grupo. Patrimônio cultural é tudo aquilo a que se atribui valor e significado; onde se identifica e pelo qual se perpetua a memória; coisas que referenciam modos de vida e criam identidade social. Em Fortaleza não se pratica uma cultura de preservação do patrimônio, o Centro cede lugar aos estacionamentos, mas ainda há casos especiais desses testemunhos vivos em uma e outra forma: casa e morador antigos resistem em seus locais de origem e contam suas histórias. Foram estes casos que motivaram a pesquisa histórica no caminho das memórias dessas pessoas que significaram para esses monumentos razão existencial. A história e a memória das casas também são feitas do imaginário das pessoas, não podem ser avaliadas somente por instrumentos de aferição matemática e pictórica, depende também de coletar relatos de quem as habitou e interpretar suas imagens e arquivos. Neste sentido a presente pesquisa tenta chamar a atenção para essa porção imaterial e material do patrimônio de Fortaleza que dia a dia é delapidado sem impedimentos, levando consigo nossos referenciais e parte de nossa cultura.

**Palavras-chave:** história, memória, centros urbanos, casas antigas, memória de moradores antigos.

## ABSTRACT

When a reference is destroyed, it's like everything that it represents is gone with it. When an old house is demolished, a little bit of a life history dies as well. There are links connecting people and things. The space realized by imagination is an experienced space that attracts and concentrates the human being inside the limits that he protects. Individual memory depends on the individual's relationships with his groups in these spaces. Remembering is a mind's work stimulated by the group. Cultural patrimony is everything that has value and meaning; where memory is identified and where it perpetuates; everything that are reference for lifestyles and create social identity. There is not a preservation culture in Fortaleza. Downtown is replete of parking lots, but there are still special cases of these living testimonies in another way: house and people resists in their original places and tell their stories. These cases had motivated the historical research of these people memories, that meant existential reason for these monuments. History and memory of these houses are made of people's imagination and cannot be evaluated only by mathematical techniques, depends on collecting reports of those who had lived there and interpreting its images and archives. The following research tries to bring attention for material and imaterial portion of Fortaleza's patrimony, that has been destroyed day by day, without impediment, taking our references and part of our culture with it.

**Keywords:** history, memory, urban concentration, old houses, ancient people's memory.

## RESUMÉ

Lorsqu'il ya un renvoi est détruit, c'est comme si tout ce qu'il est de partir avec lui. Chaque fois qu'une ancienne maison est démolie, meurt un peu plus d'une histoire de vie. Il ya des liens qui se forment entre les choses et les gens. L'espace perçu par l'imagination est un espace de vie qui attire et concentre situant dans des limites qui protègent. La mémoire individuelle dépend des relations que l'individu a avec les groupes qui vivent dans ces espaces. Se souvenir est un ouvrage de l'esprit stimulé par le groupe. Le patrimoine culturel est tout ce qui est attribué de valeur et de sens, qui ait été identifié et qui perpétue la mémoire, des choses qui renvoient à des modes de vie et de créer l'identité sociale. A Fortaleza ne pratique pas une culture de la préservation du patrimoine, le Centre a fait de la place pour le stationnement, mais il ya des cas particuliers de ces témoins vivent dans l'un et l'autre façon: la vieille maison et résident résister à leurs foyers et de raconter leurs histoires. Il s'agissait de cas qui ont inspiré les recherches de la manière de souvenirs historiques de ces gens qui signifie la raison existentielle à ces monuments. Histoire et mémoire des maisons sont aussi faites de l'imagination des gens, ne peut être appréciée que par les instruments de mesure et mathématiques picturale, dépend également de recueillir des témoignages de ceux qui vivaient et interpréter vos images et vos fichiers. Dans ce sens, cette étude est d'attirer l'attention sur cette partie du patrimoine matériel et immatériel du Fort de tous les jours est en mauvais état sans entrave, en prenant notre référence et une partie de notre culture.

**Mot-clés:** histoire, mémoire, les villes, les vieilles maisons, la mémoire des anciens résidants.

---

## SUMÁRIO

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPITULO 1: A CASA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE .....</b>	<b>18</b>
1.1    Patrimônio, cultura, identidade .....	19
1.2    Fica o que significa .....	29
1.3    Caminhos da memória .....	38
<b>CAPITULO 2: A CIDADE DOS ANJOS E DAS ARCAS.....</b>	<b>44</b>
2.1    Arcas e Anjos .....	45
2.2    O Casarão Arca .....	50
2.3    A Arca Cinza e Amarelo .....	59
2.4    A Arca do Bosque Solidão .....	66
<b>CAPITULO 3: CONTEXTUALIZANDO O LOCAL MATERIAL DA PESQUISA: O CENTRO DE FORTALEZA .....</b>	<b>73</b>
3.1    Centro de Fortaleza: aspectos historiográficos e evolução urbana .....	74
3.2    A falta de planejamento e o conseqüente esvaziamento da Zona Central ...	90
3.3    Os papéis dos centros na história .....	96
3.4    As relações cidade-centro .....	99

<b>CAPITULO 4: DA TEMÁTICA DA CIDADE ÀS PRÁTICAS DE ESPAÇO.....</b>	<b>104</b>
4.1    A temática da cidade: múltiplas visões .....	105
4.2    A cidade arte-fato como texto urbano .....	111
4.3    Percursos e mapas .....	114
4.4    Práticas e relatos .....	121
<b>ANEXOS .....</b>	<b>132</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>151</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>160</b>

Nunca seremos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida. [...] Pelos poemas, talvez mais que pelas lembranças, chegamos ao fundo poético do espaço da casa.<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução Antonio de: Pádua Danesi. Revisão da Tradução de: Rosemary Costhek Abílio. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 26.

## Introdução

A origem das cidades, em suas primeiras manifestações como civilização, remete à necessidade de se ter um local para se manter os mortos (*Necrópolis*), aonde se volta para cultuar e celebrar os antepassados, mesmo numa fase nômade. Tal fenômeno também é atribuído à busca por um local protegido para se ter os filhos. Ambas as atividades são atribuídas originalmente à parte feminina do grupo.<sup>2</sup>

Figuras de círculos com crucifixo ao centro foram constantemente encontradas em escavações, representando a formação das cidades. Tais figuras são análogas às funções de proteção (círculo) e de defesa e expansão (crucifixo). O formato de crucifixo, grade ou malha xadrez aparece como a representação da porção masculina das cidades, fazendo analogias às funções de defesa e expansão, enquanto que o formato circular lembra proteção, o voltar-se para o interior, análogas ao sexo feminino e às cidades protegidas por muralhas.

Ao longo da história das civilizações percebe-se um comportamento assumido cíclico e repetitivo, numa ordem seguida por crescimento-expansão-desintegração, onde somente após esta última fase é possível partir para outras formas de comportamento. Tal comportamento indifere quanto ao regime praticado pela sociedade em questão, denunciando os sintomas de um modelo adotado ao longo do tempo e que se aproxima do seu cume.<sup>3</sup>

A cidade atual remete a um passado que deixa lacunas. Passado este, muitas vezes confuso e de difícil acesso aos testemunhos por conta da delapidação praticada ao longo do tempo, em busca do futuro e do progresso. É como se tudo o

---

<sup>2</sup> MUNFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>3</sup> MUMFORD, Lewis. **O mito de Megalópolis.** In: A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

que se identifique como antigo – sejam edificações, expressões, costumes, pessoas ou objetos – devesse ser destruído em função do novo. Essa prática deixa-nos um legado vago de respostas e de significados, mesmo quando se tenta preservar.

Monumentos-testemunhos espalhados pelas cidades perdem a vez numa disputa por espaço movida pela lógica do mercado e do consumo. Os papéis nem sempre são assumidos pelos atores sociais (Estado - mercado privado - usuários), e quando isso ocorre gera perdas irreparáveis nos tecidos urbanos e da memória, pois a produção do espaço urbano e a sua organização no uso do solo é obra do mercado privado, apesar de regulado pelo Estado, ficando a qualidade urbanística como uma consequência significativa do modo como for fiscalizada. Quando um negligencia seu papel, o outro se torna desprovido de limites.

Um patrimônio cultural - seja ele material ou imaterial - ajuda a criar uma identidade social, pois preservar constitui ato de manutenção do testemunho dessas manifestações, possibilitando à sociedade constituir seus referenciais para o futuro. Os elos mantidos entre as pessoas e os locais permanecem e o espaço vivido é também apreendido pela imaginação e pelo seu significado.

Preservar um referencial depende da memória mantida dentro do meio vivido e da maneira como esta irá se perpetuar (ou não). Mesmo a memória individual depende da rede de relacionamentos mantida no grupo, fazendo com que interdependa da parte da memória referente ao coletivo, sendo estimulada por este.

Em busca de tentar manter de alguma forma parte desses testemunhos referente à porção imaterial do nosso patrimônio cultural local, a pesquisa parte para a estratégia do lugar privado, para as referências históricas das vidas privadas familiares das pessoas que habitaram edificações no Centro da cidade de Fortaleza, e que por algum motivo, ainda se mantêm morando no mesmo local.

O acesso à porção material desse patrimônio é feito por coletas de material pictórico em geral e dos arquivos familiares acessados. Mas ambos dependem do acesso aos próprios moradores, entrando como figuras centrais da pesquisa, guiando-a no sentido de suas percepções. A história oral vem como

ferramenta essencial, possibilitando esse acesso. Os referenciais teóricos somam suas experiências, balizando as estratégias adotadas ao longo do percurso. A contextualização histórica e social do local material da pesquisa também se faz necessária e presente, referendando-a.

A presente pesquisa nasce da necessidade de salientar a “ausência” de vínculos e de significação sentida atualmente nas cidades, lugares esses que nascem da necessidade da troca de experiências, do contato mútuo e do capital social. A valoração dos lugares tomados como ponto de partida e de referência para o mundo externo – a casa – não pode ser medida apenas em sua porção material. Ela é permeada de sentimentos e percepções que devem ser levados em conta.

As cidades partem de seus Centros; as pessoas de suas casas - centro do mundo, tudo começa a partir delas. Então as pessoas que ainda estão morando em suas casas antigas no Centro da cidade têm algo de valor a nos dizer sobre um passado de hábitos que permanece no seu dia a dia. Quando não permanece, por necessitar, para que aconteça, de um coletivo que lentamente desaparece, faz falta, deixa lembranças, faz recordar de maneira saudosa.

Mas ela pode ser lida e representada de diversas formas, tomando-se como ponto de leitura e entendimento as falas, os lugares, os atores sociais produtores de espaço, as práticas urbanas adotadas, enfim. Adota-se aqui, como uma forma de leitura do espaço da cidade, a compreensão dela como texto urbano.

A metodologia adotada se dividiu em algumas etapas. A primeira delas foi perceber o local material da pesquisa através de levantamentos de campo em busca destas impressões e também de uma catalogação preliminar destes imóveis de valor estético, histórico, arquitetônico e estilístico. Após esta primeira triagem, acompanhada de levantamento situacional e fotográfico, partiu-se para um primeiro contato com os moradores para identificar se ali havia um morador antigo disposto a participar da pesquisa. Após a pré-seleção dos colaboradores, partiu-se para as pré-entrevistas com cada um para que se fossem feitas novas triagens. Feita a seleção destas pessoas que conceberam suas entrevistas e permitiram o acesso à sua

residência e a seus arquivos privados, seguiu-se com as transcrições dos relatos orais para que fossem trabalhados aqui como texto.

Em paralelo houve a coleta e análise dos dados sobre o local estudado – o Centro de Fortaleza – tecendo-se um estudo sobre a situação atual de depreciação e abandono de funções, potencializada pela histórica falta de planejamento e/ou de aplicação deste para a zona. Na sequência há um comparativo com o que ocorreu em outros centros de formação semelhante ou não, percebendo quando se trata de uma tendência e quando se trata de uma peculiaridade local, sendo complementado com pesquisas bibliográficas sobre os assuntos que permeiam a questão abordada, desenvolvendo-se estudos específicos para estas questões a título de esclarecimento e contextualização.<sup>4</sup>

Necessário se fez a busca por referenciais bibliográficos em trabalhos semelhantes ou que de alguma forma fornecessem subsídios aos trabalhos desenvolvidos aqui; bem como a elaboração de alguns levantamentos (pictórico em geral, dimensional e de localização dos “monumentos” edificados utilizados nesta pesquisa e do local material dos mesmos, das condições de infraestrutura local, dos aspectos históricos e situacionais desse local, etc.).

O trabalho se divide em alguns momentos, partindo o primeiro capítulo da tentativa de apreensão dessa mensuração abstrata e de seus valores simbólicos, patrimonial cultural e referencial, através de reflexões pautadas em definições teóricas e observações idiossincráticas acerca do tema. Os focos na apropriação, utilização e significação dada aos locais privados tornam-se objeto. A estratégia da pesquisa parte para a estratégia do lugar privado.

O segundo capítulo trata da classificação desses monumentos como verdadeiras arcas repletas de vestígios de um passado valoroso, carregado de uma moralidade profunda que marca nossos recordadores e os definem como anjos

---

<sup>4</sup> Alguns destes estudos – como as questões levantadas sobre diferenciais e complementaridades entre história e memória, sobre os diferentes tipos de memória, sobre o uso história oral, etc. - foram descartados do corpo do texto atual após a fase de qualificação, por orientação da banca examinadora, a fim de tornar o presente trabalho mais objetivo e centrado na questão principal – a atenção à porção material e imaterial do patrimônio de Fortaleza que segue desaparecendo “despercebido”, escorrendo “como água” entre os “dedos da cidade”.

guardiões destas arcas fabulosas. Há a descrição da atual situação em que se encontra o local de origem desses testemunhos – suas residências antigas – situando um e outro no contexto atual social e histórico.

O terceiro capítulo trata da contextualização do local material da pesquisa – o Centro de Fortaleza – discorrendo sobre os aspectos historiográficos, de planejamento (ou ausência da aplicação deste) e históricos, salientando a atual situação de abandono das funções originais de seus locais públicos. Segue-se destacando os papéis adotados pelos centros das cidades ao longo da história e as relações estabelecidas entre as cidades e os seus centros.

Um quarto e último capítulo traz uma abordagem sobre a temática das cidades em geral, caracterizando-as como o local de moradia da grande maioria da população mundial hoje em dia e que, portanto, merece toda a nossa atenção e reflexão. Segue-se com uma abordagem sobre as leituras da cidade, dividindo-se com Michel de Certeau uma leitura alternativa dela em suas práticas cotidianas como texto urbano. Os relatos das nossas recordadoras são trabalhados neste capítulo enquanto espacializações de suas práticas, leituras do espaço citadino.

A escolha das depoentes se deu diante de um critério que partiu não delas mesmas a princípio, mas de suas casas que se caracterizaram peculiarmente. Suas idades se diferem um tanto, posto que a principal característica não seria esse recorte temporal, e sim a semelhança em permanecerem todas em suas moradias originais, mantendo suas casas “vivas” e resguardadas da destruição.

Outra prerrogativa resultante desses critérios é a de serem idosas. Isto acrescenta a valorosa transmissão do conhecimento adquirido ao longo do tempo, tempo este que as mantém distantes de um convívio social baseado na competição, o que lhes acarreta um maior valor do discurso pela espontaneidade com que se debruçam sobre assuntos do passado.

O recurso da história oral foi utilizado como ferramenta principal, estando o acesso aos seus arquivos particulares totalmente vinculados a este recurso, posto que qualquer objeto iluminado pela própria depoente traz consigo significados muito

melhor estabelecidos, permitindo-nos uma melhor apreensão desses valores simbólicos dados a imagens, sons e objetos.

A finalização do presente trabalho não se dá por desencanto ou exaustão em relação ao tema, posto que não se pode mensurá-lo; mas por motivos outros que fogem às esferas colocadas, a de um trabalho voltado para a obtenção do título de mestre e que, portanto, deve seguir alguns critérios como: tempo, conteúdo e forma adequados a este fim.

---

## CAPÍTULO 1

## Capítulo 1. A CASA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE

### 1.1 Patrimônio, cultura, identidade

Quando um referencial é destruído é como se tudo o que ele representa fosse embora com ele. Cada vez que uma casa antiga é demolida, morre um pouco de uma história de vida também. Histórias que aconteceram ali, debaixo de suas telhas; histórias que passaram por ali, contando com a casa como cenário de uma despedida, de uma vitória, de uma confraternização; ou histórias que se utilizavam dela apenas como pano de fundo, como paisagem, para uma fotografia

O simples passar pela esquina que não tem mais “àquela casa rosa” faz errar o caminho que se percorre todos os dias até o trabalho, à escola ou à farmácia. Ela não está mais lá. Assim, literalmente da noite para o dia, perde-se o referencial de espaço, sem o tempo necessário para deter a atenção em outro ponto de referência. Isto é, tempo dá, mas nunca se pensa nisso, pois a casa sempre se fez presente apontando o caminho e “dizendo” que é ali que se devia virar. E nem faria muita diferença pensar nessa hipótese, pois quando uma delas é demolida, geralmente no seu lugar surge um enorme vazio, todo murado, estendendo-se pelo seu antigo entorno, cheio de propagandas afixadas com modelos sorridentes à espera do novo imóvel.

Infelizmente, essa é a rotina de quase todos os nossos “monumentos-testemunhos” de muitas décadas distintas. É assim que acontece aqui em Fortaleza, na Avenida Santos Dumont, onde ainda se podem ver uns poucos e mal-

reconvertidos ,mas ainda de pé e em uso. É assim que acontece no bairro da Aldeota, no bairro de Fátima - onde atualmente quase todas as casas “dormem” e não “acordam” mais no dia seguinte - no Centro, no bairro de Jacarecanga, no Mondumbim e em qualquer outro lugar da cidade onde ainda houver esses belos exemplares carregados de significados e de memórias.

Na cidade de Recife (PE) algumas construtoras mantêm a prática de preservar as casas antigas de valor histórico, arquitetônico e estilístico, que ocupam os lotes a serem implantados os novos condomínios de apartamentos. Constroem-se as torres de apartamentos com um recuo generoso e as casas passam a ser utilizadas como *hall* de entrada, salão de festas ou salão nobre destes condomínios.

Em São Paulo, capital, na Avenida Paulista, onde havia muitos casarões de elevado valor arquitetônico, muito se foi demolido, mas ainda há algumas poucas práticas onde se tentou mesclar edifício novo - de arquitetura e acabamentos com soluções modernas – com antigos casarões. Há exemplos onde as torres são construídas acima das antigas casas, há soluções onde o edifício foi implantado no fundo do lote se utilizando das mesmas para uma função específica.

Na cidade de Fortaleza, atualmente, ocorre uma única ação semelhante a essas praticadas em Recife e em São Paulo, mas, ainda assim, não se trata de preservação. Na esquina da Rua Leonardo Mota com a Rua República do Líbano, na altura do número 700, há um edifício chamado “Casa Rosa”. Antes de ser vendido, o lote comportava uma casa de dois pavimentos, pintura da fachada em cor-de-rosa, esquadrias e balaústres brancos, de considerável valor estético e arquitetônico. No projeto do novo condomínio, o arquiteto responsável<sup>5</sup> decidiu manter, “aparentemente”, a casa.

Então um grupo de profissionais fez o levantamento minucioso, com imagens, desenhos e memorial descritivo, para, depois de demolida, poder ser reconstruída uma outra “igual”. E assim o fizeram. A cópia da antiga casa está lá, como *hall* de entrada do prédio. Ela é a base do edifício, a torre nasce literalmente

---

<sup>5</sup> Arquiteto Jaime Leitão, da empresa Reata Arquitetura & Engenharia. Mas apenas o projeto é de autoria dele, a construção é atribuída ao grupo C. Rolim Engenharia.

em cima dela. Sendo assim, não se manteve a casa antiga preservada, seu valor agora não é patrimonial, mas ainda é referencial: para quem passava ali e a tinha como marco e referência visual, de certa forma, não o perdeu.

Podemos conferir o sentimento de perda pelo qual passam as pessoas quando se deparam com a demolição desses referenciais num trecho do depoimento da Sra. Zizi Menezes:

Olhe, tinha uma casa ali, na (rua) 24 de maio... não tem o *Lord Hotel*, na esquina? Pra cá um pouquinho. Uma casa tão linda! Que eu passava por lá e dizia: "se eu tivesse dinheiro, eu comprava essa casa!". Botaram abaixo. Parece-me que pra fazer um negócio de um restaurante comerciário, um negócio assim, não sei se ainda é. Eu sei que aqui no Ceará; Fortaleza, por exemplo; o negócio é derrubar!<sup>6</sup>

Para Durkheim, as representações e idéias dos homens exercem funções no interior de um grupo ou da sociedade, havendo, portanto, um predomínio do social sobre o individual, afetando diretamente a percepção, a consciência e a memória. Em Bergson, a memória flui como “subjetividade livre e conservação espiritual do passado” - uma força espiritual prévia, tendo como único obstáculo a matéria, que bloqueia o curso da memória, levando ao esquecimento. “A percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo”.<sup>7</sup>

Halbwachs segue com o desdobramento e refinamento da definição de seu mestre (Émile Durkheim), estudando os “quadros sociais da memória”. A memória do indivíduo, em Halbwachs, depende de seus relacionamentos, sejam eles familiares, sociais, profissionais, religiosos, ou os relacionamentos da escola. Ou seja: a memória individual depende dos relacionamentos que o indivíduo mantém com seus grupos de convívio e com os grupos de referência peculiares a ele. O próprio ato de lembrar é provocado, na maioria das vezes, pelo encontro com

---

<sup>6</sup> Trecho do depoimento da Sra. Osiléa Menezes, uma de nossas recordadoras, residente à Rua 25 de Março.

<sup>7</sup> H. Bérgson. *Matière et mémoire*. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 45.

o grupo. Lembrar, portanto, não se trata de sonhar (Bergson) e sim de um trabalho da mente estimulado pelo grupo.

“Lembrar é [...] refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição”. Para Maurice Halbwachs a lembrança enquanto ressurreição do passado (Bergson) seria impossível, pois basta a menor alteração do ambiente para que a memória seja atingida em sua qualidade íntima. Para tanto, seria necessário que se mantivessem intactos os hábitos, o sistema de representações e as relações sociais.

Sendo assim, Halbwachs “amarra” a memória individual àquela relativa ao grupo social ao qual o sujeito está inserido, e o meio em que ele se encontra afeta diretamente a sua memória, percepção e ponto referencial. O Sr. Christiano Câmara, em bilhetes ao irmão que morava distante da família, vivencia a teoria descrita:

Mano Velho, no entardecer deste sábado chuvoso, [...] recebi [...] aquela fotografia que eu havia pedido que restaurasse... Ao descer os olhos nela, vendo nosso pai tão bonito e cheio de vida, jogando com o José Adail, assistido pelo Dr. Nestor Barbosa, percebi como uma simples fotografia pode conter um Universo de Recordações [...]. Domingo passado, dei uma entrevista [...] sobre o Passeio Público, olhando aquela fonte<sup>8</sup> onde, em 1943, eu, você e o Edgard tiramos um retrato juntos. Eu juro que tive uma estranha sensação de que, para nós, o Tempo não passou nunca...<sup>9</sup>

Helder, [...] Todo domingo fazemos esta reunião, com as cadeiras na calçada, de 5 da tarde às 9 da noite. Só falta você, que, mesmo assim, vez por outra comparece em citação, quando das lembranças de nossas peraltices. As casas ainda são as mesmas: os moradores é que não. Voaram para longe (às vezes, até de si mesmos). Só eu permaneço perseguindo sombras do Passado.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Fonte d'água existente no Passeio Público de Fortaleza.

<sup>9</sup> Trecho de um bilhete escrito pelo Sr. Christiano Câmara, destinado ao seu irmão Hélder Câmara.

<sup>10</sup> Trecho de um bilhete escrito pelo Sr. Christiano Câmara, um de nossos recordadores, endereçado ao seu irmão.



**Imagens 01, 02, 03:** Edifício Casa Rosa – Fortaleza / CE  
Fonte: Arquivo pessoal



**Imagens 04, 05, 06:**  
Casa + Edifícios na Av. Boa Viagem  
Recife / PE  
Fonte: Arquivo pessoal



**Imagen 07:** Casa + Edifício na Av. Paulista  
São Paulo / SP  
Fonte: Google Imagens



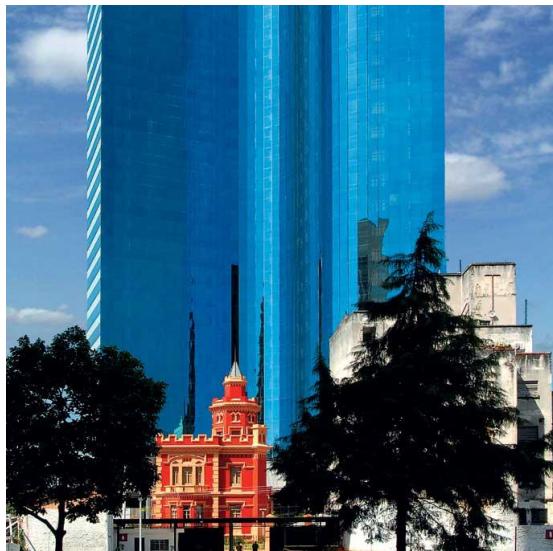
**Imagen 08:** Casa das Rosas - Centro Cultural  
Av. Paulista, São Paulo / SP  
Fonte: Google Imagens



**Imagen 09:** Casa das Rosas – imagem antiga  
Av. Paulista, São Paulo / SP  
Fonte: Google Imagens



**Imagen 10:** Casa das Rosas – imagem atual  
Av. Paulista, São Paulo / SP  
Fonte: Google Imagens



**Imagen 11:** Edifício Conde de Sarzedas  
São Paulo / SP  
Fonte: Google Imagens

Para além dessas questões, existem os elos que são formados entre a coisa e a pessoa, entre a casa e o habitante, entre a rua e o passante, entre a cidade e o cidadão. Sentimentos de pertença, valores que não se mensuram com trenas, para os quais não se estabelece uma escala, onde não cabem as tabelas. Concordo com Bachelard quando coloca que

[...] o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em especial, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem. No reino das imagens, o jogo entre o exterior e a intimidade não é um jogo equilibrado.<sup>11</sup>

Preservar constitui ato de manutenção do testemunho dessas manifestações culturais, sejam elas materiais ou imateriais, possibilitando a uma dada sociedade - vale ressaltar - se reconhecer, se valorizar e constituir seus referenciais para o futuro. Por patrimônio cultural se entende tudo aquilo ao qual se atribui valor e significado; onde se identifica e pelo qual se perpetua a memória; coisas com as quais se podem contar para referenciar os modos de vida, criar uma identidade social. A autora Ruth Zein nos elucida que:

[...] a preservação deve existir para o homem, e não o contrário; é imprescindível uma atuação efetiva de esclarecimento junto aos usuários, no sentido de valorizar o cuidado a esse bem, o que só será alcançado quando houver um encontro de almas – do edifício e dos usuários, e que o processo só se completa com o pleno funcionamento do edifício, em toda sua integridade física e espiritual, através de uma intervenção técnica, sensível e adequada á dinâmica urbana.<sup>12</sup>

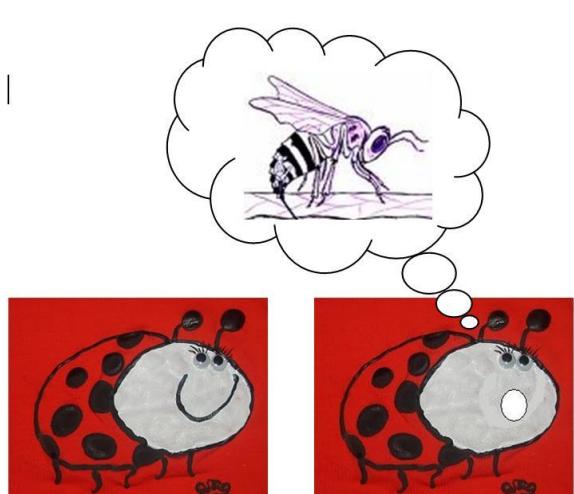
---

<sup>11</sup> BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução Antonio de: Pádua Danesi. Revisão da Tradução de: Rosemary Costhek Abílio. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 19.

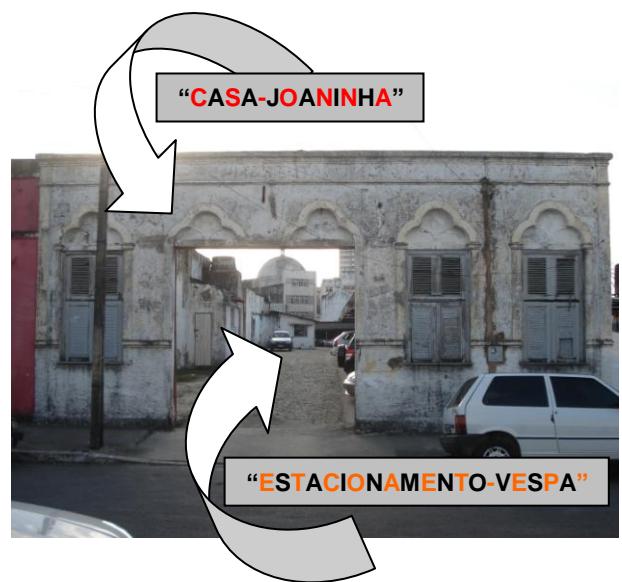
<sup>12</sup> ZEIN, Ruth Verde e MARCO, Anita Regina Di. **Sala São Paulo de Concertos:** Revitalização da Estação Júlio Prestes. São Paulo: Alter Market, 2001. p.89.

O bairro do Centro de Fortaleza oferece capítulos à parte em relação a esses belos exemplares e suas lamentáveis demolições. É nesse bairro onde se construiu muito do que já foi demolido, mas não agora acontece pela especulação imobiliária, sedenta de áreas para abrigar seus novíssimos empreendimentos. Um pouco pior que isso, mais cruel e revoltante ainda: demole-se para se “construir” estacionamentos no Centro.

O Centro inteiro, antes privilegiado lugar das moradias abastadas, agora cede a esses grandes e rentáveis vazios urbanos que são os estacionamentos. Estes se assemelham à larva da vespa que, ao ser injetada pela vespa mãe dentro da joaninha, começa a tomar o lugar dela, corroendo-a, destruindo-a por dentro, até que morre uma joaninha e nasce uma vespa. São as “casas-joaninhas” e os “estacionamentos-vespas”.



**Ilustração 01:** Joaninha e Vespa  
Fonte: Arquivo pessoal



**Imagen 12:** Casa-joaninha e estacionamento-vespa  
Rua 25 de Março - Fortaleza / CE  
Fonte: Arquivo pessoal

Senão vejamos o que diz a Sra. Zizi Menezes ao nos relatar o que vem ocorrendo rotineiramente na rua onde mora:

Aqui, [...] eu tô admirada (ainda não terem aparecido), porque quando tá a parede assim meio suja, aparece muita gente querendo comprar, sabe. Tanto que outro dia eu estava ali no meu vizinho, eu cheguei lá e olhei pra cá e disse "Virgem Maria! A casa tá precisando pintar, senão daqui a pouco querem comprar!" (risos). Porque eles acham que está velha e sem vida, que vai já cair, e ai querem comprar, pra derrubar logo!

[...]

O CDL [...] já comprou esse quarteirão aí quase todo! A casa [...] lá da esquina reformaram, mas deixaram mais ou menos igual, era um sobrado, que era até do dono da Farmácia Pasteur, o Sr. Raminho, era muito amigo do meu pai. E não derrubaram não, reformaram, sabe, é até a Câmara dos Lojistas. Mas ai, mais pra cá derrubaram um bocado de casas pra fazer estacionamento. Mais pra cá, derrubaram também pra fazer estacionamento. Mas... o negócio é derrubar. Porque não conservam mesmo!<sup>13</sup>

Trechos das entrevistas com a senhora Guilhermina Gondim nos mostram outros exemplos de residências também do Centro que foram demolidas no todo ou em partes “em prol” dos estacionamentos:

Meu irmão quis vir do Rio Grande do Sul, nesta época, idealizou este estacionamento e a mamãe aceitou. Derrubou as árvores e fez. Ai tudo era árvore, no tempo da Iaiá, era jardim, sabe, era lindo! E tinha tudo: coco-babão, tangerina, cajaranas! Menina, eram tantas, tinha tanta fruta que era um horror! **Mas daí, pra fazer o estacionamento, tiraram as árvores, tiraram tudo; e ai está o estacionamento.**

[...]

Era uma casa de quatro portas, tinham duas varandas, a entrada, e outra varanda aqui, era muito linda! Papai perdeu por poucos dias. Por poucos dias ela já estava vendida, quando ele foi fazer a proposta. **Elá ficava confrontando, hoje é um estacionamento.**

[...]

Menina, mas foi um amor... O primeiro amor! Mas o Zé Arlindo guardou, que quando ele vinha pra cá, todo domingo ele vinha pra cá, lá da Aldeota, da casa dele, muito longe, ele dizia: –“Passei lá na casa onde nós morarmos, lá na Rua Assunção!” – e ainda dizia assim: - “A casa onde nós morávamos e a Angelita morou!”. **Até pouco tempo essa casa ainda existia, ele mostrou, depois fizeram de estacionamento.**<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Trechos do depoimento da Sra. Osiléa Menezes (Rua 25 de Março).

<sup>14</sup> Trechos do depoimento da Sra. Guilhermina Gondim (Rua Gal. Sampaio).

Em entrevista à revista Xilo, quando questionado sobre essa “cultura de demolição” presente em Fortaleza - a exemplo da bela edificação conhecida como o “Castelo do Plácido”, uma suntuosa residência que existia na atual Praça Luíza Távora e que foi demolida para ceder lugar a um supermercado que não chegou a ser construído - o Sr. Christiano Câmara se antecipa ao afirmar que não há mais exemplares “sobrevidentes” edificados com seus respectivos habitantes deste nosso patrimônio cultural:

**Revista Xilo:** - mas essas destruições são características da nossa cultura. Veja o que aconteceu com o Castelo do Plácido (destruído para construção de um supermercado).

**Sr. Christiano Câmara:** - Isso mesmo. Como é que se manda destruir algo com quase cem anos. Podia ter sido recuperado. Mas isso é próprio da nossa cultura (ou falta dela!). Fortaleza não tem rosto arquitetônico, não tem identidade, **você não encontra uma casa antiga onde os titulares dela ainda estejam morando.**<sup>15</sup>

Felizmente, ao contrário do que afirma de forma veemente o Sr. Christiano, ainda há casos muito especiais, exceções, exatamente no Centro de Fortaleza, onde esses testemunhos vivos, em uma e outra forma, ainda convivem. Casa e morador antigos resistem em seus locais de origem e contam suas histórias. Os casos estudados aqui fazem parte deste grupo “sobrevivente”. E a própria residência, onde se mantém morando até hoje ele mesmo, o Sr. Christiano e sua esposa, será um dos exemplares a serem trabalhados aqui.

---

<sup>15</sup> MENEZES, Henilton e CAMARGO, Odilon. Um museu vivo. **Xilo** Revista de cultura. Editora *Inside Brasil Ltda.*, Fortaleza, Ano I - n. 01, pp. 28 – 34, setembro de 1999. (Grifo meu).

## 1.2 Fica o que significa

Vão demolir esta casa  
 Mas meu quarto vai ficar  
 Não como forma imperfeita  
 Neste mundo de aparências:  
 Vai ficar na eternidade,  
 Com seus livros, com seus quadros,  
 Intacto, suspenso no ar.<sup>16</sup>

É fácil perceber que não impera em Fortaleza uma cultura de preservação do patrimônio; seja ele cultural, artístico, histórico, paisagístico ou arquitetônico. Para observar, basta um simples passeio, com olhos na paisagem. Logo se irá deparar com obstruções ocasionadas pela construção de prédios enormes, que tapam um belo pôr-do-sol bastante referenciado, como é o caso da Ladeira da Praia. Em qualquer lugar da cidade que ainda possua exemplares edificados de alguma época remota e onde a especulação imobiliária esteja em plena expansão, facilmente também se observa a demolição desse patrimônio, cotidianamente.

Ao ainda se encontrar um desses exemplares, certamente o é um solitário. Oprimido em meio ao “novo” desenho urbano, incomunicável como as almas em poema de Manuel Bandeira<sup>17</sup>, é intimidado a sair dali e a habitar somente a memória dos que ali viveram, ou por ali passaram. Ou, ainda, deve estar em ruínas! Ou com uma placa de “vende-se” na frente (que não deve demorar muito até ser substituída por outra de “últimas unidades”, de um novo empreendimento qualquer, desses de 70m<sup>2</sup> ou menos, destinados incrivelmente a abrigar uma família inteira e boa parte de seus bens patrimoniais e parafernais).

---

<sup>16</sup> BANDEIRA, Manuel. Poema. **Última Canção do Beco**. In: BANDEIRA, Manuel. 50 Poemas escolhidos pelo autor. [S. L.]: Cosac Naify, 2006.

<sup>17</sup> BANDEIRA, Manuel. Poema. **Arte de Amar**. In: BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa de Manuel Bandeira. [S. L.]: Nova Aguilar, 1996.

Em seus relatos a senhora Zizi Menezes nos coloca a par de alguns exemplares destes que cederam lugar ao abrigo de estacionamentos ou armazéns:

A Dona Olímpia morava vizinho ao Paulo Sarasate. Hoje em dia, onde era a casa do Paulo Sarasate, hoje em dia é a garagem do Bradesco. Não tem um Bradesco na Rua Floriano Peixoto? Atrás não é tipo um estacionamento de carros? Pois ali era a casa do Paulo Sarasate, na Rua Assunção. [...] Tinha uma irmã do Paulo Sarasate que morava num sobrado bonito, aqui na Rua Governador Sampaio, logo aqui atrás, mas hoje em dia não tem mais não, só aqueles armazéns velhos.<sup>18</sup>

Todavia existe algo que comove; uma aura que encanta e envolve uma casa antiga à beira de sua demolição. Sopram-nos brisas de imaginação que nos levam ao passado... Quantas histórias foram vividas ali, embaixo daquele telhado de beirais largos e madeiramento gasto? A quantas famílias, e em quantas situações diversas, aquela casa serviu de abrigo? De cenário de confraternizações às desagregações e infortúnios?

Isso o que vem e que povoa a mente, que logo se coloca a trabalhar e a admirar as ruínas (ou “pré-ruínas”) daquele que um dia foi, talvez, um dos endereços mais espiados ao passar o bonde com os rapazes, e de onde saíam as notas companheiras de um piano fiel aos finais de tarde.

Fico olhando, impressionada, as velhas casas. Cada detalhe construtivo, “minimalistas”; materialização do sentido real da palavra “detalhe”. Cada material que certamente veio do exterior, transportado por navio.<sup>19</sup> E que ainda foi esculpido, talhado e encaixado. No mínimo, para além do trabalho que deva ter rendido, penso no tempo que se levou para erguer essa construção, que agora vai abaixo, assim, sem mais.

---

<sup>18</sup> Trecho dos relatos da senhora Zizi Menezes.

<sup>19</sup> Destaque para alguns materiais construtivos que eram muito utilizados em Fortaleza-Ce, vindos do exterior: o **ferro fundido**, vindo de Glasgow – Escócia, com o qual foram executadas as estruturas do Mercado dos Pinhões, da antiga Alfândega e do Teatro José de Alencar; o **mármore**, vindo de algumas regiões da Itália, como da comuna italiana da região da Toscana, província de Massa-Carrara, com o qual foram construídas várias obras de arte, como as escadarias do Cine São Luiz e as do Casarão da Rua General Sampaio.

Na descrição da senhora Guilhermina sobre a construção da casa que habita hoje e que fora construída para a sua avó, tendo sido herdada pela sua mãe, ela nos mostra a natureza de detalhes que era necessário para se erguer um casarão desse porte estilístico:

Essa casa aqui quem construiu foi o pai da minha mãe. Quando ela tinha oito anos, mais ou menos, começaram a construir. Foram três anos de construção, porque vinha tudo de fora! Algumas coisas da Europa, o mármore vinha lá da Itália, Carrara. Os ferros, todos vinham da Inglaterra. Por isso que passaram um tempo pra inaugurar a casa!

[...]

Então a mamãe disse que quando já estavam terminando, ela já era maiorzinha, disse que ela vinha olhar, tinham uns empregados colocando aquele mármore ali, naquele lavatório: eles colocavam uma, e colocavam a outra; ela ainda lembrava...<sup>20</sup>

Não consigo olhar uma casa antiga e não admirar. No caso de suas ruínas, não lamentar. São elas que me motivam, e foi a partir delas que me guiei no sentido da pesquisa histórica, no caminho das memórias dessas pessoas que significaram para elas razão existencial, opção de vida e de morte.

Sim, porque assim como nascem e morrem as pessoas, também as casas. A história e a memória das casas também são feitas da matéria sublime que é o imaginário das pessoas. As noções de espaço, pertença, todas elas começam ali. O bairro e a cidade começam a partir da casa materna. Todos os caminhos partem dela, centro do mundo e das referências, que serão levadas por toda a vida.

[...] Portanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialécticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”... Por que a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo...<sup>21</sup>

---

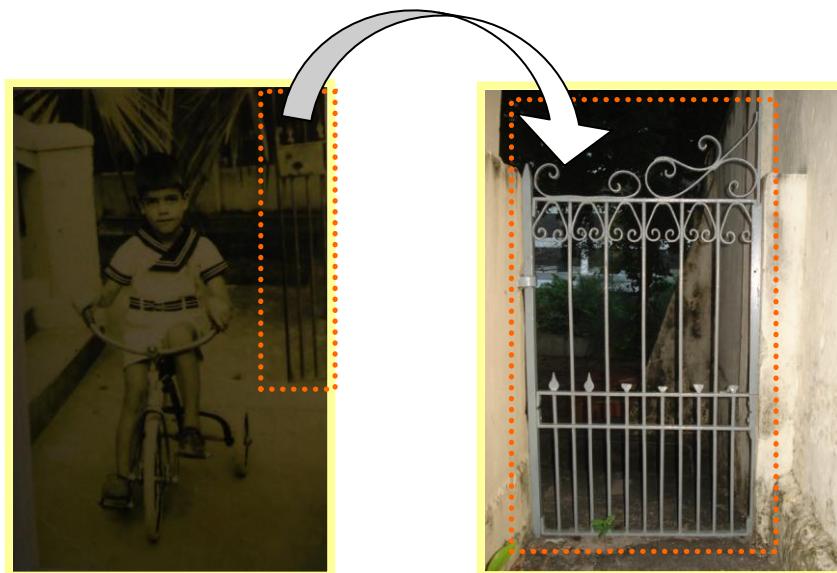
<sup>20</sup> Trechos de relatos da senhora Guilhermina Gondim.

<sup>21</sup> BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de: Pádua Danesi. Revisão da Tradução de: Rosemary Costhek Abílio. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 24.

Podem derrubar suas paredes, arrancar-lhes o telhado, deixá-la nua, tombá-la. Até o último momento ela suportará com a “estranya dignidade” de uma dama que não perde a sua classe. E nesse último caso, ainda deixará os cheiros, os gostos, os sons, as fotos e as memórias.

Relembrando o dia em que o casarão do avô de seu marido foi demolido, local de sua infância, onde ele viveu suas primeiras emoções, a Sra. Douvina, esposa do Sr. Christiano Câmara, conta-nos um pouco disto rememorando o que ele lhe disse ao voltar do local, trazendo consigo partes da demolição:

E nós fomos lá quando estavam demolindo a casa, ele quase fica louco! Ele telefonou pra imprensa, pra televisão, pra Rádio, pra tudo, no telefone sem fio, que ele anda pra lá e pra cá... “Minha filha, está aqui o que restou da minha geografia sentimental: dois tijolos e um pedaço de portão! Ainda hoje quando eu me deito eu me lembro do cheiro dos livros do meu avô!”.<sup>22</sup>



**Imagen 13:** Sr. Christiano Câmara em frente ao portão da casa de seu avô (infância).  
Fonte: Arquivos familiares - Christiano Câmara

**Imagen 14:** Parte do portão da casa do avô do Sr. Christiano Câmara instalado em sua residência atual.  
Fonte: Arquivo pessoal

<sup>22</sup> Trechos de relatos da Sra. Douvina sobre os comentários do Sr. Christiano Câmara quando este voltara da demolição do casarão de seu amado avô, por ocasião da construção do Mercado Central de Fortaleza, em consequência da venda do antigo imóvel efetuada por um tio. O casal guardou o “pedaço do portão” junto aos dois tijolos em seu quintal. Hoje, depois de restaurado, encontra-se fixado no corredor lateral da casa. O mesmo aparece em uma única fotografia que o Sr. Christiano mantém sua, na casa de seu avô, de quando era criança.

Nos mapas mentais afetivos da senhora Douvina viajamos até a casa de seus avós, em Jaguaribe, cheia de detalhes delicados, como os pratos pintados em porcelana e as inscrições pelas paredes da sala de jantar. Hábito que seguiu com ela até sua residência atual:

A casa do meu avô era a coisa mais linda do mundo! Ninguém sabe que fim se deu às coisas. A minha avó tinha uns pratos, que o fundo dos pratos era um desenho com pinturas, quadros de cantores de óperas, verdes, eu tenho um prato desses.

[...]

Na casa dela a penteadeira era daquele tipo baixinha, mas tinha, dos lados, assim: espelho aqui e espelho dos lados. Ai tinha o que chamava polcarina, que era de botar pó. As coisas mais lindas do mundo, as polcarinas da minha avó! Olhe eu vejo tudo isso, eu vejo! Só não faço é mais poder pegar!  
[...]

E a casa do meu avô, a sala de jantar era toda escrita com pensamentos, a coisa mais linda do mundo. Lá em Jaguaribe. Não é mais assim, por que virou um depósito de coca-cola, e meu tio vendeu, a gente nunca mais foi... Mas tinha um pensamento que eu não esqueci nunca, nunca, nunca: "A calúnia está em toda parte, o caluniador em parte alguma".<sup>23</sup>

Como o jovem Octavien, personagem do romance de Gautear, diante da vitrina que continha aquele fragmento de cinza preta coagulada - resquício de lava que havia sido resfriada em torno do corpo de Arria Marcella, conservando-lhe o contorno por vinte séculos;<sup>24</sup> também assim me coloco diante desses singulares monumentos que são testemunhos de uma época que não volta mais, e que salvaguardam em suas reentrâncias e saliências os vestígios de uma cidade invisível.

O fato de ter a formação em arquitetura e urbanismo certamente me inclinou de modo a enveredar por essa vertente. Sou arquiteta e urbanista e sempre gostei de cidades, casas e pessoas. Observo-as e analiso-as em todo o tempo que posso.

---

<sup>23</sup> Trechos de relatos da Sra. Douvina de Andrade Câmara.

<sup>24</sup> GAUTIER, Theophile. **Arria Marcella, lembranças de Pompeia.** Tradução de: Geraldo Gerson de Souza. Coleção canto literário. São Paulo, SP, 1999. p. 01, 08.

No caso das cidades; o seu desenho, a sua forma, os fluxos gerados dentro e em torno delas. Em relação às casas; também seu desenho, sua forma, os aspectos pelos quais são denunciados época e padrão social e construtivo, a delicadeza e a riqueza dos detalhes. Nas pessoas; aquilo do que elas gostam, o que lhes detém a atenção e aquilo o que deixam passar despercebido em seus atos.

Diante da escolha pela profissão, opção pela que une todas as coisas as quais gosto de estudar: Arquitetura e Urbanismo. Onde se aprende a projetar sejam casas, empresas, escolas ou até cidades; mas sempre para pessoas habitarem, trabalharem, estudarem ou conviverem nesses locais. Portanto, antes de tudo, aprendemos a perceber e a estudar o principal: as pessoas.

Na verdade, tal inquietação é anterior à formação acadêmica. Ela vem desde a infância. Nem me lembro dos tempos em que essa atitude descomprometida com o patrimônio, que infelizmente é “a cara” de Fortaleza, não me chamava a atenção. Contudo, apesar de saber o que queria registrar, ainda não sabia com clareza como fazer, nem de que maneira exata isso seria conduzido. Mas sabia que seria algo de caráter multidisciplinar. Iria além da esfera arquitetônica, para além do urbanismo e do patrimônio. Algo além de tudo isso.

Como afirma o pintor Lapicque, citado em obra do autor Jean Lescure,

[...] nem por um instante se trata de refazer exatamente um espetáculo que já pertence ao passado. Mas necessito revivê-lo inteiramente, de uma maneira nova e pictórica desta vez, e, assim fazendo, dar a mim mesmo a possibilidade de um novo choque.<sup>25</sup>

Pus-me a “flanar” pela cidade em busca de localizá-las - obras de arte cheias de elegância - pois apesar de ainda não saber aonde tudo isso iria me levar, já sabia por onde deveria começar.

---

<sup>25</sup> LAPICQUE. In: LESCURE, Jean. *Lapicque*. [S.L.]: Galanis, [s/d]. p. 132.

Dispersas na paisagem urbana atual, estão oprimidas pelo novo e caótico desenho que não as levam em conta nem na harmonia do todo, nem em sua concepção. Encontram-se desconectadas do seu entorno, quase que impreverivelmente.

Passante e atenta ao que vem adiante dos olhos, o primeiro passo dessa busca foi num intuito de descobrir onde elas ainda estão dispostas dentro da cidade, de colher as impressões dos lugares onde elas ainda resistem, para depois, então, registrá-las. Como se nessa atitude pudesse salvá-las de alguma forma, nem que fosse através de sua imagem – “tentativa vã de iludir o tempo, forma ilusória de tentar apreender o passado”.<sup>26</sup>

A princípio a intenção era inventariar cada patrimônio edificado, cada imóvel antigo de uso residencial, fazendo também levantamentos fotográfico, arquitetônico e historiográfico. A começar pelos que ainda resistem no Centro - berço da cidade; sítio original; toda a cidade em tempo mais remoto. E continuando o inventário por cada bairro da cidade onde ainda fossem encontrados esses exemplares; “de pé” ou em ruínas. “A casa como instrumento de análise para a alma humana”.<sup>27</sup> O que certamente me consumiria muito tempo; seriam necessários alguns anos até conseguir levantar dados sobre todos eles. Para localizá-los, já demandaria um bom tempo. Trata-se de onde se deseja um dia chegar, apesar de saber que, infelizmente, à medida que avançar no levantamento de campo corre-se o risco de presenciar um efeito dominó, cujas as pecinhas seriam as casas, o jogador que as empurra, além da especulação imobiliária. Talvez ao retornar para uma delas em busca do levantamento historiográfico não a encontre mais em seu lugar (e isso seria bem provável).

Fico então com a primeira parte; busco esses “monumentos” históricos no Centro da cidade. Chamo-os assim em acordo com Françoise Choay quando coloca que, além de possuírem origem espaço-temporal (portanto histórica), trazem a memória, lembram, fazem recordar. E de uma forma não-intencional, ou seja, não

---

<sup>26</sup> BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas, Volume II, 1<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

<sup>27</sup> BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução Antonio de: Pádua Danesi. Revisão da Tradução de: Rosemary Costhek Abílio. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 20.

foram construídos para essa função, mas passam a se apropriar dela com o passar do tempo.<sup>28</sup> Sendo assim, fica traçado também o limite físico da pesquisa: o bairro Centro da cidade de Fortaleza.<sup>29</sup>

À medida que ia me inteirando do múltiplo valor desses monumentos, percebia que esse trabalho apontava para além de um inventário, por mais rico e ilustrado que fosse. Havia muito mais do que pedra, madeira e tijolos naquelas casas. Elas pulsavam em histórias e memórias vivas, convivendo ao mesmo tempo no “século das pessoas”<sup>30</sup> e de grandes transformações urbanísticas da cidade. “Uma história que é ao mesmo tempo urbana e familiar”.<sup>31</sup>

Como bem ressalta Bachelard,

[...] a casa é, à primeira vista, um objeto rigidamente geométrico. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade inicial é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta predomina. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana... Mas [...] não se trata de descrever casas, de pormenorizar-lhes os aspectos pitorescos e de analisar as razões do seu conforto. É preciso, ao contrário, superar os problemas da descrição – seja ela objetiva ou subjetiva, isto é, quer se refira a fatos ou a impressões – para atingir as virtudes primárias, aquelas em que se revela uma adesão inerente, de certo modo, à função original do habitar.<sup>32</sup>

Mas como absorver isso o que é imaterial? Como apreender essas experiências de vida que estão no imaginário dessas pessoas e em seus arquivos pessoais e de família? Essas que ainda salvaguardam suas memórias, e as de outras tantas pessoas que também vêm nessas casas pontos de referências,

---

<sup>28</sup> CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

<sup>29</sup> Ver os mapas: **Mapa 21** – Localização bairro Centro; **Mapa 22** – Limites do bairro Centro.

<sup>30</sup> Referência ao século atual, também assim chamado no meio acadêmico.

<sup>31</sup> BORGES, Luiz C. Prefácio à primeira edição. In GONDIM, Linda M. P. **Uma dama da belle époque de Fortaleza**: Maria de Lourdes H. Gondim: ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana. 1<sup>a</sup> ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2001. p. 16.

<sup>32</sup> BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de: Pádua Danesi. Revisão da Tradução de: Rosemary Costhek Abílio. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 24, p. 63 - 64.

signos de uma vida inteira. Como determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços amados?

Em suas cartas e bilhetes que costuma escrever à sua esposa durante suas madrugadas de devaneios poéticos, o Sr. Christiano Câmara reflete a esse respeito, como podemos conferir em trechos de algumas que se seguem:

Minha filha,

Sua sensibilidade já deve ter percebido que eu sofro em silêncio pelas rachaduras que aparecem nas paredes do nosso ninho. Ao mesmo tempo, fico feliz ao constatar que estas rachaduras estão longe de se apresentarem no nosso relacionamento afetivo, restringindo-se tão somente às dobras que o tempo impõe à fisionomia de nossa casa como um castigo por ela ter vindo de tão longe! Aliás, as próprias paredes são testemunhas mudas de sonhos lindos, amamentando momentos mais belos ainda!<sup>33</sup>

Minha filha,

Ante-ontem, ao meio-dia, ao lhe perguntar que barulho foi um que escutei, você, com a maior naturalidade deste mundo, respondeu-me que era apenas uma porta que estava rangendo... De fato, estava ventando muito... Ainda assim fiquei a conjecturar se ela não estaria gemendo ao peso de tantas recordações... Afinal, ela é testemunha ocular desta casa desde antes do meu nascimento: já presenciou muitos acontecimentos do dia-a-dia deste meu berço... Quem sabe se ela não queria trocar confidências?... Perguntar talvez para onde foram todos os outros moradores. Por que nenhum deles retornou, deixando-me sozinho a recordar o Passado. Lembro agora que o próprio relógio da parede sempre insistiu em só querer marcar as horas de ventura. Tudo isto pode soar como divagação, mas, foi o que ocorreu...<sup>34</sup>

As casas foram feitas para receber o adeus e proteger-se do esquecimento. Chegamos a elas e permanecemos nelas, mesmo se estivermos ausentes, porque recordá-las também é habitá-las. “Os valores de proteção e resistência da casa são transpostos em valores humanos. A casa adquire as energias físicas e morais de um corpo humano”.<sup>35</sup> Como podemos perceber nestes fragmentos de relatos da senhora Douvina sobre o sofrimento do seu “velho” ao ver sua casa apresentar rachaduras, bem como num bilhete a ele endereçado noutro momento que temia perder sua morada:

<sup>33</sup> Trecho de um bilhete escrito pelo Sr. Christiano Câmara, endereçado à sua esposa, a Sra. Douvina Câmara.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de: Pádua Danesi. Revisão da Tradução de: Rosemary Costhek Abílio. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

O meu velho andava se lamentando muito, por que a casa já tem umas rachaduras e estava com muitos anos que a gente não mexia, por que não dava mais pra mexer, quando menos esperava não dava mais.<sup>36</sup>

[...] Uma vez você mesmo disse que era feliz no seu mundo, e que ele era a sua casa. [...] Meu velho e Pequeno Príncipe, não temas. Não permita que nada o aflija, sua casa jamais cairá em ruínas. Ela está eternizada nos corações de todos nós que te amamos.<sup>37</sup>

### 1.3 Caminhos da memória

Percorrer os caminhos formados em princípio pelas antigas casas do Centro é buscar as pistas. As formas de tijolo e pedra são apenas o primeiro momento do percurso; seus habitantes idosos com seus arquivos familiares são as referências buscadas dessas memórias. Penetrar o interior desses ambientes, conhecer as histórias das pessoas, conectá-las aos momentos marcantes também para a cidade - pois a apropriação, a utilização e os significados dados aos lugares são objetos fundamentais. Todavia, se deve pensar de maneira mais detida as transformações no espaço da casa, no cotidiano dos seus residentes.

A relação entre a memória e a cidade tem em Ecléa Bosi uma referência importante. Em seu artigo “Memória da cidade: lembranças paulistanas”<sup>38</sup> traça um roteiro de pesquisa que vai do espaço construído para a memória das vidas privadas, e, delas, para uma reconstrução da própria cidade e seu sentido. Em suas palavras:

---

<sup>36</sup> Trecho de relatos da senhora Douvina de Andrade Câmara.

<sup>37</sup> Trecho de um bilhete escrito ao Sr. Christiano Câmara pela sua amiga, a enfermeira Natércia Bruno.

<sup>38</sup> BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**. São Paulo, Vol.17, nº 47, 2003.

[...] O que me contaram os velhos sobre sua cidade? Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças, correndo sobre o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos muitas vezes de nossos avós. A passagem do cometa Halley com sua cauda luminosa varrendo o céu paulistano, os mata-mosquitos de Oswaldo Cruz nos bairros varzeanos, a gripe espanhola, as peripécias de Meneghetti, ladrão simpático que roubava dos ricos para dar aos pobres... O vôo do Zeppelin sobre o Viaduto...<sup>39</sup>

A memória parte aqui para uma estratégia do lugar privado. Para as histórias privadas das famílias e das casas que as abrigam. A estratégia de pesquisa então se desenha e aponta como ponto de partida a memória de informantes específicos: habitantes antigos do centro de Fortaleza.

O recurso da história oral é assim, fundamental, como forma de busca da memória. Apesar de não se tratar de um trabalho destinado a discutir as bases da história oral ou suas diretrizes, ela será tomada como ferramenta e grande aliada.

O acesso a fontes como fotos e outros registros da vida privada das famílias está de certa forma também condicionado aos relatos orais dos informantes. Essas memórias pessoais como instrumentos de pesquisa têm referência principal em Ecléa Bosi. Em seu “O tempo vivo da memória”<sup>40</sup> ela expõe a riqueza e a complexidade desse recurso. Pode-se mesmo afirmar que a memória é um fundamento da própria linguagem, pois, sem ela, o que teríamos para falar ou contar?

A memória traduzida em palavras, e que transmite uma experiência vivida, tem interesse. Através dela, pode-se ter acesso aos momentos passados que permanecem, mesmo que sem deles se tome consciência, como motivos para o comportamento presente. Como afirma Ecléa Bosi:

[...] sob essa diversidade há uma ordem e um ritmo cuja seqüência é portadora de um sentimento de identificação. A seqüência de movimentos

---

<sup>39</sup> BOSI, 2003.

<sup>40</sup> BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

na calçada segue ritmos que se aceleram e se abrandam em horas certas e vão se extinguindo devagar, quando as janelas se iluminam e as ruas se esvaziam. Depois, as janelas vão-se apagando e fechando, menos alguma que resiste ainda, da qual escapa um som que finalmente silencia.<sup>41</sup>

Mas não se pode restringir a cidade somente em termos visuais. Ela possui vários mapas mentais sonoros, afetivos, compartilhados por seus habitantes que, decodificando elementos familiares, encontram segurança e proteção. Este trecho de uma carta escrita pelo Sr. Christiano Câmara nos traz uma percepção destes mapas:

Seis e vinte da manhã e a moradora da (casa) 180 já está a varrer a calçada e o faz com tanta ternura que até parece recolher, entre suas pedras, todas as recordações de sua própria vida ali vivida. Na passarela de sua lembrança avultam todos aqueles que, um dia, foram seus vizinhos: Pelo milagre da imaginação, o Edifício do Murilo volta a ser residência de “Seu” Antônio: à janela, Carmem e Firmina. Dona Georgina, Joaquim Antônio e Roberto estão lá pra dentro. De longe, lá da (casa) 162, vem a voz de Dona Zuleika chamando o Christiano que desceu o quintal para o riacho... Interessante é que, vez por outra, Roselie vê, na TV, um senhor com o mesmo nome dele, mas, no fundo, no fundo, ela sabe que aquele menino ainda permanece naquele riacho... De repente, ela ouve a voz de Douvina (grávida de ternura) dando-lhe “bom dia”; então, percebe que já são seis e meia do dia 20 de setembro de 2006.<sup>42</sup>

As lembranças da senhora Douvina constituem mapas afetivos sonoros que nos revela como se sucedia o maior evento da cidade de Jaguaribe antes da construção do açude Orós: a chegada do Rio Jaguaribe:

Ele chegava, quando chegava, ele vinha estreito, “oummmmm”, ai quando enlargetecia aquele mundo d’água! E a gente na beira do rio, vendo o rio chegar! O rio passava ali, a gente aqui, vendo o rio chegar! Ainda ouço aqui a zoada - “oummmmm” - aquele mundo d’água, se espalhando, na largura todinha que era o rio seco. Ai a gente passava um ano, um ano e pouco, dois anos, ele sempre cheio, indo tomar banho nesse rio. A gente andava

<sup>41</sup> BOSI, 2003.

<sup>42</sup> “Travessa da Saudade” - carta escrita pelo Sr. Christiano Câmara, em 20 de setembro de 2006, sob esse título, durante uma de suas habituais madrugadas de insônia e trabalho intelectual.

quase três quilômetros a pé, por dentro da cidade, pra ir lá atrás do cemitério, que era longe - todo cemitério é um pouco longe, não é - pulava duma árvore e vinha descendo, dentro d'água, pelo Rio Jaguaribe! Quem foi que fez isso heim? Só a Douvina! Ai vinha vindo, quando a gente chegava atrás da minha casa, onde minha mãe morava, a gente ouvia os gritos de mamãe: “- Douvina! Cid! Neuma! – que eram os três filhos mais velhos – venham almoçar!”. Por que a gente chegava do colégio e a primeira coisa que fazia era trocar o maiô, enquanto ela terminava o almoço, e ia pro rio.

Mas quais são as sugestões que Ecléa Bosi propõe para materializar a pesquisa baseada em biografias e história oral? Em primeiro lugar, obter informações objetivas a respeito do assunto de que irá falar o depoente. Em seguida, efetuar uma aproximação pessoal aos contextos aos quais ele pertence, indo, se possível à sua casa. E "sair com ele, caminhar ao seu lado nos lugares em que os episódios lembrados ocorreram".<sup>43</sup>

Este andar evidentemente pode ser virtual, se os eventos relatados forem distantes, no tempo, no espaço. Cabe efetuar uma conversa prévia (ou pré-entrevista, mas não fica claro o quanto o "pré" já não é começo) para adquirirmos informações a respeito do que constitui o cerne de suas preocupações. Dos termos que usa e do modo de reconstituir o passado que é bem dele. E, sobretudo, formar laços de amizade. Estes laços são tão necessários quanto inevitáveis. Ocorrem porque, ao perguntarmos sobre o passado do depoente, estamos nos colocando na posição de pessoa que se interessa por ele e que quer partilhar as suas experiências.

Ecléa Bosi ressalta a importância das hesitações e dos silêncios:

[...] os lapsos e incertezas das testemunhas são os selos da autenticidade... A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> Idem, op. cit. p. 60.

<sup>44</sup> Idem. op. cit. p. 63 – 65.

No trabalho de colher um depoimento se deve perceber a forma como o depoente ordena as suas lembranças. Os aspectos da narrativa que ele ressalta; os que ele deixa menos detalhados; os momentos de transição nos quais se revelam as passagens de sua vida. E os seus esquecimentos. Tudo serve para que surja um campo global de significação, extraído dos muitos fragmentos colhidos, numa totalidade que Ecléa Bosi qualifica de “gestáltica”.

Podemos perceber o que Ecléa nos diz nos fragmentos dos relatos colhidos da senhora Guilhermina Gondim, observando que os aspectos relativos ao seu mundo pessoal, as suas emoções particulares, são sempre preteridos:

Meu primeiro namorado – a Margarida<sup>45</sup> é que lembra demais – eu ainda usava tranças, o cabelo enorme! [...] Eu não lembro [...] Margarida é quem se lembra...

[...]

Margarida vinha me dizer: “Guilhermina! Aquele teu fã está atrás de ti de novo! Já passou aqui!” – e eu gelava! Eu tinha um medo! Uns quatorze anos eu tinha. E eu fui? Eu não fui de jeito nenhum! Eu ficava pensando tanto no papai, que eu nem sabia quem ele (fã) era, só sabia que era bonitinho e tal e que ficava vindo ali.

[...]

Zé Arlindo ficava de olho na gente! [...] Ele era o mais velho, todas nós éramos meninas - treze, quatorze, quinze anos - não permitiam de jeito nenhum! [...] Ele dizia: “- Olhem, vocês tomem cuidado, aqueles rapazes, vocês não têm idade pra ficar olhando pra rapazinho assim!”.

[...]

A infância... Pois bem; nós *começarmos* estudando... foi nas Dorothéas, ou foi na Imaculada? Eu não estou bem lembrada. [...] Mas uma vez saiu toda a minha biografia no jornal, eu podia ter até anotado, não era?

Em destaque os aspectos relativos às referências familiares; família e religião parecem ter representado um peso muito maior do que os seus desejos em suas decisões ao longo da vida:

---

<sup>45</sup> Senhora Margarida Gondim Beleza, irmã da senhora Guilhermina Gondim, com quem guarda grandes afinidades. Muito amigas desde a infância, sua citação é recorrente nos discursos de D. Guilhermina. Mas infelizmente não foi possível entrevistá-la, posto que não residia em Fortaleza desde o seu casamento e o único encontro que tivemos foi na ocasião de um concerto em homenagem às bodas de seus avós. Logo depois, ainda no decorrer deste trabalho, lamentavelmente adoeceu gravemente chegando ao óbito.

Eu lembro bem da minha primeira comunhão, ah... Ai eu me lembro! Nós morávamos na Rua Barão do Rio Branco, papai quase compra esta casa que a gente morava, era dos frades, capuchinhos, essa casa. Eu fiz primeira comunhão lá, no Carmo, com um vizinho nosso. [...] Esse ai eu já me lembro, era menorzinha (risos...)! O Dr. Mathos, da Federal (UFC), fez primeira comunhão comigo. Eu sei que uma vez eu o vi na Praça do Carmo, e disse: "Thereza, eu fiz minha Primeira Comunhão com este senhor".

[...]

No tempo da minha Primeira Comunhão eu acho que eu tinha bem uns dez anos ou mais, eu era magrinha! Foi na Igreja do Carmo, a gente só freqüentava a Igreja do Carmo. [...] Tinha a missa, parece-me que a missa era antes, as visitas eram depois. A missa sempre era na Igreja do Carmo. Meu irmão, aquele ali (da foto na parede do corredor), o Assis, casou ali, na Igreja do Carmo.

Após colher os depoimentos, Ecléa nos indica finalmente mostrá-lo, depois de transcrito, a quem o forneceu, para que possa apreciá-lo e tenha a liberdade de modificá-lo. Quando ao depoente não for dada a faculdade da leitura, por qualquer motivo (que não cabe questionar nesse primeiro momento de aproximação), deve o pesquisador procurar transmitir-lhe oralmente a entrevista, de forma a lhe permitir a mesma liberdade.

## CAPÍTULO 2

---

## Capítulo 2. A CIDADE DOS ANJOS E DAS ARCAS

### 2.1 Arcas e Anjos

Há um quadro de *Klee* que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.<sup>46</sup>

Na atitude de colecionar/preservar e apresentar fragmentos do passado, nossos recordadores convergem para um mesmo ponto. É a resistência ao que possa parecer atual, a crítica – mesmo que discreta ou escancarada – à sociedade em que vivem agora, o que os tornam semelhantes entre si. Encontram-se os mesmos, aqui neste trabalho, como que numa tentativa de colecionar histórias de pessoas que colecionam esses fragmentos - marcas de um passado perdido, retratadas na moralidade profunda que carregam em si.

Esses se assemelham - como assinala Sebald - a “anjos desterrados”<sup>47</sup> que caminham sobre a terra de um mundo que não compreendem; com o qual não

---

<sup>46</sup> BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>47</sup> SEBALD, Winfried Georg. **Os Emigrantes**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Record, 2002.

se identificam; nem o aceitam. Entrevistá-los, ler suas anotações e apreciar as suas fotografias de família, é procurar esses fragmentos e tentar decifrá-los no sentido de encaixar “peças-elo” que parecem faltar quando analisamos nossas relações e rotinas atualmente.

Ao mesmo tempo essas partes/fragmentos são seus arquivos pessoais e arquivos do que resta de humano num momento onde o tecnicismo e a ausência de significação imperam soberanos. Não somente nas sociedades capitalistas, como bem destaca Mumford em seu capítulo “O Mito de *Megalópolis*”,<sup>48</sup> tais características também estiveram presentes nas sociedades de regime socialista, denunciando algo sintomático. Um padrão cíclico assumido com o desenvolvimento das civilizações - de *crescimento-expansão-desintegração* - onde é preciso atingir o cume deste ciclo para poder-se partir para outras formas de comportamento.

Num entendimento de que a memória se decanta nos locais de nosso convívio e que obtiveram significado para nós, assumindo um comportamento topográfico, ela deixa marcas, como também, numa poltrona antiga de leitura ao nos levantarmos dela. Cada recordador ilumina aquilo que julga ter sido significativo em sua vida, e, para reforçar isto, guarda fotografias daquele momento – mesmo que uma fotografia imaterial em sua mente -, guarda os sons - em discos, partituras de piano, ou a imagem deste na lembrança das teclas de marfim – e manuscritos.

Tecendo uma manta de figuras imagéticas e/ou materiais a partir de detalhes de um cotidiano aparentemente banal, esses recordadores passam de “frágeis” a “eternos”. Suas casas, igualmente “vulneráveis” e antigas, transformam-se em Arcas que os acomodam e nos transportam a um passado significante, a partir de um presente onde não se sabe muito bem como lidar nem com um, nem com outro. Arcas e Anjos são vistos comumente como “ruínas” e “velhos”, respectivamente, e por isso mesmo devem, ambos, padecer.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> MUMFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

<sup>49</sup> Refiro-me ao senso comum; ao estágio atual de desrespeito ao que é antigo, podendo ser este uma pessoa, uma casa, um objeto, um comportamento, uma expressão, enfim.

A negação de tudo o que é velho e antigo por parte da sociedade em geral é percebida por nossas recordadoras, tornando-se um ponto recorrente nos discursos de todas as três. O que podemos conferir em trechos de seus depoimentos a seguir:

Então a moça do banco diz que não vou ser roubada nunca e eu respondo: "Se Deus quiser!". Por que a pessoa vai ficando mais velha e é pior ainda. Todo mundo quer se aproveitar, porque já é velho. Mas comigo, eu me previno! <sup>50</sup>

O povo não quer mais nem fita VHS, nem vídeo (aparelho de vídeo cassete). Ai pronto; levam tudo lá pra casa, lá em casa tem de dez a quinze vídeos de pessoas amigas da gente que perguntam: "- Ah, eu vou mandar pro Christiano! Se o senhor não quiser, faça o que o senhor quiser" - e LP é um absurdo! <sup>51</sup>

Eu fiz correspondência... Que respeite, viu! Agora eu não tenho mais, botaram tudo fora, com as mudanças. Cartas de jornalista... Menina, mas eu adorava! Minha irmãzinha Thereza tem horror à coisa velha, a tudo o que é velho – eu to de olho nela, pra ela não botar fora, eu vivo de olho nela! Mas esse jornalista, mas que cartas maravilhosas! Redigia tão bem! Não tem mais nenhuma; nenhuma pra fazer remédio! A Thereza jogou fora, dizia: "- Não te interessa mais, você não quer!" <sup>52</sup>

Falar de casas antigas e de seus habitantes é uma questão que envolve uma preocupação com a preservação do nosso patrimônio material e imaterial. É uma questão de identificação, significação e cultura. Classificar esse patrimônio material requer um esforço no sentido do levantamento minucioso; do registro fotográfico/pictórico em geral; da observação dos detalhes construtivos, materiais e técnicas que denunciam época, estilos. Mas apreender a parte imaterial de um e de outro depende da ação de colher os relatos de quem lá habitou; de interpretar as suas imagens guardadas e os significados dados a estas.

Segue-se, então, para cada um desses *Anjos-recordadores-preservedores* e suas Arcas simbióticas, tópicos de capítulos de modo a transmitir

---

<sup>50</sup> Trecho do depoimento da senhora Zizi Menezes.

<sup>51</sup> Trecho do depoimento da senhora Douvina Câmara.

<sup>52</sup> Trecho do depoimento da senhora Guilhermina Gondim.

sensações obtidas em encontros específicos. Bem como no intuito de deixar que eles mesmos “venham ter com o leitor”, iluminando, com peculiar critério, momentos, locais e objetos biográficos de suas vidas.

As três pessoas entrevistadas que tiveram parte de seus depoimentos trabalhados aqui são do sexo feminino e têm idades diferenciadas entre si, porém, todas elas acima de sessenta anos (nascimentos em 1921, 1932 e 1940). O critério estabelecido na escolha da “amostragem” foi, portanto, preliminarmente aleatório, pautando-se nas peculiaridades de suas residências que são testemunhos de um passado que interessa e se mantém vivo nos hábitos de seus habitantes que ainda nelas permanecem. Além dos relatos, pode-se ter acesso a arquivos pessoais como antigas cartas, fotografias e álbuns de coleções.

Feita uma primeira seleção pautada nas características estilísticas, arquitetônicas e/ou históricas das residências da área estudada – o Centro – partiu-se para uma tentativa de uma pré-entrevista com o possível morador antigo da casa. Quando encontrado o “casamento” entre os “objetos” casa e morador antigos, uma última questão: a disponibilidade em fornecer os depoimentos; fosse no quesito saúde, fosse no quesito que se refere a querer participar da pesquisa.

Devido o período vivenciado por todas as participantes da presente pesquisa ter sido caracterizado por uma sociedade onde os homens se caracterizavam como os provedores e as mulheres as mantenedoras do lar e da família, nada mais apropriado do que entrevistar as mulheres que ajudaram a manter estes monumentos com vida até dias de hoje para procurar entender melhor esta relação entre casa e morador antigos.

A primeira delas, uma senhora muito bela fisicamente, de educação refinada e de uma história cheia de charme, a Sra. Maria Guilhermina Gondim é aposentada pela Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal de Fortaleza, onde trabalhou por todo o tempo de serviço, desde que fora admitida por concurso público. Provém de uma família de músicos, onde quase todos os irmãos tocavam e alguns cantavam, por influência direta da mãe, a pianista Maria de Lourdes Hermes Gondim. Fez parte de um grupo de cantoras juntamente com duas de suas irmãs –

Maria Margarida (*in memorian*) e Maria Suzana (*in memorian*) – conhecidas como “As três Marias”. Atuou no Rádio como cantora junto ao trio e após os casamentos de suas duas irmãs prosseguiu cantando sozinha. Ao surgir a televisão fez algumas participações, desistindo da carreira logo que sentiu um certo incômodo em relação ao clima “nada familiar” do lugar. Sua residência fica na Rua General Sampaio e representa certamente um dos exemplares residenciais antigos de maior valor estilístico da cidade.

A segunda entrevistada, a senhora Maria Osiléa Menezes, também é aposentada, mas devido um problema de ouvido que herdou da mãe e que se apresentou ainda em sua juventude, impediu-a de trabalhar. Muito perspicaz, sempre trabalhou em casa fazendo costuras para clientes do Colégio da Imaculada Conceição, onde estudou e se formou no Curso Normal, obtendo o diploma de pedagogia. Dedicada, cuidou do pai desde que ele começou a apresentar os primeiros sintomas de arteriosclerose, seguindo com os cuidados para com sua irmã mais velha quando esta padeceu do mal de *Alzheimer*. Sua vida sempre foi muito reservada; os passeios, quase inexistentes, restringiram-se à missa, ao cemitério (para visitar a mãe que falecera quando ela ainda era uma criança), e, mais tarde, diversificando-se com as idas ao Cine São Luis nas sessões de 10h às 13h. Sua residência fica situada à Rua 25 de Março, tem valor estilístico considerável e padrão de preservação alto, posto que sempre moraram ali e da casa cuidam muito bem, mantendo-a com as cores originais até hoje.

A terceira entrevistada, a senhora Douvina de Andrade Câmara, é esposa do tão conhecido senhor Christiano Câmara. Estudioso do cinema e da música, é um colecionador de mão cheia destas artes e faz de sua residência um verdadeiro museu. É quase impossível falar de um sem falar do outro (e com o outro). Inseparáveis, fazem tudo juntos e falar de um é falar do outro (e com o outro). Mas o Sr. Christiano, quando retratado aqui, não aparece como o comumente visto em entrevistas e escritos a seu respeito. Sempre citado como o conhecedor da música, do cinema e do carnaval, trazemos aqui o saudosista Christiano das madrugadas de devaneios poéticos, que escreve longas cartas à sua amada enquanto esta dorme o sono dos justos. O “Pequeno Príncipe” que chora a destruição de sua “Travessa da

Saudade”, o pai carinhoso e o marido apaixonado. O Christiano Câmara retratado neste trabalho é o de dentro de casa, o companheiro da Sra. Douvina, a que não poupa nenhum trabalho para cuidar muito bem do seu “velho” e do museu que ambos mantém. E quem nos conta a história de sua casa e dela mesma é a própria Douvina, relembrando desde que sua Arca ainda era um pedacinho do quintal da casa do avô de seu marido.

## 2.2 O Casarão Arca

Uma experiência muito singular, o que me aconteceu em um dos primeiros contatos mais detidos que tive com esses exemplares de patrimônio edificado e seus habitantes, me fez começar a perceber as singularidades dessas casas antigas, o que vai muito além de descrevê-las materialmente. Segue o relato dessa experiência.

Mais uma manhã agitada de sábado no bairro do Centro de Fortaleza. Ao passar pela Rua General Sampaio, lado da sombra da tarde, logo após cruzar a Avenida Duque de Caxias, à altura do número 1406, percebi um casarão com marcos estilísticos do inicio do século XX.

Com uma câmera fotográfica em punho, em busca de edifícios que foram construídos para fins comerciais e institucionais no mesmo bairro, procedia com um levantamento que serviria para pesquisa com objeto bem definido e diferente deste.

De uso residencial, porão elevado e platibandas adornadas, a edificação tem estilo Eclético e elementos *Art Déco* em sua fachada. Possui acesso principal pela lateral, onde há uma bela escada esculpida toda ela e também seu corre-mão

em mármore do tipo Carrara. As esquadrias seguem um ritmo harmônico sequencial e são arrematadas em forma de arco pleno, na parte superior por adornos feitos nessas e também na fachada. Tema que se repete formalmente em seus subsequentes vitrais coloridos dispostos nas bandeiras das portas.



**Imagen 15:** Fachada principal do “Casarão-Arca”.  
Fonte: Arquivo pessoal

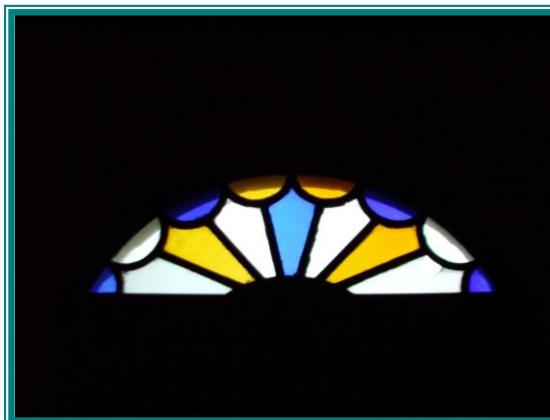


**Imagen 16:** Acesso principal do  
“Casarão-Arca”.  
Fonte: Arquivo pessoal



**Imagen 17:** Esquadrias laterais do “Casarão-Arca”.  
Fonte: Arquivo pessoal

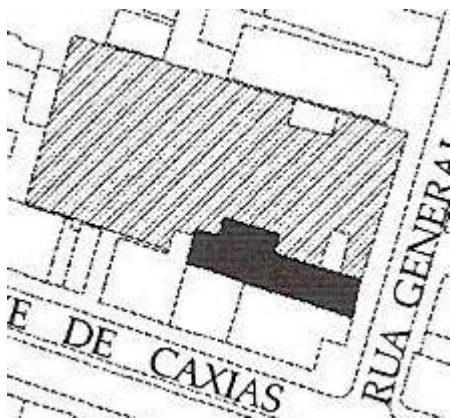
Possui uma varanda posterior dando acesso a uma grande área a qual sugere que havia um jardim. Destaque para a enorme esquadria contínua, feita em “trelicinhas” de madeira, que faz o fechamento da parte que parecia ser reservada para copa e cozinha. É sem duvida um dos exemplares da maior elegância que se construiu ali. De maior importância arquitetônica, estilística e patrimonial dentre as residências antigas do Centro.



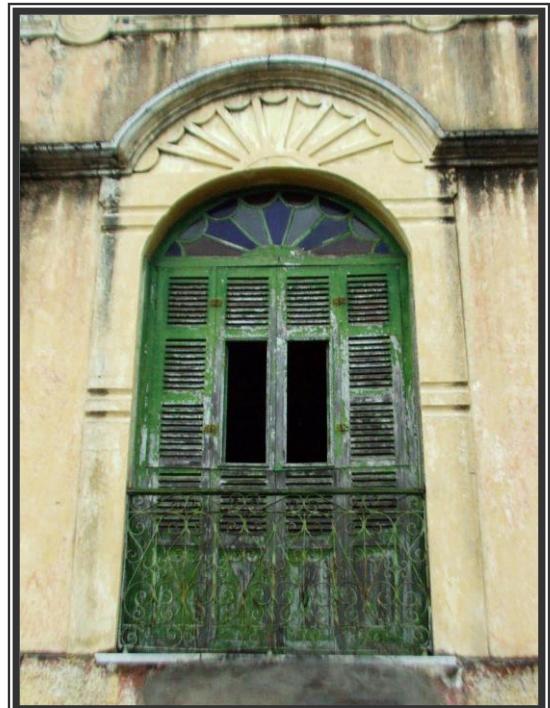
**Imagem 18:** Detalhe das bandeiras das esquadrias da fachada, decoradas em vitrais coloridos, repetindo o tema em relevo.  
Fonte: Arquivo pessoal



**Imagem 19:** Detalhe da esquadria da fachada dos fundos confeccionada em treliças de madeira.  
Fonte: Arquivo pessoal



**Imagem 20:** Detalhe da implantação da edificação dentro do lote.  
Fonte: Ilustrações do livro citado na nota de rodapé nº. 30.



**Imagem 21:** Detalhe das esquadrias em madeira e do guarda-corpo originais.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Logo me chamou à atenção a originalidade com que ainda se mantinham suas fachadas. Implantada sem recuo frontal e lateral sul, com frentes para a Rua General Sampaio e para uma área que denuncia a proto-existência de um amplo jardim, obedece a uma forma de implantação da edificação dentro do lote que se remete àquela praticada a partir da segunda metade do século XIX. Forma essa que introduzia elementos paisagísticos à arquitetura residencial, o que até então não era comum.

Até mesmo o gradil e as esquadrias de madeira ainda se mantinham aparentemente originais. Não resisti. Apesar de nada ter a ver com o meu objeto de pesquisa na ocasião, coloquei-me a fotografar. Comecei a fazê-lo ainda do outro lado da rua, fui me aproximando, no sentido de obter melhores ângulos. Quando percebi estava do outro lado da calcada, já adentrando os limites do terreno que se encontrava quase todo ele “ocupado” por um estacionamento, deixando livre apenas a área da edificação.

À primeira vista o velho casarão parecia estar abandonado, mas logo me surpreendi ao perceber que muito de sua arquitetura original era mantida, então como estar assim e abandonado ao mesmo tempo? Pois repare que se deixar uma casa vazia, abandonada, essa em pouco tempo cede às ruínas. Enquanto que, por mais antiga que ela seja, ao se ter um morador que nela habite, dela cuide e com ela se relacione, consegue atravessar séculos de existência sem tombar. Um dá vida ao outro, numa relação de protocooperação quase simbiótica.

Segunda impressão: ao perceber o estacionamento que ali estava disperso por toda a área externa do casarão até então de portas cerradas, pensei que lamentavelmente todo ele logo viria ao chão, junto com suas lembranças, quando se fizesse a compra do terreno pelo dono do empreendimento “invasor”.

Abre-se uma janela, surge uma senhora e com ela uma terceira hipótese me veio à mente: poderia ter sido alugada como “casa de cômodos”,<sup>53</sup> o que ocorre

---

<sup>53</sup> O mesmo que pensão, pequeno hotel de caráter familiar, onde as pessoas alugam os quartos a preços mais acessíveis, e onde mora uma família, geralmente proprietária desse bem, que não dispõe de condições financeiras para mantê-lo, transformam sua tipologia de uso como tal.

muito frequentemente com esse tipo de edificação mais antiga nos centros urbanos das cidades. Foi o que aconteceu com muitas das casas antigas e espaçosas na Rua Thereza Cristina, no mesmo bairro.

Após registrar os detalhes mais perceptíveis a certa distância, como portas, cornijas<sup>54</sup> e janelas, coloquei-me a fotografar em detalhe o belíssimo corrimão que, assim como toda a escada de acesso principal da qual ele faz parte, havia sido esculpido em mármore do tipo Carrara, trazido da Itália.

Assim como Octavien - personagem do romance de Gautier - ao retornar à noite à Pompéia e perceber que ela pulsava em vida, e, “[...] extremamente surpreso, perguntou-se se dormia em pé e caminhava num sonho. Interrogou-se seriamente para saber se a loucura não fazia dançar diante dele as suas alucinações; mas foi forçado a reconhecer que não estava dormindo nem era louco [...]”;<sup>55</sup> assim também me surpreendi quando essa senhora abriu a porta e me convidou simpaticamente a entrar, revelando como o interior daquele monumento era espantosamente ainda mais rico que o exterior, já ligeiramente registrado. Era como a viagem de Octavien. Estava em outra época certamente, na época das cantoras de rádio, dos concertos e programas clássicos com piano, dos saraus na Casa de Juvenal Galeno.

Tudo ali me transportava para um novo e antigo tempo: o das memórias daquela família, tão bem resguardadas pelas irmãs que ainda se mantinham igualmente firmes, como o casarão da Rua General Sampaio. Sigo com uma breve descrição do ambiente encantador, para que o leitor se familiarize e possa embarcar nessa viagem instantânea pelo tempo.

Ao subir a escadaria esculpida, depara-se primeiramente com uma grande porta feita de madeira, a do acesso principal, encerrada com bandeiras adornadas em arco pleno, contendo vitrais coloridos. Ao abri-la, existe um hall de entrada que ainda mantém a chapeleira à espera de tais acessórios. Logo em frente, uma portinha talhada também na madeira que lembra os antigos confessionários, e

---

<sup>54</sup> Conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior às obras de arquitetura.  
<sup>55</sup> GAUTIER, 1999. Paginas 42-43.

dá acesso ao também antigo oratório de Yayá<sup>56</sup>. À esquerda, um pequeno gabinete iluminado e arejado pelas grandes portas de fechamento duplo em madeira, dispostas lateralmente pela fachada com frente para a via pública. A sala de visitas, onde fica o piano, faz limites em forma de “L” com o gabinete e o oratório.

O assoalho em lambris de madeira natural está presente em todos os quartos da casa e também na sala. Pela circulação, um belo e antigo mosaico. Nas áreas molhadas (cozinha, banheiros e lavanderia), azulejos.

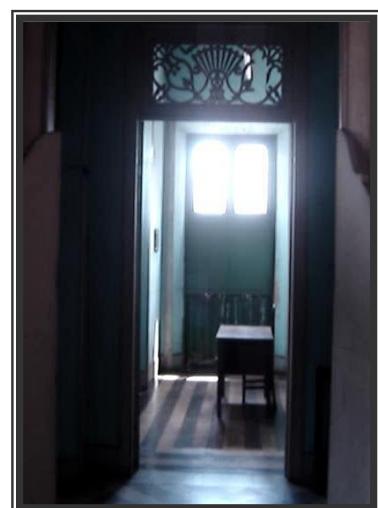
Todos os quartos são interligados entre si, através de portas comunicantes e meias-paredes e também se abrem para o corredor, o qual se estende até a copa. Destaque para uma relíquia disposta na parede lateral de um desses quartos, pelo lado da circulação, antes de se chegar à copa: um magnífico lavatório esculpido no mesmo mármore da escada de acesso principal.



**Imagen 22:** Detalhe do lavatório esculpido em mármore Carrara.  
Fonte: Arquivo pessoal.



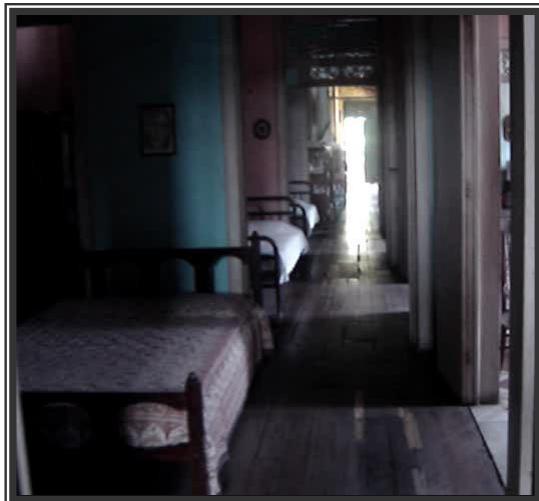
**Imagen 23:** Detalhe da porta do oratório em madeira trabalhada.  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagen 24:** Detalhes - gabinete, piso em lambris de madeira, bandeira das portas internas talhadas na madeira.  
Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>56</sup> Apelido carinhoso cujo qual todos se referem à matriarca da família, para quem foi construída a residência, entre 1910 e 1912, a Sra. Guilhermina Gondim.

O forro, também em madeira, tem em suas bordas uma moldura adornada e detalhes em treliças para que se dissipe o calor, que é amenizado pelo “pé-direito”<sup>57</sup> alto e pelo jardim para o qual todas as portas da casa se abriam. Portas essas trabalhadas na madeira, com duplo fechamento: o mais externo com partes em venezianas móveis e o mais interno com portinholas do tipo painel cego.



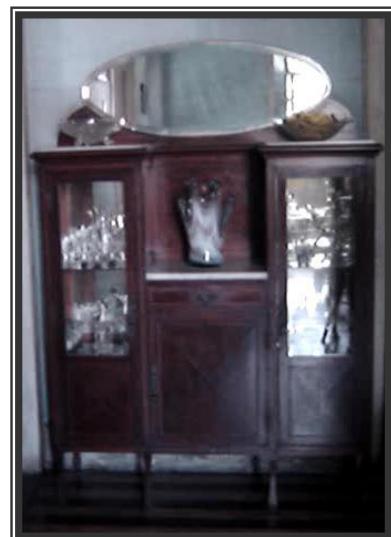
**Imagen 25:** Detalhe dos quartos interligados.  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagen 26:** Detalhe do piano na sala de visitas.  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagen 27:** Detalhe do forro – bordas e preenchimento em madeira.  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagen 28:** Cristaleira em madeira marchetada e espelho com acabamento bisotado.  
Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>57</sup> Distância medida entre o piso acabado e o teto (forro) de um ambiente.

Pelas paredes, fotografias emolduradas seguem uma lógica conceitual escolhida, posto que no corredor de entrada se dispõem as que fazem referência aos casamentos de todos os filhos de Dona Lourdinha.<sup>58</sup> Logo em seguida, acima do piano, pai e mãe, ainda noivos. Segundo o que me relatou D. Guilhermina,<sup>59</sup> as fotografias de ambos sempre se encontram dispostas lado a lado, obedecendo à época em que foram feitas. Dessa forma, quando há uma fotografia de Dona Lourdinha ainda jovem, há também uma de seu esposo do mesmo período, ambos ainda solteiros. E quando há uma fotografia dela já viúva, não há uma dele acompanhando esta.



**Imagen 29:** Armário guarda-roupas da Yaya.  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagen 30:** Casamento da Yayá.  
Fonte: Arquivo da família Gondim.



**Imagen 31:** Porta rasgada com guarda-corpo externo e bandeiras em vitrais coloridos.  
Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>58</sup> A Sra. Maria de Lourdes Hermes Gondim, filha de Yayá, de quem herdou o casarão.

<sup>59</sup> Maria Guilhermina Gondim, ou “tia Mina”, como costuma ser chamada na família. Neta da Sra. Guilhermina Gondim, “Yayá”, a quem se faz referência há pouco, e para quem foi construído o casarão onde mora hoje com sua irmã Maria Thereza Gondim.

Por toda a casa, móveis seculares, alguns deles ainda do tempo de Yayá. Na sala de visitas, o piano. Um pouco mais recente; data da década de 1930. Aquele que o precedia, e no qual Dona Lourdinha tocava para a família, certa vez viajou com todos para as férias em Mondumbim. Causou o maior alvoroço. Imagino que tamanha aventura deverá ter sido levar um piano na bagagem das férias, junto com os muitos filhos e suas malas. E ainda mais de trem! Como se não fossem suficientes todas essas emoções, havia um detalhe especial: Mondumbim jamais tinha visto nem ouvido um piano. Diz-se que vinha gente de todas as partes de lá para ouvir Dona Lourdinha tocar.

Segundo me relatou tia Mina (acostumei-me a assim chamá-la, de tanto ouvir e também a pedido dela mesma), ele foi vendido porque se encontrava tão antigo que “a afinação não segurava mais”, não valia mais a pena consertá-lo. Também, depois de uma viagem de trem, convenhamos!

Na copa, a mesa de Yayá foi doada ou vendida a alguém da família, e no lugar desta se encontra uma outra, também antiga, que “Duzuza”,<sup>60</sup> como era chamado na família, adquiriu comprando-a de seu grande amigo Firmeza. Foram colegas de profissão no Liceu do Ceará, onde lecionaram e onde os filhos estudaram juntos; e vizinhos de frente no Mondumbim, onde tinham casas de veraneio. Descobri mais tarde (justamente por conta dessa mesa) que esse amigo ao qual se referia tratava-se do pai de “Estriguinhas”,<sup>61</sup> tão conhecido memorialista de nossa cidade, e colega de Liceu e de infância de tia Mina e suas irmãs.

---

<sup>60</sup> Sr. José Leite Gondim, esposo de Maria de Lourdes H. Gondim, o “Duzuza” para os de dentro de casa.

<sup>61</sup> Como o chamam na família Gondim. Nilo de Brito Firmeza é historiador, artista plástico, odontólogo e memorialista. Entre outros feitos, como diversas exposições nos Salões de Abril, mantém, juntamente com sua esposa e também artista plástica, a Sra. Nice, o “Mini-museu Firmeza” localizado no sítio da família, em Mondumbim, onde atualmente reside o casal.

## 2.3 A Arca Cinza e Amarelo

No caminho quase que diário até a casa do casal Douvina e Christiano Câmara,<sup>62</sup> mantendo uma fachada pintada sempre em cinza e amarelo, situada à Rua 25 de Março, esquina com a Rua Pinto Madeira, na altura do número 747, há uma residência muito bonita, onde residem outras três “Marias”.

Essa edificação me chamava à atenção há tempos. Todas as vezes que passava por essa rua - que é uma das que mais resguarda a integridade física dos monumentos de mesma tipologia de uso e mesmo período construtivo - ela acenava, ressaltando aos olhos, despertando curiosidade.

Com adornos na fachada, esquadrias que seguem ritmo e simetria de forma clássica, dispostas lateralmente, do tipo “portas rasgadas” resguardadas por guarda-corpos em ferro fundido decorado, a casa possui recuo lateral para onde se abre um belo jardim. O muro que limita esse jardim e a calçada em frente é baixo, sendo continuado na porção superior por um belo gradil de ferro. A entrada principal, pela Rua 25 de Março, tem portão feito de ferro com o mesmo motivo do desenho.

Por fora percebe-se muito bem cuidada, preservadas suas características ao longo dos anos. Nenhuma alteração à primeira vista, nenhuma mutilação ou complemento posterior. Nenhuma rachadura ou ausência das peças que a compunham originalmente. Por dentro, dava para ver algumas pistas através do portão de entrada: as cadeirinhas dispostas na varanda - que é gerada pelo recuo lateral e pelo beiral largo consequente - muitas vezes ocupadas por umas senhoras que faziam dali o seu estar. A cena que dava para contemplar no breve relance da

---

<sup>62</sup> Pesquisador de música e cinema dos anos 1930, 1940 e 1950; é memorialista da cidade de Fortaleza; foi colunista do jornal O Povo; apresentou programas no rádio sobre música popular e erudita; criador e responsável por mais de 20 anos pelo Carnaval da Saudade do clube do Náutico. É filho do referenciado jornalista Gilberto Câmara, que foi presidente da Associação Cearense de Imprensa – ACI; bisneto do também jornalista João Câmara, que iniciou a imprensa literária do estado do Ceará; e sobrinho de Dom Hélder Câmara, que seguiu carreira religiosa, destacando-se, na Igreja Católica e na sociedade em geral, com sua atuação marcante. É um dos colaboradores e depoentes desta pesquisa, juntamente com sua esposa, a Sra. Douvina de Andrade Câmara, compartilhando memórias que são ao mesmo tempo suas e de uma cidade que não a encontram mais.

passagem, algumas vezes prolongado pela parada proposital para melhor apreciação, transmitia uma aura de doçura e bem-estar. Aquelas senhoras sentadas ali, na varandinha tranqüila, de frente para o jardim tão bem cuidado, pareciam protegidas por uma “bolha-campo-de-força” que as resguardavam do tempo.



**Imagens 32 e 33:** Fachada principal da “Arca Cinza e Amarelo”.

Fonte: Arquivo pessoal.



Essa “casa-jardim-encantado” abriga as memórias da família Menezes, resguardadas pelas irmãs Maria Odaléa Menezes [*In memorian*], Maria Odasiléa Menezes e Maria Osiléa Menezes. Estas Marias nunca foram cantoras; formaram-se professoras normalistas pelo Colégio da Imaculada Conceição. Sequer, mal saíam de casa, a não ser aos domingos, quando iam com o pai “visitar a mãe” no Cemitério São João Batista. Nessa Arca, como no Casarão, também havia um piano, muito

bonito segundo os relatos, todo laqueado de branco, com suportes para velas e teclado em marfim. Foi vendido a um amigo, depois que encontraram um “intruso” dentro dele.<sup>63</sup> A professora de piano era a Sra. Olímpia Bastos; das três irmãs e também de figuras ilustres, ressalta a depoente, como a Senhora “Edi, viúva do Sr. Clóvis Rollim”.



**Imagen 34:** Fotos do álbum de família - Sra. Odasilea Menezes em frente à Arca.  
Fonte: Arquivos da família Menezes.



**Imagen 35:** Sra. Odasilea, Sra. Zizi e uma amiga, numa das “varandas” da fachada principal da Arca.  
Fonte: Arquivos da família Menezes.



**Imagen 36:** Fotos do álbum de família - Sra. Odalea em frente ao portão do acesso principal da Arca.  
Fonte: Arquivos da família Menezes.



**Imagen 37:** Fotos do álbum de família – Visitas à mãe no cemitério São João Batista aos domingos.  
Fonte: Arquivos da família Menezes.

<sup>63</sup> Referência ao rato encontrado dentro do piano, proveniente de uma casa vizinha que havia sido alugada como depósito de ovos. Por medo de perder o piano, ou de que esse estragasse, venderam-no a um amigo.

O contato, a princípio, não foi fácil, mas não lhes tiro a razão. Qual desconhecido se interessaria por sua casa, a não ser para compra e venda? Quem, que não fosse amigo seu ou da família, iria se prestar a ouvir duas senhoras sem nenhum “feito marcante” na sociedade? A não ser para forçar-lhes a entregar dados pessoais, a fim de fraudar-lhes, ou forçar-lhes adesão a “promoções” de telefonia celular, cartões de crédito, planos de saúde. Em dias de hoje, muito estranho alguém lhes telefonar dizendo se interessar simplesmente pela história da sua casa, pela história da sua família, pela sua história. Alguém absolutamente desconhecido.

Para tanto, identifiquei-me como estudante; discorri sobre a pesquisa que desenvovlia; referendei-me com os dados de outros depoentes, como o Sr. Christiano Câmara, da Rua Baturité, e a Sra. Guilhermina Gondim, da Rua General Sampaio. Os números de telefone e endereços de ambos foram fornecidos, assim, poderia telefonar-lhes, quem sabe até visitá-los, a fim de confirmar a minha história. Ainda assim, não foi o suficiente para tranqüilizá-las; foi necessário chamar o irmão, que reside no bairro Cidade dos Funcionários, o Sr. Daniel Menezes, para se fazer presente quando da minha primeira visita. Contudo, dei-lhes os parabéns por não abrirem as portas da casa a qualquer pessoa desconhecida.

Os primeiros proprietários da casa faleceram há tempos.<sup>64</sup> Adquiriram-na em 1923 por doze mil contos de réis, mandando depois ampliá-la, em 1927. Nesse caso, quem se prontificou a fornecer os depoimentos sobre a casa e a família foi a quarta filha do casal, a senhora Osiléa Menezes. A primogênita, a Sra. Maria Odaléa Menezes, falecera há pouco, com oitenta e um anos incompletos. Sofria do mal de *Alzheimer* desde os sessenta e quatro anos, quando fora afastada do trabalho na Secretaria da Fazenda. A segunda filha do casal morreu aos dois anos de idade, tinha o mesmo nome da depoente; a terceira, mais velha, já apresenta desvios na fala e na memória; e os seus dois irmãos mais novos, o Sr. Demétrio Menezes e o Sr. Daniel Menezes, casaram-se e não moram mais lá desde então.

---

<sup>64</sup> Pais das atuais proprietárias, o Sr. e a Sra. Menezes.

Muito religiosas e unidas, as três irmãs igualmente se formaram normalistas e permaneceram solteiras, optando por envelhecer junto com a casa, permanecendo lá e fazendo da residência, ela mesma, objeto biográfico. O quarto que era do casal e onde dormiam os dois irmãos mais novos com os pais, hoje é o aposento da irmã mais nova dentre as três Marias, comunicadora desta história particular. Esse faz limites com a “sala abandonada” e o quarto que abrigava a avó materna e uma neta do interior que o pai terminara de criar, e que ficou para a Sra. Odasiléa. O quarto seguinte, que era “das três meninas”, quando pai e mãe vivos, ficou como sendo o da primogênita, já falecida.



**Imagen 38:** Fotos do álbum de família - Sra. Zizi Menezes e colegas, fardadas com o uniforme do Colégio da Imaculada Conceição.

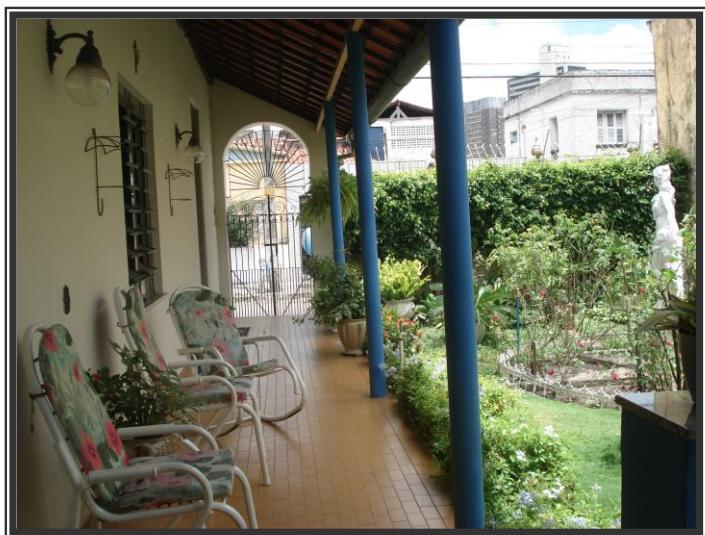
Fonte: Arquivos da família Menezes.



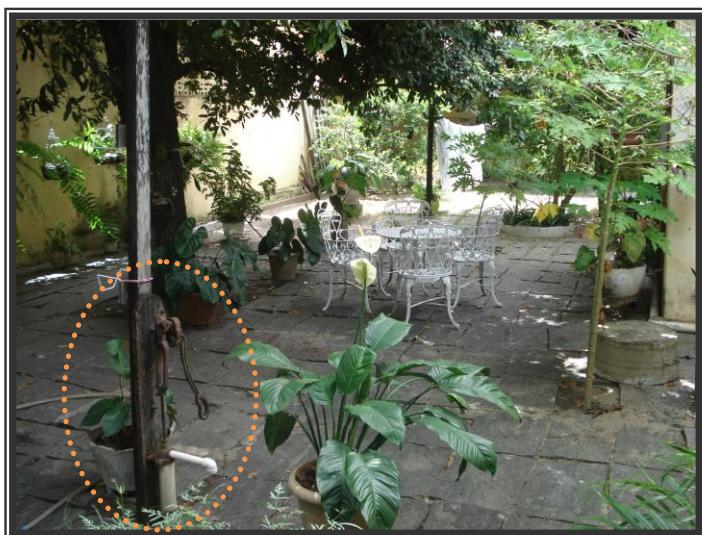
**Imagen 39:** Fotos do álbum de família - Sra. Odalea e amigas na praça do Carmo.  
Fonte: Arquivos da família Menezes.

Onde havia o “quarto de banho” e o “quarto da privada”, novo quarto e novo banheiro - desta vez bem menores - do tamanho de todo o “quartinho da privada” anteriormente. A cozinha vem em seguida. Nela havia revestimento cerâmico em mosaicos em branco e preto, mas desgastaram-se com o passar dos anos. As irmãs ainda optaram por preservá-los, depois ainda tentaram repor os que

faltavam, encomendando novos, mas esses não se pareciam em nada com os antigos. O “jeito” foi retirar e colocar outros.



**Imagen 40:** Vista do jardim para a Rua 25 de Março.  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagen 41:** Vista do Quintal com o pé de sapoti. Detalhe da bomba d’água manual.  
Fonte: Arquivo pessoal.

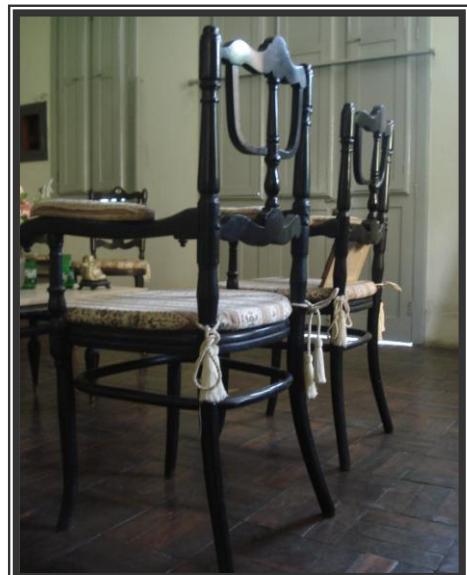
A planta da casa lembra um “L” virado de ponta-cabeça. A porção que faz face com as Ruas da esquina - “sala abandonada” face com a Rua 25 de Março e quartos com a Rua Pinto Madeira, separados do muro externo por um pequeno recuo - é o corpo do “L”. A porção onde ficam a cozinha, a copa e a sala de TV, forma a base da letra. Na passagem, entre a cozinha e a copa, um carrinho-bar, feito em cobre, e um portãozinho de ferro, muito delicado, pintado de dourado. “Esse

portão não era aqui, esse portão tem uma história...”.<sup>65</sup> Na copa, um lavatório “do tempo da gente, os asseios já eram aí” e uma “cristaleira de 1947”. Entre a copa e o pedacinho da varanda, a sala de TV e visitas atualmente. Onde se assiste às novelas, atende-se o telefone e estão as fotografias mais recentes da família.

O corredor lateral interno - que se comunica com os quartos, dispostos também lateralmente entre si, interligando-se - vai dessa sala de TV à “sala abandonada”. Chamam assim a antiga sala de visitas “do tempo” dos antigos donos, ainda está disposta da mesma forma, com os móveis “do enxoval do casamento” nos mesmos lugares.



**Imagen 42:** Vista da parte interna da “Sala Abandonada”. Detalhe da chapeleira em madeira e vidro bisotado. Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagen 43:** Vista da parte interna da “Sala Abandonada”. Detalhe das cadeiras em madeira e acolchoado florais. Fonte: Arquivo pessoal.

A chapeleira ainda está lá, juntamente com o muito delicado e esguio conjunto de sala,<sup>66</sup> feito em madeira escura e acolchoado com estofados de motivos florais, presos aos assentos por lacinhos de mesmo material e motivo. As fotografias antigas da família se encontram sobre os móveis e presas às paredes, junto com uma feita da fachada da própria casa. Dentre essas, uma que me chamou muito a atenção pela delicadeza do olhar da fotografada: a da irmã que perderam quando ela ainda tinha dois anos de idade. Ali o tempo parece que não passa. Os móveis

<sup>65</sup> Trecho do depoimento da senhora Osiléa Menezes.

<sup>66</sup> Referência ao conjunto formado por sofás, cadeiras, armários e mesinhas, que compõem a sala.

ainda esperam pelas visitas que seus donos fizeram e que deveriam ser “pagas”, como rezava a cartilha da boa etiqueta, quando as pessoas ainda se visitavam.

Num último contato por telefone, antes de visitá-las pessoalmente e desta vez poder entrar na casa admirada, há muito, somente por fora, um aviso por parte da atual proprietária e posteriormente colaboradora como depoente: “Se quiser vir, pode vir, mas aqui... eu acho que não tem nenhuma história pra contar não. Nem a casa está mais como era antes, eu já troquei o piso em alguns lugares, já reformei em outros... não está mais do mesmo jeito. Mas se quiser vir, pode vir!”.

## 2.4 A Arca do Bosque Solidão

Nessa rua  
nessa rua tem um bosque  
que se chama  
que se chama Solidão  
dentro dele  
dentro dele mora um Anjo  
que roubou  
que roubou meu coração<sup>67</sup>

Maio de 1955. Enquanto o famoso e belo Cine *Majestic* era consumido pelas chamas, um outro incêndio abalava os corações de dois jovens, possibilitando o encontro de duas almas que viriam a ficar unidas por toda a vida. Foi quando se dirigiram ao local para ver o acontecido, na Praça do Ferreira, então ponto de ônibus onde Dona Douvina apanhava o transporte para ir ao colégio, onde tudo começou.

---

<sup>67</sup> Trecho de “**Se essa rua fosse minha**”; uma cantiga de roda - ou canção popular - de autoria desconhecida.

Quando soube do ocorrido, a moça dirigiu-se à praça acompanhada de uma tia que era do interior, Jaguaribe Mirim,<sup>68</sup> e que estava a passeio, hospedada em sua casa.

Nascida na mesma cidade da tia, **ela** veio para Fortaleza com 13 anos de idade por conta da irmã mais velha que necessitava terminar os estudos e também do apoio da família. A primeira casa que habitaram na capital ficava à Rua General Sampaio, em frente à família Gondim.<sup>69</sup> Aos 15 anos de idade se mudou com a família para a casa de nº. 146, onde hoje funciona uma residência de freiras, na antiga “Travessa da Escadinha”. **Ele** morava no mesmo local que permanece até hoje, vizinho a então recente morada de sua pretendente, na casa de nº. 162.

Quando indagados a respeito do tempo de namoro, o Sr. Christiano fica ruborizado. Numa brincadeira do casal ele diz que ela pulou o muro atrás dele; ela, por sua vez, afirma o contrário, mas depois lhe dá razão por ele estar ali há mais tempo. Dona Douvina espontaneamente me traz um álbum de recortes de um cantor argentino, Carlos Gardel, entrega-me e fico sem entender. Após observar o conteúdo do álbum de páginas amareladas pelo tempo indago a respeito do mesmo. Ela me responde que isto era o resumo do namoro dos dois: todas as noites que vinha namorar na calçada, ele levava este álbum e ficava montando-o. O tal álbum é guardado muito cuidadosamente como testemunho do tempo de namoro até hoje.

Por trás do Paço municipal, antigo Palácio do Bispo, que por sua vez se mantém atrás da Catedral atual, subindo uma rua íngrime, virando a primeira rua à esquerda (numa esquina onde antigamente, na década de 1930, se mantinha o também famoso “Cabaré da Emília”), terceira casa, lado do sol da tarde. Ali, numa edificação aparentemente simples em sua solução formal, guarda-se uma arca monumental, de proporções e características barrocas.

Como tal mantém a dualidade dentro-fora em diversos momentos. Por fora a simplicidade formal contrasta com o conteúdo riquíssimo em acervo fonográfico, fotográfico, bibliográfico, cinematográfico e cultural em geral. Um legítimo museu onde se pode pesquisar sobre diversos assuntos com a gentileza

---

<sup>68</sup> Antigo nome da cidade de Jaguaribe, interior do estado do Ceará.

<sup>69</sup> Família da senhora Maria de Lourdes, mãe de Dona Guilhermina, também depoente neste trabalho.

familiar e sempre prestativa do casal Douvina e Christiano Câmara. A impressão que se têm do casal é a de que se trata de uma pessoa só, dividida em duas, tamanha cumplicidade e sintonia. É lá onde se pode viajar no tempo, principalmente se o destino das viagens forem as músicas e/ou os filmes das décadas de 1930, 40 e 50.

Com uma frente de pouco mais de cinco metros e recuos laterais, a edificação mantinha até tempos atrás, grandes portas de madeira em sua fachada, guarnecididas por guarda-corpos de ferro fundido com montantes em belos motivos decorativos. Atualmente, ela conta apenas com uma esquadria feita de basculantes de ferro e vidro, já prejudicadas também pelo tempo. Acima da esquadria uma platibanda retangular decorada com contornos retos em relevo nas bordas que esconde o telhado simples de duas águas.



**Imagen 44:** Fachada principal da “Arca do Bosque Solidão”.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A entrada da Arca continua pela lateral da casa, como sempre fora desde a sua construção. O portão de ferro fundido também permanece, sem substituição de suas partes. É por esta “brecha” que a luz adentra à primeira porção dessa arca barroca, se comportando de maneira peculiar. No chão, um mosaico de ladrilhos hidráulicos também originais. No *hall* de entrada, uma escrivaninha de madeira que ainda espera pela pena do jornalista e lamenta a ida de suas companheiras – duas

estantes de madeira e vidro que se dispunham lado a lado e que hoje resta somente uma, tendo sido a outra vendida em tempos remotos, por motivos lamentáveis.

Na atual sala de visitas, a televisão se mantém encerrada sob uma capa de lona, para interferir o menos possível na “paisagem”. Só entra em atividade quando é para passar algum filme ou documentário antigo, sempre com o controle remoto em punhos, pausando e voltando a gravação, fazendo comentários acerca das mudanças que ocorreram “de lá para cá”. Nesse ambiente também encontramos várias fotografias de cantores e atores antigos, todos da década de 1930, 40 e 50.

A antiga copa mantém a titulação, mas não o ofício, agora a mesa cede lugar para os manuscritos ou datilógrafos do Sr. Christiano nas madrugadas que passa em claro, costumeiramente. A despensa também continua com o mesmo nome, mas o que se guarda lá hoje em dia são aparelhos de vídeo cassete que as pessoas doam por não encontrarem mais serventia em seus lares. Os quartos são tomados pelo acervo: são mais de vinte mil peças dentre discos de vinil e cera, fotografias, revistas, encyclopédias e filmes antigos (estes somando mais de oito mil).



**Imagen 45:** Vista da entrada da “Arca do Bosque Solidão”. Detalhe do mosaico em ladrilhos hidráulicos  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagen 46:** Detalhe da estante em madeira e vidro.  
Fonte: Arquivo pessoal.



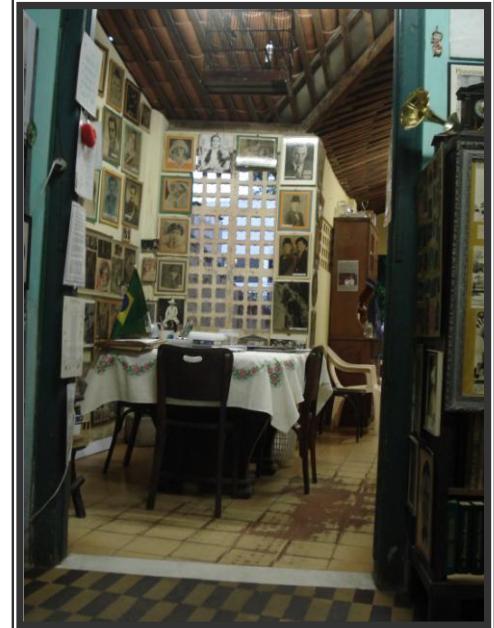
**Imagen 47:** Vista da sala de visitas. Detalhe da mostra de fotografia de artistas do cinema e da música antigos.

Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagen 48:** Vista da “Copa”. Tendo hoje em dia assumido a função de escritório.

Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagen 49:** Vista do “Campo”.  
Fonte: Arquivo pessoal.



Em frente ao “Quarto Novo” uma área de lazer com ladrilhos hidráulicos originais que ilustram um bonito tapete tomam o lugar onde antes eram feitos os jogos de bola da molecada na infância do Sr. Christiano. Mas o nome permanece: ali é o “Campo”. Dentro do “Quarto Novo”, o “Banheiro Novo”. O detalhe é que ali o designado “novo” tem mais de sessenta anos! Certa vez uma senhora perguntou à Dona Douvina se ela ia todos os dias para aquele museu, para tomar de conta daquilo tudo. Assustou-se com a resposta de que ela não se dirigia até ali todos os dias, ela simplesmente morava ali. Nova indagação e espanto: “- A senhora mora aqui? Aonde?”. Dona Douvina respondeu-lhe encaminhando-se com ela até o quarto

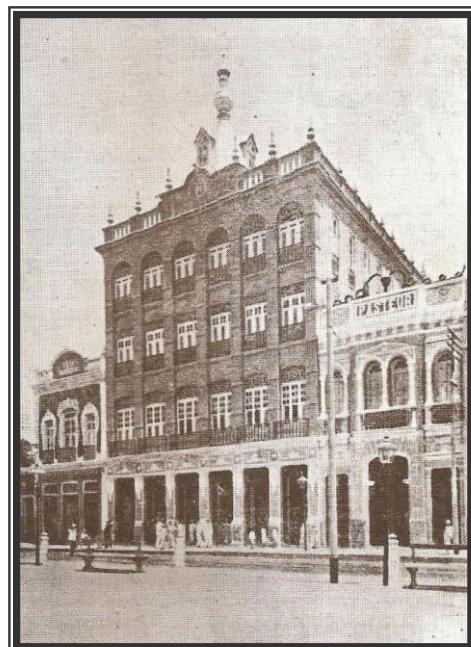
do casal, onde também há muito material encaixotado, mesmo sendo este o único local onde há resistência de sua parte em acumular funções de habitação e museu.



**Imagen 50:** Vista atual do “Bosque Solidão”. Destaque para os veículos e os feirantes que frequentemente ocupam a antiga Travessa com usos inadequados.  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagen 51:** Foto do casal Douvina e Christiano Câmara na lateral de sua residência.  
Fonte: Arquivos do casal.



**Imagen 52:** Foto do antigo Cine Majestic.  
Fonte: Museu da Imagem e do Som – MIS / CE.

Por ali parece que nada mudou; continuam os hábitos, os lugares e os nomes dos lugares. Os habitantes também permanecem, tamanha a lembrança viva no cotidiano do casal. Todos os dias as “dez ou doze portas”<sup>70</sup> da casa se abrem para o conhecimento da música, do cinema e da cidade, sem que para isso se desembolse um tostão sequer. Pelo contrário, D. Douvina avisa logo: “se falar em dinheiro, perde o amigo”.

<sup>70</sup> Com as palavras da senhora Douvina, quando fala a respeito das aberturas de sua casa.

O Sr. Christiano muito lamenta as perdas do espaço urbano e da qualidade do mesmo. Costuma dizer que antes “tinha uma rua para brincar”, mas que agora a mesma rua é tomada por ônibus que se utilizam dela como estacionamento, perturbando a vida local da “travessa”. Afirma que sua mãe faleceu por não se dar conta do tempo e da velocidade com que ele chega, literalmente, pois fora vítima de atropelamento, por ter o hábito de atravessar a rua lentamente, devido às velocidades serem diferentes no “seu tempo”.

---

## CAPÍTULO 3

## CAPÍTULO 3. CONTEXTUALIZANDO O LOCAL MATERIAL DA PESQUISA: O CENTRO DE FORTALEZA

### 3.1 Centro de Fortaleza: aspectos historiográficos e evolução urbana<sup>71</sup>

Podemos imaginar o sítio físico original da cidade de Fortaleza como uma paisagem preciosa: uma região delimitada por um cordão de dunas enfileiradas paralelamente, próximas à orla, possuindo um território claramente delimitado pelos riachos Pajeú e Jacarecanga que chegam perpendicularmente ao mar. Ao sul, posteriormente às dunas, encontrava-se a Lagoa do Garrote, conectada ao Riacho Pajeú, a qual hoje se encontra na forma de um pequeno lago no centro da Cidade da Criança.<sup>72</sup>

Por decisão da Coroa Portuguesa, mantiveram-se no Ceará duas vilas distintas, cada qual com seu espaço e poder: Fortaleza e Aquiraz. Essa como sede da Ouvidoria e aquela como sede da Capitania do Ceará. Mas apesar de ter sido elevada à condição de vila em 1726, Fortaleza permaneceu inexpressiva economicamente, pouco se beneficiando da pecuária que povoava o sertão.

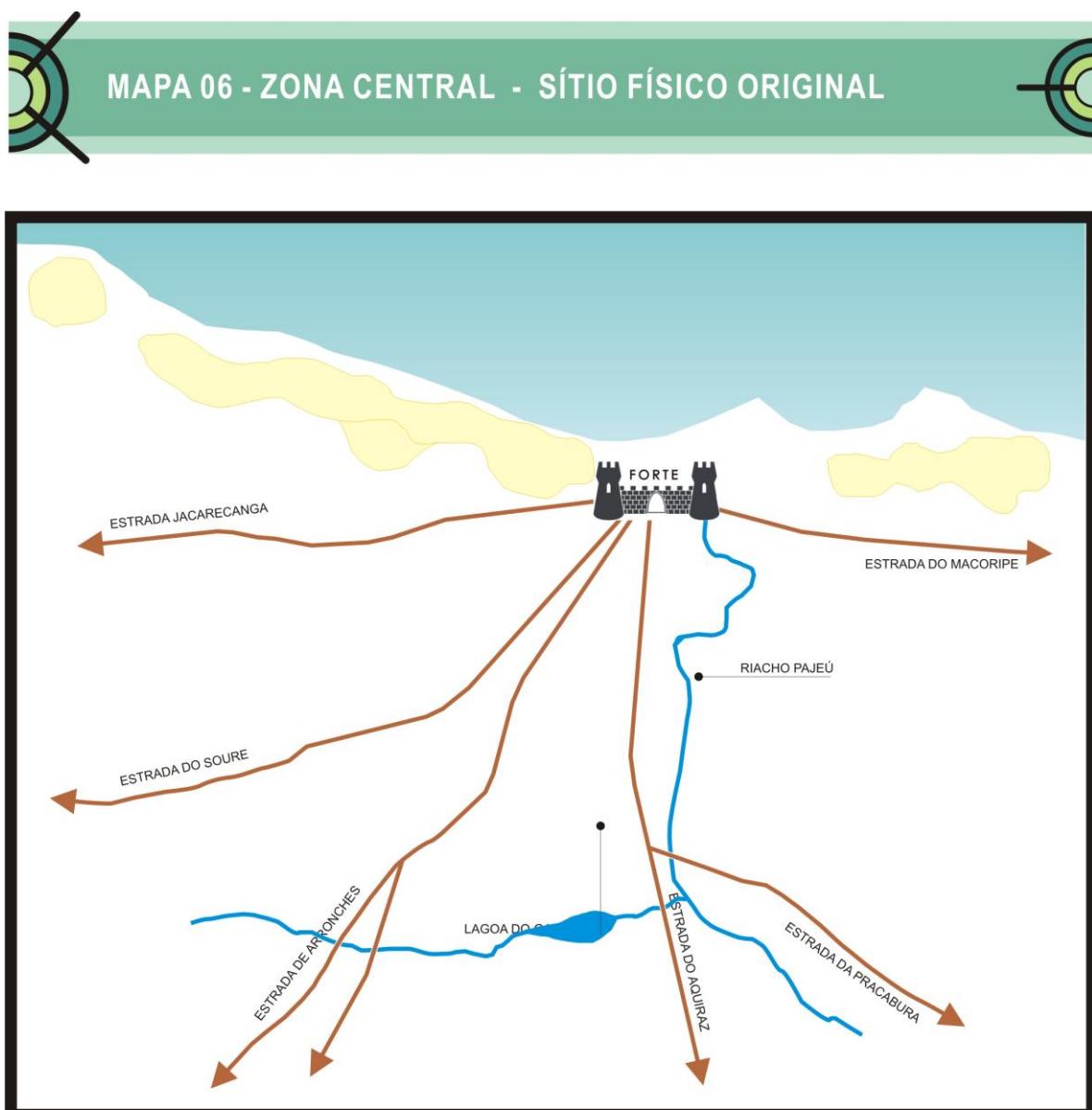
A cidade se estabeleceu fisicamente em seu acesso original próxima ao Forte, às margens do Riacho. Ali se ergueu uma palizada e seguiu-se ocupando a faixa linear lindeira ao Riacho Pajeú, desenvolvendo-se com orientação ao sul. O

---

<sup>71</sup> Essa etapa visa discorrer sobre a historiografia e evolução urbana do Centro a fim de contextualizar o cenário da pesquisa, baseando-se em estudos do Professor e Arquiteto José Liberal de Castro; no Estudo das vantagens competitivas do Centro de Fortaleza, SEPLA/PMF (2005); em análises dos planos para a cidade; bem como em outros autores destacados em notas referenciadas e dispostas ao longo do texto.

<sup>72</sup> Observar Mapa 06 – Sítio físico original da cidade de Fortaleza.

primeiro governador do Ceará chegou a descrevê-la como "... um montão de areia profunda, apresentando dos lados pequenas casas térreas...".<sup>73</sup>



#### LEGENDA

- [Amarelo] CORDÃO DE DUNAS
- [Azul] RECURSOS HÍDRICOS
- [Preto] FORTE
- [Marrom] CAMINHOS RADIAIS HISTÓRICOS

<sup>73</sup> CHAVES, Gylmar; VELOSO, Patricia; CAPELO, Peregrina (Org.). **Ah, Fortaleza!** Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2006.

Em sua fase planejada prosseguiu com uma malha viária xadrez sobre a região que fica entre os dois riachos - Pajeú e Jacarecanga. Com o advento das melhorias do transporte coletivo, entre outros indutores, conferimos uma dilatação gradual que levou a cidade a ocupar hoje uma superfície territorial de proporções desmedidas: seis vezes maior que o necessário para acomodar bem seus mais de dois milhões e meio de habitantes.<sup>74</sup>

A primeira idéia de forma urbana da cidade de Fortaleza se observa representada em um desenho denominado “*Primeira Planta da Villa Nova da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpssão da Capitania do Ciará Grande*”, de autoria atribuída ao Capitão-Mor Manuel Francês. Datada do ano de 1726, não há escala nem um arruamento definido, uma vez que se trata de um desenho apresentado pelo autor à Coroa, cinco anos depois de sua partida, no intuito de ser resarcido das benfeitorias realizadas.<sup>75</sup>

Datado de 1810, ainda que muito preocupado com o mar, o mapa do Capitão Giraldes<sup>76</sup> permite conferir algumas edificações na cidade; dentre elas a Matriz<sup>77</sup>, o Pallácio<sup>78</sup> e a Igreja do Rosário. Até a primeira metade do século XIX, não havia muitas benfeitorias em relação a obras e serviços públicos. De acordo com registros de viagens de visitantes e missionários, até o ano de 1810 Fortaleza não contava com um porto, com transportes, ruas calçadas, ou saneamento básico. Além disso, possuía apenas quatro ruas centrais e um comércio pouco expressivo.

Uma idéia melhor de arruamento, mas também sem precisão, se obtém na planta de Silva Paulet, datada de 1818.<sup>79</sup> Nela não verificamos um arruamento definindo uma malha urbana, somente uma “mancha” que avança para além da Lagoa do Garrote. Arbitra-se que Paulet tenha orientado seu Plano partindo de um trecho da Rua Boa Vista (atual Rua Floriano Peixoto), a pedido da Câmara. Desse modo Paulet implantou o traçado xadrez na cidade, que a partir daí tornou-se

<sup>74</sup> Proporção (área da cidade x população) segundo critérios do Planejamento Urbano, baseados na densidade populacional de unidades territoriais. A contagem atual de habitantes de Fortaleza é 2.505.552 habitantes.

<sup>75</sup> Observar o **Mapa 07** - Planta de Fortaleza. Capitão-mor Manuel Francês, 1726.

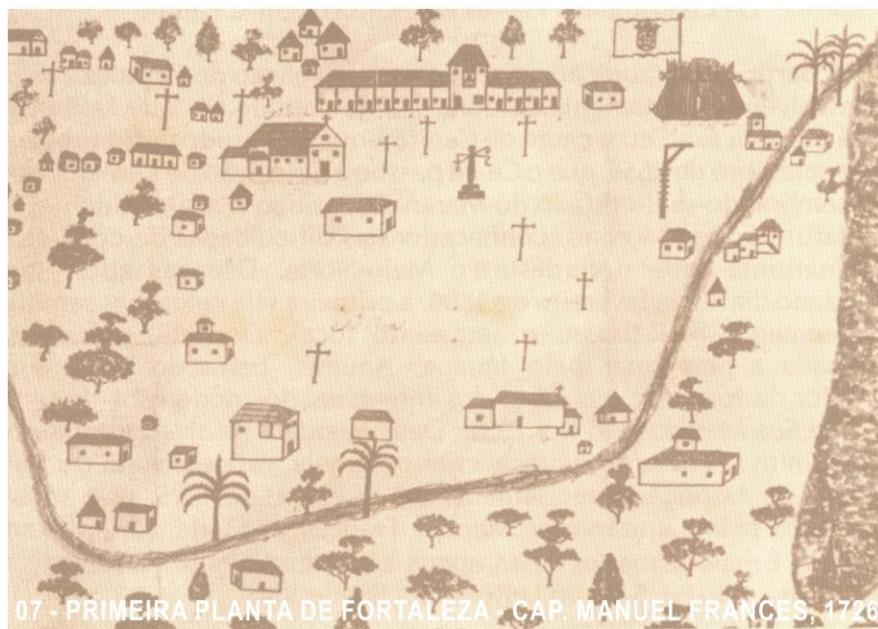
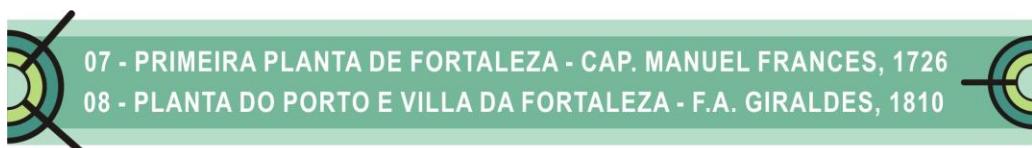
<sup>76</sup> Ver o **Mapa 08** - Planta do Porto e Villa da Fortaleza. F. A. Giraldes, 1810

<sup>77</sup> Antiga Igreja da Sé, demolida para ser construída a atual Catedral de Fortaleza. Ver caderno de imagens.

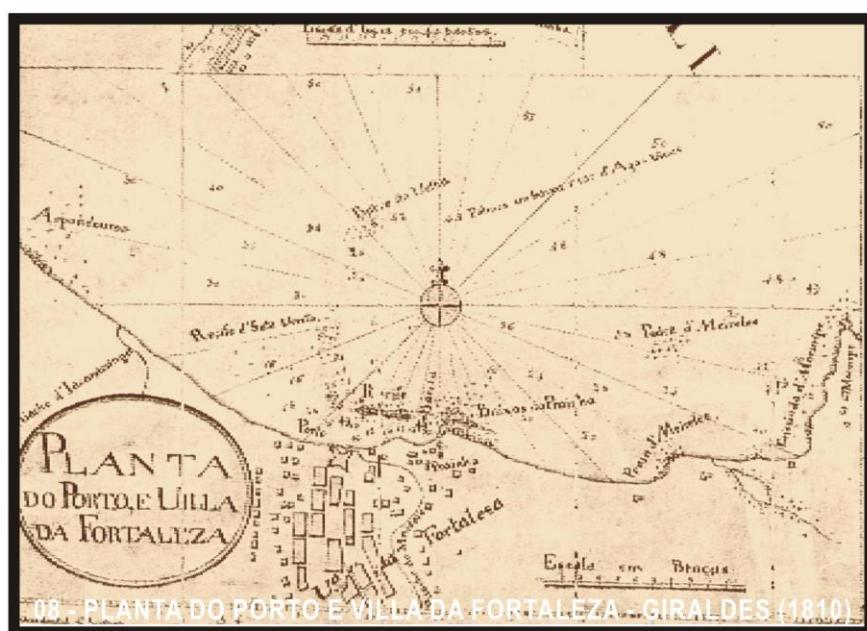
<sup>78</sup> Palácio do Bispo, antiga residência do Bispo e atual sede do Paço Municipal de Fortaleza.

<sup>79</sup> Ver os mapas: **Mapa 09** – Planta da Vila de Fortaleza. Silva Paulet, 1818; **Mapa 10** - Esquema da Planta da Vila de Fortaleza de Silva Paulet (1818).

constante, alinhando os primeiros sobrados de forma reta, o que curiosamente deu origem à atual Praça do Ferreira.<sup>80</sup>



FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.



FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.

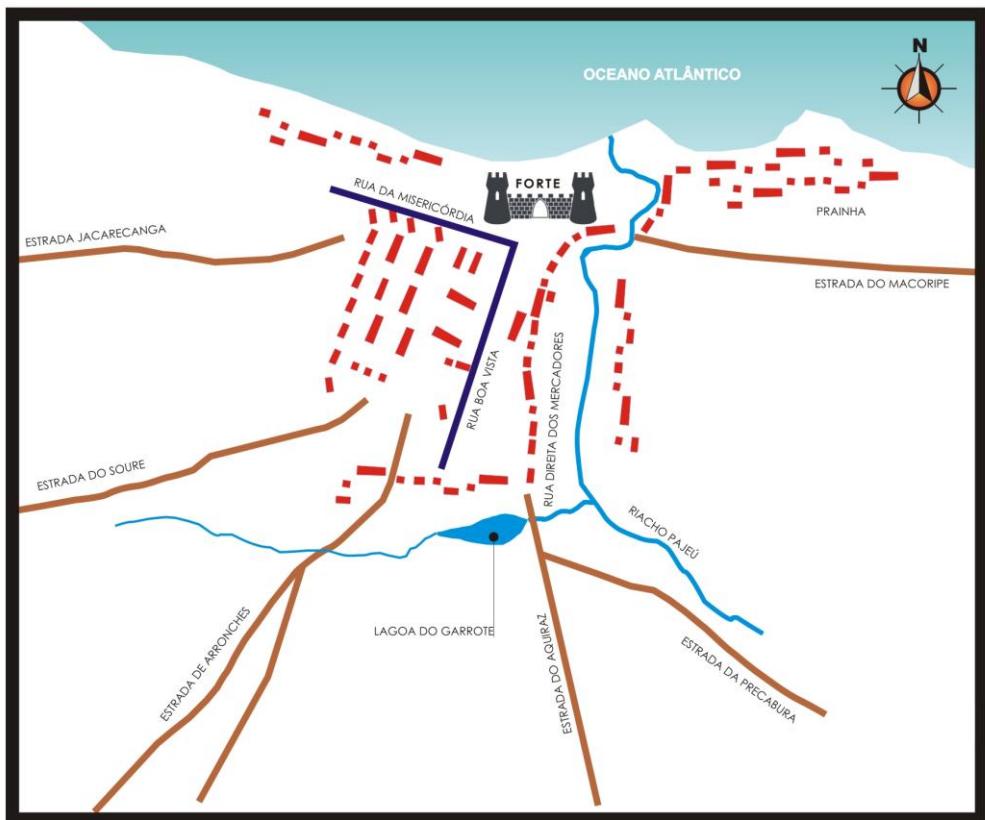
<sup>80</sup> Ver o trabalho do escritório Espaço Plano Arquitetura e Consultoria S/S Ltda. **Estudo das vantagens competitivas do Centro da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: SEPLA/PMF, 2004.

**MAPA 09 - PLANTA DA VILA DE FORTALEZA - SILVA PAULET, 1818**

**MAPA 10 - ESKEMA DA PLANTA DA VILA DE FORTALEZA, 1818**



FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.



FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.

A partir do final da primeira metade do século XIX registra-se uma preocupação crescente com o “embelezamento e aformoseamento” da cidade, o que partia inclusive das próprias autoridades. Assuntos do tipo: número de bairros, largura das ruas, tamanho da quadras, e até a cor das casas (inclusive em seu interior) e suas árvores, eram assuntos pautados nas reuniões da Câmara Municipal. Para o que, aos desobedientes, havia multas e prisões previstas em leis.<sup>81</sup>

Em se tratando de planejamento urbano Fortaleza apresenta uma história de descaso e recusa aos projetos e à legislação. Ao defrontar-se com os problemas urbanos, medidas de soluções a nível técnico foram elaboradas e rejeitadas ao longo do tempo. Em busca de melhorar as condições urbanísticas da cidade, ou mesmo antecipar as soluções aos problemas ainda previstos, alargamentos e desapropriações eram sugeridos e obtinha-se sempre uma resposta negativa por parte da população e das autoridades. No entanto, deve-se destacar também, que devemos exatamente a essa rejeição a permanência de exemplares como o Cine São Luiz, o Cine Diogo, o Hotel Excelsior, e os edifícios Jangada e Sul - América.

A contribuição de Adolfo Hebster é apresentada em três documentos de fundamental importância para compreendermos a evolução urbana da cidade de Fortaleza durante a segunda metade do século XIX, datam de 1859, 1875 e 1888.

O primeiro deles, intitulado *Planta Exacta da Capital do Ceará*,<sup>82</sup> nos dá uma noção da cidade, ainda bem pequena, e apresenta alguns vetores de crescimento nos sentidos oeste e sul. O Centro aparece delimitado pelas atuais Ruas Conde d’Eu e Sena Madureira, Pedro Pereira, Senador Pompeu e o que corresponde hoje ao Passeio Público. De lá saíam estradas convergentes em direção a Soure (Caucaia), Arronches (Parangaba), Messejana, Aquiraz e Macoripe (Mucuripe); radiais originárias dos caminhos históricos sobrepondo-se ao plano em xadrez. Percebida-se já a existência de edificações oficiais, como a Alfândega, os Quartéis, a Casa da Câmara, os Hospitais e a Assembléia (à época). Podiam-se notar também algumas praças como a antiga Feira Nova (hoje Praça do Ferreira), a

<sup>81</sup> JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza**. 2a. ed. São Paulo: Annablume, 2003. p. 34 – 39.

<sup>82</sup> Ver o Mapa 11 - Planta Exacta da Capital do Ceará. Adolfo Herbster, 1859.

Praça do Paiol (hoje Passeio Público) e a Praça Carolina (hoje parcialmente ocupada pelos edifícios dos Correios, do Banco do Brasil e do Palácio do Comércio).

O segundo documento, chamado Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios, define um plano de expansão.<sup>83</sup> Nele são destacados os *Boulevards* periféricos que hoje correspondem às Avenidas do Imperador, Duque de Caxias e Dom Manoel. Há também a previsão de zonas de proteção aos principais recursos hídricos. Assim, a Avenida Duque de Caxias interligava a margem leste protegida do Riacho Pajeú a outra margem de proteção do Riacho Jacarecanga. Outras indicações de áreas verdes aparecem em torno da Lagoa do Garrote, praças e zonas verdes de transição na Prainha e no Benfica.

O terceiro documento, datado de 1888, trata na verdade de uma atualização do anterior, incluindo, agora, expansões e urbanizações nas estradas radiais por onde escoaram as residências do Centro.<sup>84</sup>

Para além dessas mudanças, há em Fortaleza, desde 1875, ligações por transportes de pontos situados entre si. As primeiras providências para a instalação das linhas de bonde puxadas a burros são tomadas e acabariam por ligar o Centro à Praia, à Alfândega, ao Matadouro e à estação ferroviária. Um novo meio de expansão urbana à época, transforma-se em bonde elétrico por volta do ano de 1913. Podemos conferir também, devido aos bons resultados nas exportações, novidades como as primeiras estruturas portuárias, a estrada de ferro, e bons exemplares da arquitetura.<sup>85</sup>

Somavam-se outras melhorias como iluminação pública (a azeite de peixe em 1848 e a gás carbônico em 1866), água canalizada (1867), telégrafos (1881) e pavimentação em pedra tosca (1857). A vida cultural da cidade teve seus acréscimos com a chegada das associações culturais e das instituições de ensino laicas ou religiosas, como a Academia Francesa (1872), a Padaria Espiritual (1892),

<sup>83</sup> Ver os mapas: **Mapa 12** - Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios. Adolfo Herbster, 1875; **Mapa 13** - Esquema da Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios. Adolfo Herbster, 1875.

<sup>84</sup> Ver o **Mapa 14** - Planta da Cidade de Fortaleza. Adolfo Herbster, 1888.

<sup>85</sup> Destaque para o casarão da Rua General Sampaio, nº 1406. Um dos exemplares arquitetônicos de maior importância estilística no Centro. Sua construção data de 1910-12, de autor desconhecido.

o Ateneu (1863), o Seminário Episcopal e o Colégio da Imaculada Conceição (ambos em 1864).<sup>86</sup>

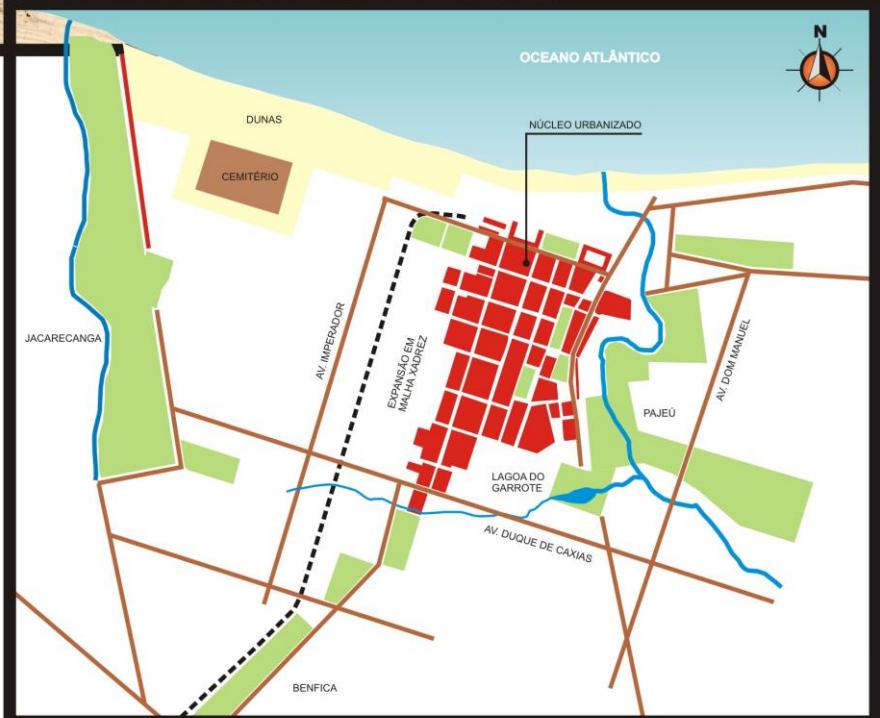


<sup>86</sup> GONDIM, Linda M. P. **Uma dama da belle époque de Fortaleza:** Maria de Lourdes Hermes Gondim: ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana. Fortaleza: Gráfica LCR, 2001.

**MAPAS 12 e 13 - ESQUEMA E PLANTA ADOLFO HERBSTER 1875**



FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.



FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.

Mas a seca de 1877, que se estendeu por três longos anos, trouxe para a paisagem urbana de Fortaleza cenas de fome, miséria e barbárie, além de um acréscimo de 114 mil retirantes quando a população da capital não chegava a 75 mil habitantes. Contudo, devido à emigração para os seringais da Amazônia e às ocorrentes epidemias durante as secas, mantinha-se o equilíbrio no crescimento demográfico. Em 1872 a população girava em torno de 20 mil habitantes; em 1900 chegava a 50 mil e em 1920 pouco mais de 78 mil.<sup>87</sup> Os problemas sociais se mantinham circunscritos na paisagem, apesar de graves e múltiplos, não deixando marcas permanentes no espaço urbano.

Contratado pelo então Prefeito Raimundo Girão, Nestor de Figueiredo elabora em 1933 o Plano de Remodelação e Extensão da Cidade de Fortaleza,<sup>88</sup> onde são incorporadas pela primeira vez as noções de zoneamento, então incluídas nos conceitos defendidos pela Carta de Atenas.<sup>89</sup>

Contudo seu trabalho foi quase em vão, visto que, após a mudança de prefeito, seu contrato profissional foi cancelado e parte de suas idéias não incorporadas. Acredita-se que teriam resultado antecipadamente em benefícios com relação à forma urbana da cidade.

Em 1947 José Otacílio de Sabóia Ribeiro, cearense de Sobral, elabora com o apoio de um levantamento aerofotogramétrico feito pelo Exército em 1940, o Plano Diretor de Remodelação e Extensão da Cidade de Fortaleza, que se adianta em relação ao final da monocentralização de Fortaleza. Surgem preocupações com a formação de polinúcleos, de bairros e suas delimitações visíveis.<sup>90</sup>

---

<sup>87</sup> GONDIM, Linda M. P. **Uma dama da belle époque de Fortaleza:** Maria de Lourdes Hermes Gondim: ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana. Fortaleza: Gráfica LCR, 2001.

<sup>88</sup> Ver o **Mapa 15** - Plano de Remodelação e Extensão da Cidade de Fortaleza. Nestor de Figueiredo, 1933.

<sup>89</sup> A Carta de Atenas é o manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado em Atenas em 1933. A Carta, que trata da chamada Cidade Funcional, prega a separação das áreas residenciais, de lazer e de trabalho, propondo, no lugar do caráter e da densidade das cidades tradicionais, uma cidade-jardim, na qual os edifícios se localizam em áreas verdes pouco densas. Tais preceitos influenciaram o desenvolvimento das cidades europeias após a Segunda Guerra Mundial e a criação do Plano Piloto de Brasília por Lúcio Costa.

<sup>90</sup> Ver o **Mapa 16** – Plano Diretor de Remodelação e Extensão da Cidade de Fortaleza. José Otacílio de Sabóia Ribeiro, 1947.



FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.



FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.

Notável em suas propostas viárias e desenho urbano, o plano de Sabóia Ribeiro exigia alargamento de ruas que dependiam de desapropriações. Contudo, as elites proprietárias de tais bens imóveis não foram a favor das mudanças, reagindo violentamente. Isso forçou o urbanista a sair da cidade, e seu plano nunca foi colocado em prática, restando apenas o código de obras que foi utilizado pela cidade como modelo e readaptado muitas vezes.

Ao final da segunda metade do século XX e início da segunda, as obras do Porto do Mucuripe e o consequente avanço das marés levaram à destruição muitas das residências da Praia de Iracema. Em 1951, com as altas constantes dos aluguéis e a mão-de-obra barata proveniente da seca, conferiu-se um aumento significativo das construções de edificações na cidade. Nesse período nota-se a valorização crescente do bairro Aldeota, como novo endereço “chic” da cidade e o desaparecimento da Praia de Iracema.<sup>91</sup>

Contudo, o novo bairro chique não concentrava serviços urbanos: as linhas de ônibus eram precárias e superlotadas, faltavam água e esgotos, a iluminação pública era ruim e o acesso a linhas telefônicas difícil. Também não havia no bairro missas semanais, feiras-livres, cinemas, sorveterias ou farmácias.

A primeira metade do século XX foi marcada por muito pouco feito em relação à melhoria da qualidade de vida urbana. Destaque para as praças da cidade que foram gradativamente sendo ocupadas ou por edifícios, ou por veículos; nesse último caso funcionando como terminais e estacionamentos.<sup>92</sup>

O crescimento gradativo da população, aliado à inexistência de políticas públicas e sociais, aos serviços urbanos e de infraestrutura precários, desmascaravam uma realidade que ia de encontro aos discursos de modernidade e progresso conferidos nos jornais aos “avanços da capital”.

A energia elétrica que abastecia a cidade até o início da década de 1960 era ineficiente e insuficiente, proveniente de usinas locais. Constantes eram as

<sup>91</sup> JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza**. 2a. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

<sup>92</sup> A exemplo, a antiga Praça Carolina e a atual Praça do Ferreira.

quedas de tensão, com paralisação temporária. Era preciso manter sempre maços de velas em casa, para o caso de vir a faltar luz. Às quartas-feiras os bairros periféricos ficavam sem alimentação por conta dos jogos no Estádio Presidente Vargas (o “PV”), situação que veio a ser melhorada com o advento da energia vinda de Paulo Afonso, no início da década de 1960.

O abastecimento d’água manteve-se precário, contando em maior parte com a água dos poços particulares, de chafarizes, e vendida em carroças, uma vez que os serviços de canalização e abastecimento só atendiam a alguns bairros.

Com a substituição dos bondes elétricos pelos poucos, sujos e mal cuidados ônibus urbanos, em virtude da encapação das empresas de luz e força no Ceará em 1947, o transporte público foi objeto de constantes reclamações, reivindicações e pautas na cidade. O crescimento territorial desordenado e a explosão demográfica agravavam a demanda pelo serviço que já era mal atendido pelos poucos bondes. Os deslocamentos de casa ao trabalho e de volta a casa passaram a ser extremamente onerosos e demorados.

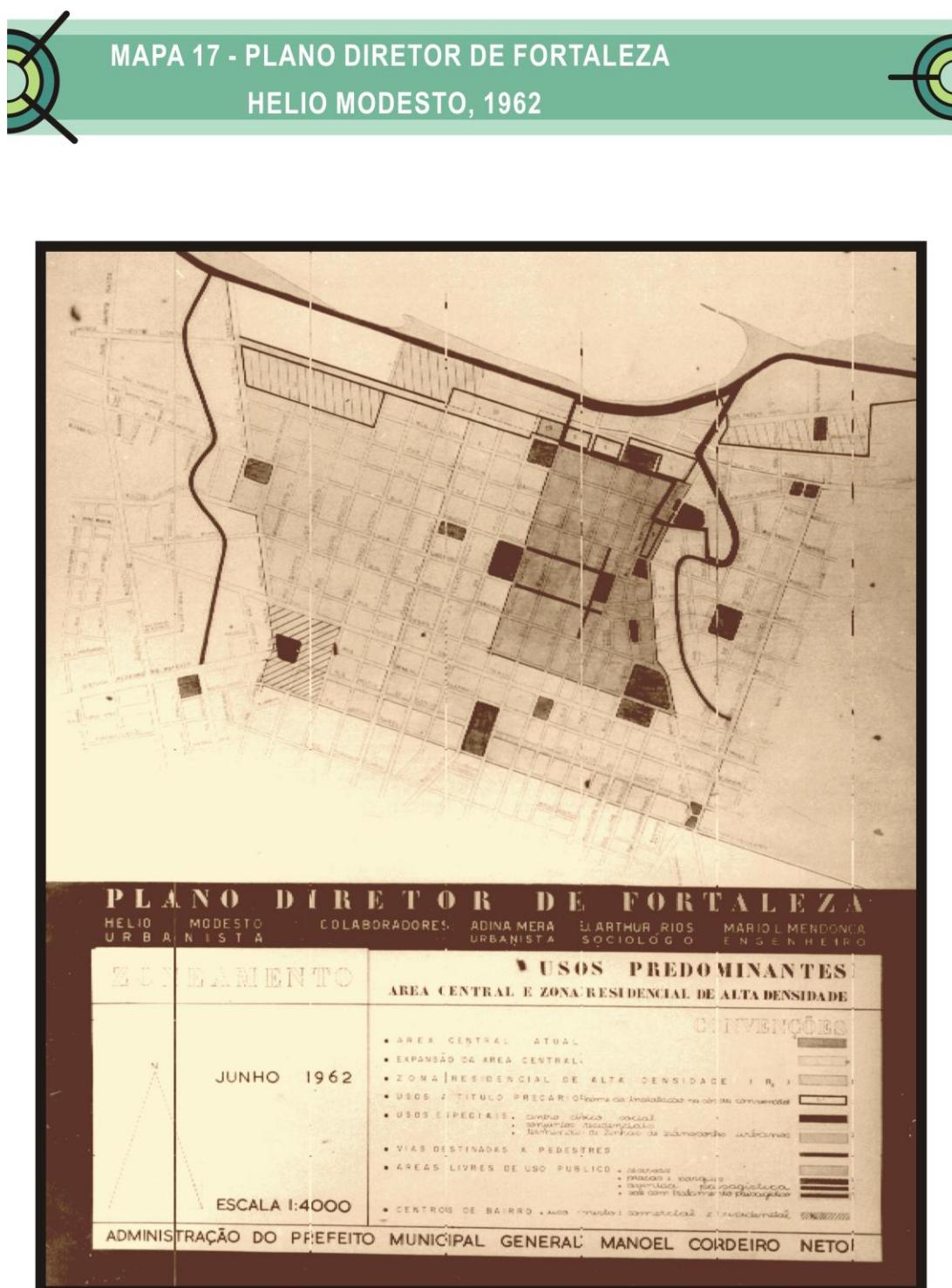
Muitos foram os “quebras-quebras” em virtude dos aumentos exorbitantes nos preços das passagens, o que não mantinha paridade com os salários pagos na capital. Esses em sua maioria eram abaixo do estabelecido como o mínimo, chegando o custo com transporte no trajeto casa-trabalho-casa representar metade do que recebiam os trabalhadores. Tais aumentos ocorriam anualmente, e as justificativas sempre seguiam em função das altas nos preços do petróleo. O que marcou as páginas dos jornais da época.<sup>93</sup>

Com base no censo de 1960, o urbanista Hélio Modesto realiza seu Plano Diretor para a cidade de Fortaleza, demonstrando preocupação social com os bairros e as primeiras favelas.<sup>94</sup> O planejador teve a clara intenção de interferir no uso do solo, dando ênfase aos espaços naturais. Mais uma vez as idéias tão oportunas à cidade não vão adiante, passando o Plano a se basear no Código

<sup>93</sup> JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

<sup>94</sup> Ver o Mapa 17 – Plano Diretor de Fortaleza. Hélio Modesto, 1962.

elaborado por Sabóia Ribeiro. O urbanista considera em seu Plano a importância de um centro cívico, administrativo e cultural para a zona central da cidade, compatível à escala de capital, e situa-o na região Poço da Draga / Prainha. Demonstrando expectativa na solução urbanística, ele loca os edifícios públicos em associação aos de atividades culturais centrais e a um centro de congressos.



Em meio ao regime militar foi imposto à cidade de Fortaleza um plano para a sua região metropolitana; o Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza - PLANDIRF. Com feições tecnocráticas e realizado por empresas sulistas, não teve aplicação a não ser no plano de circulação de transportes que indicou o uso das praças do Centro como terminais de ônibus. Apesar da preocupação com uma visão mais abrangente, incorporando ao planejamento da cidade a região metropolitana, o PLANDIRF não refletiu sobre as antecipações que protegeriam a cidade de problemas urbanos sérios pelos quais ela enfrenta hoje. Evidencia-se facilmente, portanto, sua falta de eficiência.

O fim dos anos 1950 e início dos anos 1960 trouxeram algumas contribuições urbanas à capital. A chegada da Universidade (1955), modificando valores culturais; a energia vinda de Paulo Afonso, abundante e de longe parecida com a qual contavam os cidadãos até então; as tentativas de industrialização; a abertura da Avenida Beira-mar; a chegada da televisão e dos "televisinhos". Tudo isso chega à capital gerando divisas e novamente diferenças. O desenvolvimento da cidade de Fortaleza é pautado por uma marcante má distribuição de renda, de bens e de serviços públicos.

A partir dos anos 1970 tornou-se notável na Cidade de Fortaleza o processo de instalação de inúmeras favelas e as construções de conjuntos habitacionais, ambos nas áreas mais distantes dos serviços, que ainda se encontravam em grande parte concentrados no centro urbano. Esse processo deveu-se em muito às altas taxas de migrações originárias do interior.

O plano diretor da cidade foi revisado, porém com escassa ou nenhuma discussão pública, quando ocorria, era feita por representantes isolados de setores interessados em construção e negócios imobiliários. Excluía-se, assim, uma grande parcela da população, o que resultou em consultas democraticamente desequilibradas em relação ao conjunto de interesses urbanos, tendo em vista que eram pautadas, tão somente, pelos aspectos financeiros e especulativos.

Atualmente, em virtude do advento da Lei 10.257/01, denominada Estatuto da Cidade, todos os planos diretores tiveram de ser revisados, com a

prerrogativa de promoverem a participação popular, passando a ser peça obrigatória ao planejamento das cidades com mais de 20.000 habitantes; àquelas integrantes de regiões metropolitanas e grandes aglomerações urbanas; àquelas onde o poder público pretenda utilizar os instrumentos previstos nos parágrafos 4º do Artigo 182 da Constituição Federal;<sup>95</sup> às que sejam integrantes de áreas de especial interesse turístico; às cidades inseridas em áreas de influência de empreendimentos ou atividades com significativo impacto ambiental, de âmbito regional ou nacional.

Por conseguinte, a proposta que se encontrava na Câmara dos Vereadores, conhecida como PLANEFOR, foi retirada por causa da ausência do processo de participação popular na formulação desse Projeto de Lei.

Uma nova proposta de planejamento urbano foi elaborada na cidade de Fortaleza, dessa vez com a efetiva participação popular, representando um marco na história da cidade no que tange às políticas públicas e sociais. Diversas foram as fases do processo, onde inicialmente a cidade foi dividida em 14 áreas de participação, havendo primeiramente a capacitação dessa população. O processo teve continuidade com a realização do Primeiro e do Segundo Fórum do Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDPFor), de onde saíram propostas da população para a cidade, que foram sistematizadas.

Seguiu-se uma série de Audiências Territoriais, de onde foram retirados os delegados para representarem os segmentos da cidade, novas propostas foram elaboradas pela população, e novas capacitações foram realizadas.<sup>96</sup> No Congresso do Plano Diretor Participativo de Fortaleza, realizado em janeiro de 2007, contando com a participação dos diversos segmentos da cidade, através dos delegados eleitos nas Audiências, foi extraída, após ampla discussão, a proposta final do Projeto de Lei do PDPFor, que foi enviada à PGM<sup>97</sup> para revisão.

---

<sup>95</sup> Parcelamento, edificação ou utilização de compulsórios, imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana progressivo no tempo, desapropriação com pagamento mediante títulos da dívida pública.

<sup>96</sup> Desta vez destaque para àquelas denominadas Audiências Temáticas, as quais ocorreram na Câmara dos Vereadores, onde foi discutido o Plano em suas diversas partes: meio-ambiente, mobilidade e transportes, habitação, etc., tendo para cada uma delas a sua audiência específica.

<sup>97</sup> Procuradoria Geral do Município.

A proposta final, entregue à Câmara dos Vereadores em março de 2008, onde foi votada e aprovada (após emendas), foi publicada no Diário Oficial do Município – DOM – na data de 13 de março de 2009, entrando em vigor num prazo de 60 dias após sua publicação.

O diferencial está em haver uma proposta de macrozoneamento que divide a cidade entre a Macrozona de Proteção Ambiental e a Macrozona de Ocupação Urbana; na definição de Zonas Especiais;<sup>98</sup> além de incluir os instrumentos da política urbana do Estatuto da Cidade, de prever planos específicos para zonas do Centro, Parangaba e Benfica, dentre outras ZEPH. Destaque para o marco da participação popular efetiva na fase de planejamento do Projeto de Lei.

### **3.2 A falta de planejamento e o consequente esvaziamento da Zona Central**

A falta de planejamento específico, que levasse em consideração a especialidade da zona central, ao longo do tempo, acarretou o esvaziamento do Centro e a adaptação de suas funções. Além de ter muitas de suas estruturas de valor patrimonial-histórico demolidas, para que fossem atendidas as necessidades de estacionamentos, o que é abominável.

O Centro de Fortaleza se manteve durante algum tempo como o coração da cidade, porém as instalações de manufaturas requeriam uma estrutura viária e um parcelamento adequado da zona, por isso as atividades modernas fugiram para as periferias em busca de áreas mais baratas que atendessem às necessidades já

---

<sup>98</sup> Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), Zonas Especiais Ambientais (ZEA), Zona Especial do Projeto Orla (ZEPO), Zonas Especiais de Dinamização Urbanística e Socioeconômica (ZEDUS), Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Paisagístico, Histórico, Cultural e Arqueológico (ZEPH) e Zonas Especiais Institucionais (ZEI).

citadas. Os centros urbanos, em geral, com o passar do tempo, sofreram um esvaziamento de suas funções originais, mas Fortaleza é um dos mais singulares casos no que diz respeito à rapidez da transformação pela fuga de atividades âncoras. Antes mesmo de se verticalizar, o Centro já sofreu esvaziamento,<sup>99</sup> contrariamente ao que ocorreu em virtude da revolução industrial, onde os centros urbanos se tornaram lugares de trabalho industrial, atividades de escritórios, e sedes de finanças. Estas funções se somavam àquelas tradicionais - como ser um lugar cívico, uma zona de celebrações - e àquelas funções de antigas feiras, agora transformadas em centros de varejo.

A zona central de Fortaleza, até os anos cinqüenta, tinha muita vitalidade e abrigava moradias, sobrados, comércio de varejo, serviços cotidianos e públicos, recreação realizada em pelo menos sete praças públicas, universidades, entre outras estruturas urbanas. Tais estruturas eram bem interligadas, o que permitia ao pedestre conhecer e desfrutar dessa área em sua totalidade.

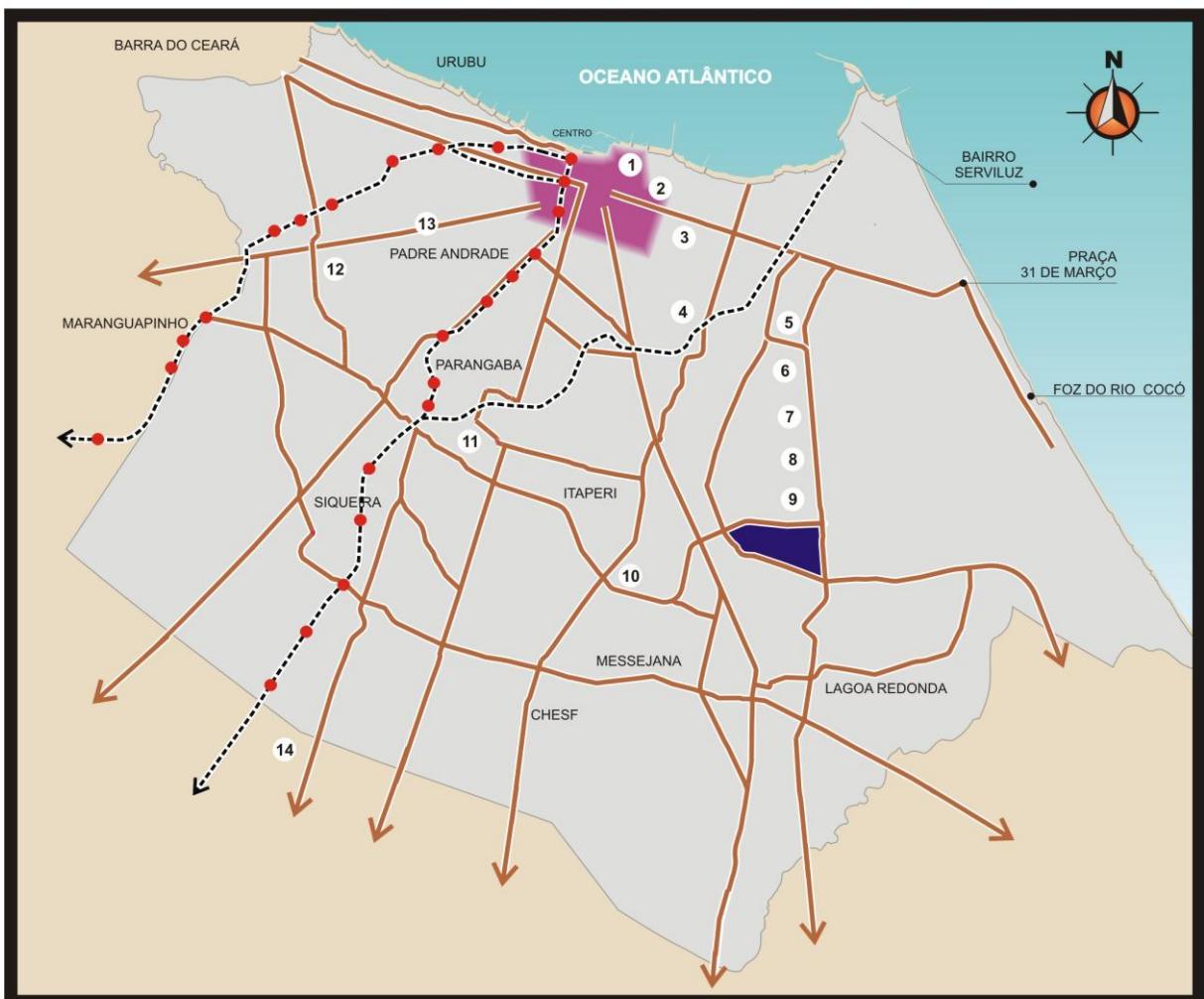
Fortaleza cresceu assustadoramente de 1940 (180.150 habitantes) a 1970 (mais de 860 mil habitantes) e passou a ter em seu tecido urbano o aumento da presença de favelas, bairros periféricos e remotos. Em 1950 possuía 270.000 habitantes, atualmente possui mais de dois milhões e meio. Esse aumento exagerado da população deveu-se, em grande parte, aos fluxos migratórios e teve grande impacto nas áreas centrais promovendo o deslocamento de seus habitantes para outras localidades.

São vários os momentos de fuga de atividades da zona central ao longo desses anos. O primeiro foi com a instalação das linhas de bonde que levou poderosos, de origem sertaneja, a optarem por chácaras localizadas ao longo dessas linhas. Outro momento se deu com a aquisição de automóveis pelas famílias mais abastadas, que optaram por morar em bairros como Aldeota e Jacarecanga. Com o surgimento do bairro de Fátima muitas famílias da classe média, já motorizadas, abandonaram o Centro levando consigo alguns setores de comércio e serviços.

---

<sup>99</sup> Ver os mapas: **Mapa 01** – Expansão Urbana e a fuga de atividades; **Mapa 18** – Gabarito das edificações.

## MAPA 01 - A DISPERSÃO URBANA E A FUGA DE ATIVIDADES

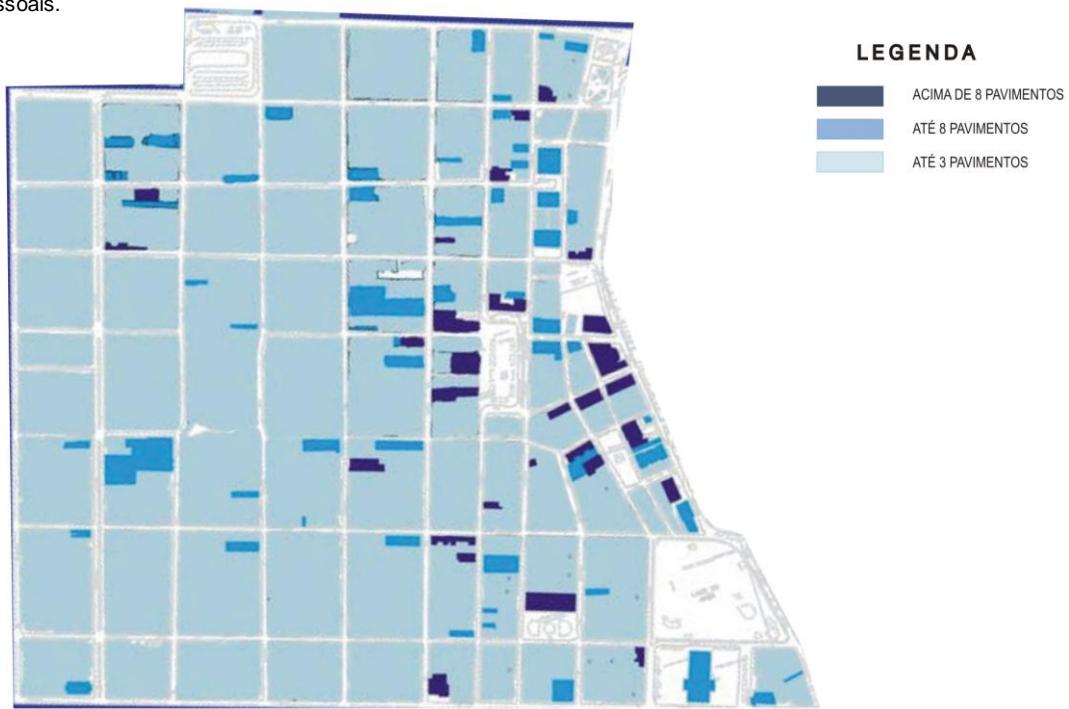


FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.

### LEGENDA

ÂNCORAS DE DISPERSÃO	01 BIBLIOTECA PÚBLICA	06 SHOPPING CENTER SALINAS	11 UECE (ITAPERI)
CENTRO URBANO	02 COMÉRCIO DE ARTESANATO DA MONSENHOR TABOSA	07 CENTRO DE CONVENÇÕES	12 UFC (PICI)
CENTRO ADMINISTRATIVO CAMBEBA	03 CLUSTER COMERCIAL / SHOPINGS DA ALDEOTA	08 UNIFOR	13 NORTH SHOPPING
PRINCIPAIS CORREDORES URBANOS	04 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA	09 FÓRUM CLÓVIS BEVILAQUA	14 DISTRITO INDUSTRIAL DE MARACANAÚ
METROFOR	05 SHOPPING CENTER IGUATEMI	10 ESTÁDIO CASTELÃO	

Fonte: Arquivos pessoais.



MAPA 18 - BAIRRO CENTRO: GABARITO DAS EDIFICAÇÕES

As atividades de escritórios que ocupam hoje as torres centrais são relacionadas ao comércio de varejo que existe na área. As torres são ocupadas hoje predominantemente por firmas de representação comercial, serviços de contabilidade e advocacia comercial. O que faz sentido, uma vez que há a predominância da atividade comercial e esta vizinhança guarda conveniências e complementaridade.

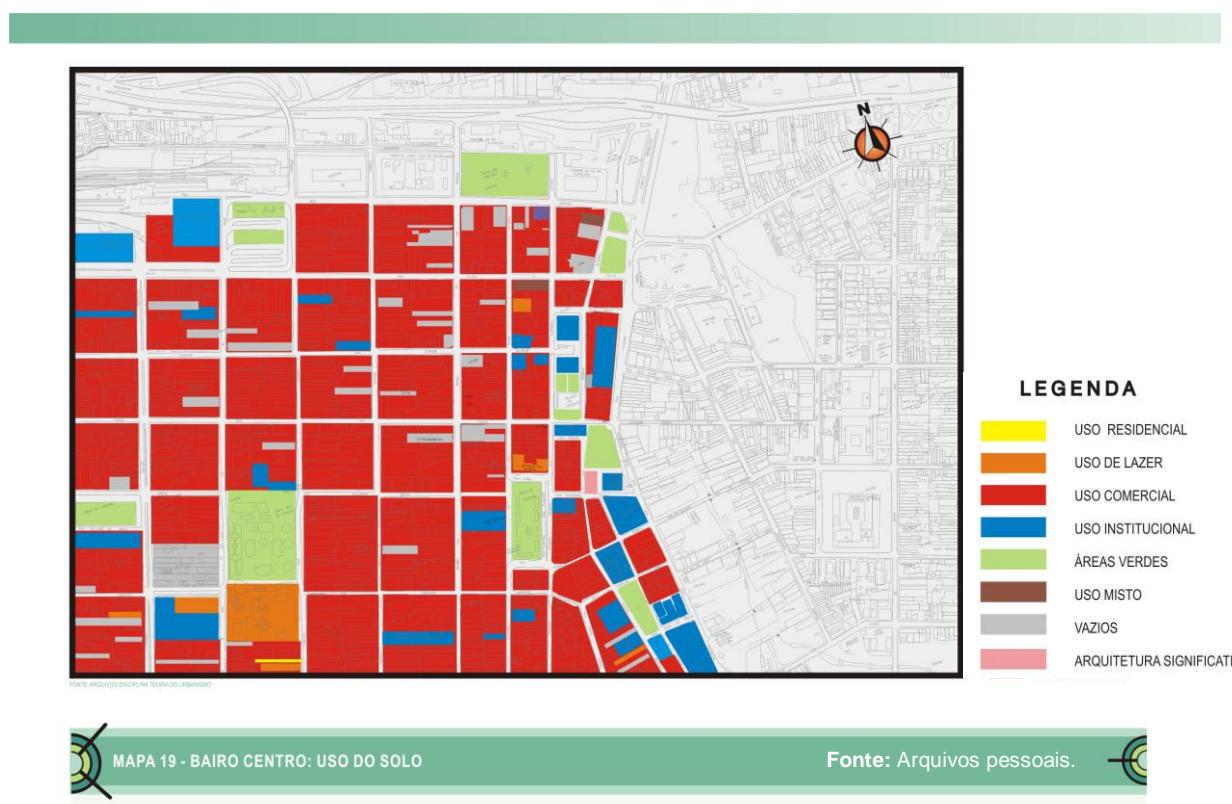
A zona central de Fortaleza apresenta sinais de perda de sua qualidade urbana causada pela brusca transformação de usos, crescente adaptação como zona de uma só função e invasão do espaço público pelo comércio de ambulantes. Predomina a atividade comercial apoiada na conveniência e nos fluxos conectores entre terminais de transporte. Esta transformação estabeleceu um tipo de emperramento cíclico e vicioso no processo permanente de balanceamento entre componentes da matriz geradora de vida no espaço central nas várias horas do dia e da noite. Um fator observado e atestado por quem viveu o Centro em toda a sua

vitalidade e agora convive com a sua desfiguração; como nos mostra em trechos de seus relatos a senhora Zizi Menezes:

A prefeita tem muita vontade de povoar mais o Centro, mas eu acho que ela não vai conseguir, vai não. Porque o Centro... Logo tem muito shopping por ai, muitos comerciantes. No Centro só tem mais é “povão”! <sup>100</sup>

Comumente, esta boa mistura para zonas centrais inclui as presenças do poder político, das representações comunitárias, das instituições financeiras e das residências em suas formas diversificadas e acompanhadas de seus complementos: trabalho, educação, compras, lazer, além de atividades cívicas e culturais.

Com o padrão monofuncional de uso do solo consagrado na situação atual, a intensidade da atividade predominante se dá durante o dia, quando predomina a atividade comercial de varejo.<sup>101</sup> Durante a noite os estabelecimentos fecham suas portas, as vitrines se apagam e o espaço público da zona central assume aspecto deprimido e desértico, uma vez que não existe uma vida de vizinhança emanada da atividade residencial e seus indispensáveis complementos.





## MAPA 20 - MICRO-USOS E ZONAS ESPECIALIZADAS | LEGENDA

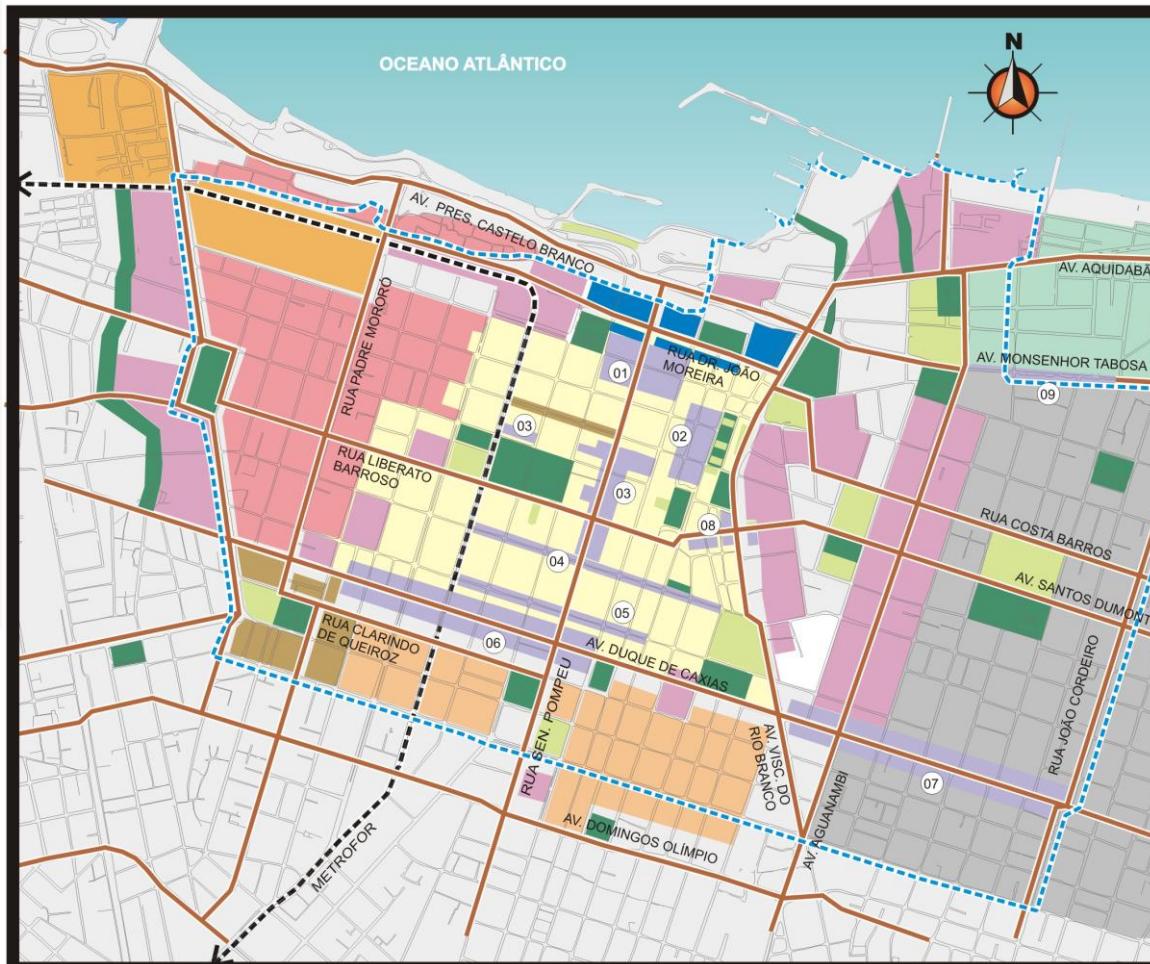


95

### LEGENDA

- [Yellow square] ATIVOS URBANÍSTICOS E EQUIPAMENTOS ESPECIAIS
- [Green square] PRAÇAS E ÁREAS VERDES
- [Pink square] USOS PREDOMINANTES: RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES, SERVIÇOS E CÓMODOS, INSTALADOS EM CASAS TÉREAS.
- [Yellow square] COMÉRCIO DE VAREJO DIVERSIFICADO
- [Grey square] ZONA DE TRANSIÇÃO COM USOS RESIDENCIAIS UNIFAMILIARES, MULTIFAMILIARES, COMÉRCIO E SERVIÇOS.
- [Light green square] ZONA DE TRANSIÇÃO COM ESTRUTURAS HISTÓRICAS E POTENCIALIDADES TURÍSTICAS.
- [Blue square] CORREDOR CULTURAL (CONCENTRAÇÃO DE ARQUITETURAS HISTÓRICAS)
- [Orange square] ÁREAS DE BLOQUEIOS À URBANIZAÇÃO
- [Purple square] ÁREAS ESTRATÉGICAS PARA RENOVAÇÃO, ATUALMENTE EM DECLÍNIO E COM USOS INADEQUADOS.
- [Orange square] USOS PREDOMINANTES: MISTOS, SERVIÇOS E RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES, INSTALADOS EM CASAS TÉREAS.
- [Gold square] COMÉRCIO DE ATACADO
- [Purple square] USOS COMERCIAIS ESPECIALIZADOS (PREDOMINANTES)
- 01 PLÁSTICOS (TECIDOS, UTENSÍLIOS E BRINQUEDOS)
- 02 TECIDOS
- 03 CLUSTER DE SHOPPING, CONFECÇÕES, MÓVEIS E ELETRO-DOMÉSTICOS
- 04 ÓTICAS E RELOJOARIAS
- 05 ELETRÔNICA
- 06 TINTAS, OFICINAS MECÂNICAS E EQUIPAMENTOS DE COZINHA
- 07 AUTOMÓVEIS, OFICINAS, HOSPITAIS E MATERIAL DE ESCRITÓRIO
- 08 CLUSTER DE ESCRITÓRIOS CLASSE "A" (TORRES)
- 09 COMÉRCIO DE ARTESANATO
- SISTEMA VIÁRIO PRINCIPAL
- - - METROFOR
- - - LIMITE DO BAIRRO CENTRO

## MAPA 20 - MICRO-USOS E ZONAS ESPECIALIZADAS



FONTE: Espaço Plano - Arquitetura e Consultoria S/S Ltda.

ESCALA 1:20.000  
0 100 200 300 400

A senhora Guilhermina Gondim nos conta do dia-a-dia de uma vizinha antiga que se depara com o drama da falta de residências nos arredores da sua:

A Neide mora ali sozinha, só sai pro cemitério, mas é uma corajosa! A empregada morreu, era antiga, morava com a mãe dela, a Rosa, e ela tem uma faxineira, que vem de oito em oito dias, ou quando às vezes ela tem uma necessidade. Mas botou ferro na porta, porque os gays ali, quando fazem festa, todos lá do outro lado da calçada, na boate – porque a casa dela é em frente, coitada! Quando dá dez horas, sábado e domingo, a casa dela começa ficar lotada de gente em frente, ai tomam uma coisa e outra e ela disse que uma vez a sala estava com bebida, que eles deixaram cair na janela e entrou de sala adentro, molhou até o tapete.<sup>102</sup>

A situação atual do centro de Fortaleza é de difícil adaptação às novas estruturas convenientes com a vida da metrópole. O processo de dispersão urbana iniciou-se com a motorização da população e o aumento da procura por espaços para a implantação da infra-estrutura das grandes indústrias. As populações mais pobres também cederam ao aumento dos aluguéis e abandonaram a área urbana, o que provocou um esvaziamento habitacional. As atividades relacionadas aos profissionais liberais também abandonaram o Centro em busca de sua clientela.

### **3.3 Os papéis dos centros na história**

A partir do momento em que o homem se tornou sedentário, ele criou também um novo tipo de vida, agora compartilhado, que encontra nas cidades a sua base. Temos desde as primeiras formações uma configuração que remete a um

---

<sup>102</sup> Trecho de relato da senhora Guilhermina Gondim.

lugar de convergência, propício às trocas. Sejam elas de bens ou de informações, ocorriam geralmente em torno de um lugar comunitário como um poço ou um cruzamento de caminhos estratégicos.<sup>103</sup>

Villaça destaca o Centro, historicamente, como o lugar da elite, das instituições de comando das sociedades; lugar do Estado, da exaltação a Deus e das classes dominantes.<sup>104</sup> Mas o que conferimos hoje não é exatamente o recíproco dessa afirmativa: o lugar ocupado por essas instituições agora nem sempre é o Centro. A partir do final da primeira metade do século XX, os Centros das metrópoles brasileiras têm-se afastado de suas funções originais, perdendo suas residências de luxo e suas representações edificadas do poder religioso, político e econômico.

Mas, como afirma Le Goff, “se o centro perde em energia, ganha em prestígio; é que ele permite ver num relance a cidade: sua beleza o resume. Tal como a heráldica resume o destino de uma família”. Segundo o autor, o estudo das relações entre centro e periferia de uma cidade, bem como sua evolução histórica, é extremamente esclarecedor.<sup>105</sup>

Nas cidades medievais o Centro abrigava o paço municipal, a igreja principal, o mercado, as residências das classes mais abastadas, as estalagens. As cidades no “Novo Mundo”, por exemplo, seguiam à risca as *Ordenanzas de Poblaciones*,<sup>106</sup> o que ainda hoje se pode conferir na configuração urbana de muitas cidades da América Espanhola. Essas *Ordenanzas* definiam, entre outras coisas, que deveria haver uma praça principal no centro da cidade onde os lotes edificáveis ao redor dela deveriam ser reservados à igreja, às edificações reais e municipais, ao comércio e à moradia dos mercadores.

Desde os mais remotos aglomerados humanos que há uma disputa de controle e poder, e é sob esse arrimo que se forma o espaço urbano. As classes

<sup>103</sup> Le GOFF, Jacques. **Por amor às cidades:** conversações com Jean Lebrun. Tradução de: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

<sup>104</sup> VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Estúdio Nobel, 1998.

<sup>105</sup> Le GOFF, Jacques. **Por amor às cidades:** conversações com Jean Lebrun. Tradução de: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

<sup>106</sup> Conjuntos de leis impostas pelo rei Felipe II em 1573, que definiam as regras para a construção das cidades.

dominantes sempre saíram ganhando essa disputa, controlando o Estado e o mercado imobiliário. Sendo assim, influenciam o Centro em sua constituição e seus vetores de crescimento.

A aglomeração das funções que permitem os intercâmbios entre as pessoas gera, há milênios, os centros das cidades. Portanto, entender o centro em sua origem como “uma aglomeração de estruturas que abrigam as instituições fundamentais de uma sociedade” e lugar das classes dominantes nos é fundamental.

A produção do espaço urbano, bem como sua organização no uso do solo, passa a ser obra do mercado privado que é regulado pelo Estado; então a qualidade urbanística fica em função do modo como for fiscalizado. No caso do Brasil, tal intervenção reguladora sempre foi fraca e restrita.

Com o surgimento das sociedades capitalistas essa composição do Centro mudou. Perdeu-se a monumentalidade e a simbologia, bem como a característica de exaltação a Deus e/ou ao Estado nesse espaço.

Desde o final da primeira metade do século XX, nossos centros vêm sofrendo com o abandono gerado pelo deslocamento do comércio e dos serviços em direção aos bairros residenciais das classes altas e médias, o que abriu espaço para o comércio dirigido às classes mais baixas. Esse deslocamento gera novas áreas centrais que nascem com a escala do automóvel.<sup>107</sup>

Seguindo essa linha, começou a acontecer um fenômeno que nos chama a atenção: o Estado e outras instituições, como as universidades, a igreja, e os cemitérios, passaram a fazer o mesmo deslocamento centrífugo que as atividades econômicas; para o qual, no entanto, não têm as mesmas justificativas. Percebe-se então, nas metrópoles brasileiras, a constituição de dois ou mais centros principais - um antigo e dirigido agora para as classes menos abastadas; outro novo e projetado para as classes dominantes - o que materializa a sociedade de classes desiguais.

---

<sup>107</sup> Para o caso específico da cidade de Fortaleza, ver **Mapa 01 – A dispersão urbana e a fuga de atividades**.

No que se refere à moradia, atualmente os centros抗igos que não passaram por processos de requalificação urbana bem sucedidos,<sup>108</sup> em sua maioria, encontram-se ocupados por uma população de faixa de renda mais baixa. Também ocorre a divisão desse espaço com uma pequena parcela de moradores da classe média, de poder aquisitivo reduzido, que continuaram em suas antigas casas e não avançaram na direção dos novos centros comerciais e residenciais.

Os centros抗igos brasileiros mais abatidos por esses eventos são os das cidades de Fortaleza, Salvador e São Paulo, ficando os das cidades do Rio de Janeiro e de Porto Alegre entre os que foram menos abalados.

### **3.4 As relações cidade-centro**

Há muito tempo os centros são objeto de ferozes batalhas; eles não querem desaparecer sem combate, eles persistem. Parece-me, entretanto, que a evolução age profundamente contra o centro urbano. Ele não é mais adaptado à vida econômica, à vida das relações que dominam as populações urbanas. Então, o que ele se torna? *Centro storico*, dizem muito bem os italianos. E se ele ainda brilha, é a beleza da morte. Caminha-se em direção ao Centro-museu.<sup>109</sup>

O crescimento e a expansão urbana ainda são uma realidade em nossas metrópoles. Mas deixaram de atingir as áreas urbanas centrais, que passaram a sofrer com a fuga de atividades, o esvaziamento residencial e o abandono. Isso se deve em parte a ações modernizadoras difundidas no Brasil nos anos de 1960, que propuseram novas áreas de expansão, levaram as funções de Estado e

---

<sup>108</sup> Os que passaram por essas experiências em geral sofreram com o fenômeno da gentrificação.

<sup>109</sup> Le GOFF, Jacques. **Por amor às cidades:** conversações com Jean Lebrun. Tradução de: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 150.

administrativas dos Centros e se utilizaram de maneira equivocada de medidas de proteção ao patrimônio, “engessando” essas áreas.

As cidades de formações mais recentes continuam a ter taxas de crescimento muito altas, agravando a cada dia seus problemas urbanos. Com crescimento periférico significativo, nota-se em seus centros uma mudança que ao mesmo tempo demonstra vitalidade nessa área e destrói sua história urbana.

Cleide Bernal chama a atenção para o que hoje é a questão central das metrópoles nordestinas: a natureza de seu desenvolvimento urbano. Atrativos aos capitais privados são apresentados ao mesmo tempo em que os traços segregativos se aprofundam com a separação dos espaços da pobreza e da burguesia, através da expansão de áreas valorizadas e do aumento gradativo do número de favelas.<sup>110</sup>

Segundo a autora, diferentemente do que ocorre nos países centrais, onde a segregação é caracterizada por uma apartação, aqui ela ocorre em função de ligações entre grupos sociais de poder aquisitivo diferenciado que compatibilizam equipamento de uso coletivo diversificado, baseando-se na auto-provisão e no fornecimento precário dos bens de serviço por agentes mercantis informais.

Nos anos de 1970, período de desaceleração do crescimento econômico, é... que gerou impactos sociais e no espaço urbano, os centros urbanos começaram então a entrar em decadência. Junto desse declínio nasceu também a preocupação em reativar esses centros nas cidades.

Um rápido e intenso fenômeno de urbanização baseado em processos econômicos e sociais que tomou de forma genérica todo o globo durante a segunda metade do século XX conferiu uma taxa de urbanização em torno de 9,0% no ano de 1800, dando um salto para 25,6% em 1950 e chegando a 48,0% no ano 2000.<sup>111</sup> Confere-se, portanto, que não há somente uma questão de urbanização das

---

<sup>110</sup> BERNAL, Maria Cleide Carlos. **A metrópole emergente:** a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza. Fortaleza: Editora UFC / Banco do Nordeste do Brasil S. A., 2004.

<sup>111</sup> BENFATTI, Denio e SCHICCHI, Maria Cristina (org.). **Urbanismo:** dossier São Paulo – Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Denio Benfatti, 2003.

cidades, mas também de uma concentração muito alta da população em grandes centros.

No caso da cidade de Fortaleza, o crescimento demográfico é explicado tanto pelo poder de atração que a cidade exerce sobre as demais na região a qual está inserida, como pelas péssimas condições de vida que a maioria delas no interior do estado oferecia. Nossa cidade tinha cerca de 180 mil habitantes em 1940, passando a 280.000 habitantes em 1950, 514.000 em 1960, chegando a mais 870.000 até 1970.<sup>112</sup>

As secas periódicas somadas à abertura de vias que passaram a ligar Fortaleza ao interior e também a outros estados contribuíram para um acentuado e vertiginoso crescimento demográfico. O resultado disso: uma sobrecarga na estrutura e no funcionamento da cidade, acentuando seus problemas urbanos.

Antes, os números conferiam uma certa unidade quanto à concentração nos centros das principais cidades, em seus diversos continentes. Mas o que verificamos agora é uma queda nesses números no que se refere à Europa e à América do Norte, contraposta à constância das altas taxas da Ásia, África e América do Sul.

Cidades de formação antiga como Paris, Londres e Nova York estabilizaram sua taxa de crescimento, permitindo uma maior atenção aos seus centros, que se esvaziaram e sofreram com a fuga de atividades. Já as cidades de formação mais recente, como México, São Paulo e Rio de Janeiro, continuam a ter taxas de crescimento muito altas, agravando a cada dia seus problemas urbanos.

Nossas metrópoles são mais jovens, com crescimento periférico significativo. As altas taxas de vacância nessas áreas centrais antigas, somadas aos baixos aluguéis, defasados em relação a outras áreas mais recentes e de caráter

---

<sup>112</sup> BERNAL, Maria Cleide Carlos. **A metrópole emergente:** a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza. Fortaleza: Editora UFC / Banco do Nordeste do Brasil S. A., 2004.

adquirido também central, tornam-se uma preocupação significativa se levarmos em consideração que se trata de um lugar de excelente infra-estrutura.<sup>113</sup>

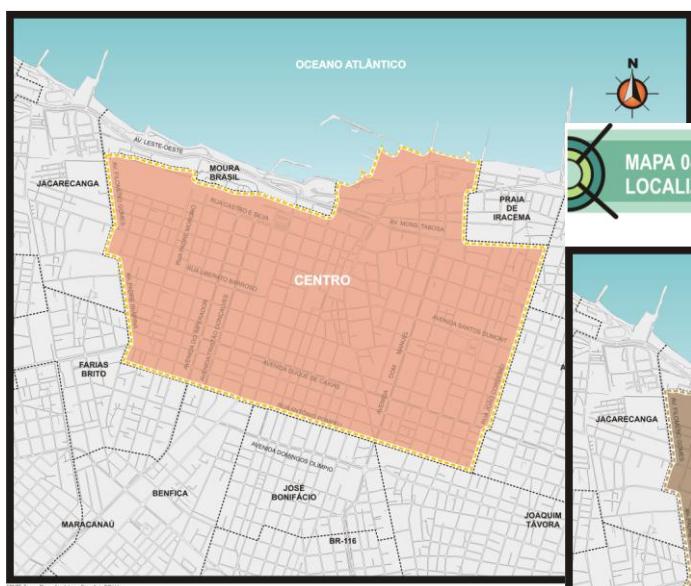
Em fins dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 começou a se desenvolver algumas intervenções no intuito de recuperar os centros tradicionais de cidades brasileiras, como os de Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Na cidade de São Paulo, deveu-se ao fato de o Governo do Estado e a Prefeitura voltarem a ocupar o Centro com suas sedes a leva de outras empresas com atuação direta ou não nessa área a seguirem o mesmo caminho.

Tais atitudes somam esforços no sentido de compor um novo quadro de “revitalização”. O que se pensa no momento, em relação aos Centros, é o que propor para esse convívio de representações variadas e como fazê-lo. A nova cidade é essa: surge como a representação da acumulação de vida urbana.



<sup>113</sup> Para o caso específico da área central de Fortaleza, conferir o levantamento das boas condições de infra-estrutura nos mapas: **Mapa 02** – Redes de abastecimento de água e esgotamento sanitário; **Mapa 03** – Rede de distribuição de energia elétrica; **Mapa 04** – Sistema de telefonia / internet / rádio / tv / localização de agências e caixas coletoras dos correios; **Mapa 05** – Coleta de lixo e pontos críticos do sistema.

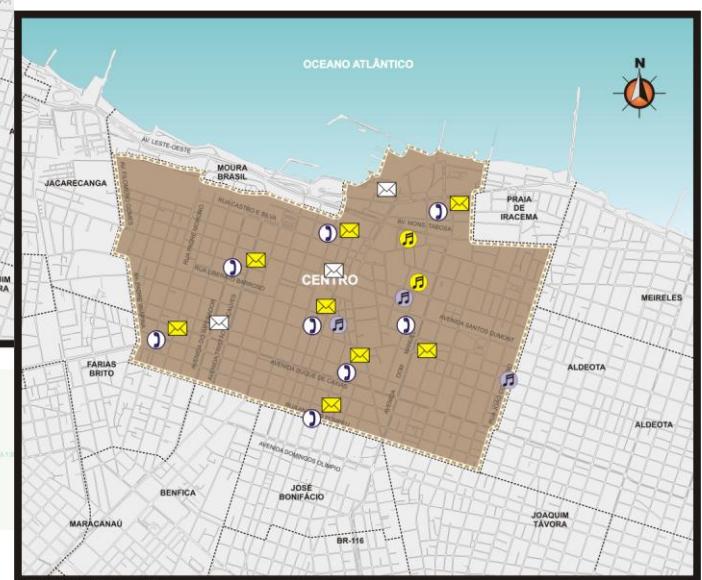
**MAPA 03 - REDE DE DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA**



**LEGENDA**

- LIMITE DO BAIRRO CENTRO
- COBERTURA DE ENERGIA ELÉTRICA NO CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA

**MAPA 04 - SISTEMA DE TELEFONIA / INTERNET / RÁDIO / TV / LOCALIZAÇÃO DE AGÊNCIAS E CAIXAS COLET. DOS CORREIROS**



**LEGENDA**

- LIMITE DO BAIRRO CENTRO
  - COBERTURA DE TELEFONIA FIXA, MÓVEL, A EMISORAS DE RÁDIO E REDES DE TV
  - AGÊNCIA DOS CORREIOS E TELEXOS
  - CAIXA DE COLETA DOS CORREIOS E TELEXOS
- RÁDIO FM
- RÁDIO AM
- GRANDE CONCENTRAÇÃO DE TELEFONIA PÚBLICA

**MAPA 05 - COLETA DE LIXO E PONTOS CRÍTICOS**



**LEGENDA**

- LIMITE DO BAIRRO CENTRO
- ÁREA ATENDIDA PELA COLETA DE LIXO
- ACUMULOS DE LIXO PROVENIENTE DE ALIMENTOS (CÔCOIS, RESTOS DE FRUTAS E VERDURAS, PAPEIS, ETC.)
- 1 ACÚMULO DE LIXO PROVENIENTE DE ALIMENTOS - PEIXES
- 2 ACÚMULO DE LIXO PROVENIENTE DE ALIMENTOS - PAPELÃO, PLÁSTICOS E MADEIRA

## CAPÍTULO 4

---

## Capítulo 4. DA TEMÁTICA DA CIDADE ÀS PRÁTICAS DE ESPAÇO

### 4.1 A temática da cidade: múltiplas visões

Antes de ser uma questão puramente urbanística, a temática das cidades interessa a todos nós. Investigada e discutida sobre diversos aspectos, ela reflete a preocupação com os problemas do homem moderno e do “estranhamento” em que vive atualmente nas grandes cidades.

O contato com a realidade atual das cidades nos remete à história, estabelecendo um paralelo que persiste em suas conotações. É como se a cidade que se apresenta para nós, hoje, fosse algo extremamente desconfortável, desproporcional ao próprio homem. Algo que foi criado por nós, mas que não nos confere condições de existência e convivência.

Walter Benjamim lembra uma frase de Lotze que diz que “[...] entre os atributos mais surpreendentes da alma humana está, ao lado de tanto egoísmo individual, uma ausência geral de cada presente com relação a seu futuro”. E segue refletindo acerca da imagem da felicidade, que está para nós, segundo o autor, toda ela voltada a uma época atribuída ao passado.<sup>114</sup>

Le Goff estabelece que “a cidade contemporânea escapa às definições tradicionais”. A fim de fixarmos uma representação na qual possamos dominá-la mentalmente, procuramos mobilizar os recursos da história. Mas o exercício de atá-

---

<sup>114</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas, 3<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222 e 223.

la ao pedestal de patrimônio se torna um tanto vã, uma vez que “o passado se esquia daquilo que lhe pede o presente”.<sup>115</sup>

Ainda na visão do autor, “é a sociabilidade, o prazer de estar com o outro, que estabelece em definitivo a diferença urbana, a urbanidade”. Sendo assim, em que sentido a cidade ainda pode ser considerada como sinônimo de sociabilidade, ao passo que se tornou hoje sinônimo de individualismo e anonimato? As cidades, em sua origem e sentido históricos, são também uma forma de revolução, pois tornam os homens aparentemente livres e iguais. Foi nelas que os burgueses conseguiram conquistar e conservar o seu poder, onde os soberanos tentaram imprimir suas marcas, onde os pobres passaram a se sentir menos inseguros.<sup>116</sup>

A temática das cidades é profundamente complexa e interessa a todos nós, uma vez que nossa maior parcela populacional vive e atua nesses lugares definidos por Roberto Lobato Corrêa como sendo “o principal lugar dos conflitos sociais”. Um lugar ao mesmo tempo fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas.<sup>117</sup>

Para Lobato, os diferentes usos da terra definem áreas fragmentadas que se articulam e geram fluxos de pessoas e de veículos. A cidade capitalista, desigual por natureza, reflete em suas áreas residenciais segregadas a sociedade de classes. Denuncia a realidade atual, e aquela que ocorreu no passado deixando marcas em seu território. Torna-se simbólica ao se expressar através dos seus lugares e monumentos sagrados e especiais.

Os espaços citadinos não mantêm sua relevância por serem lugares de realizações de rituais sociais e amorosos, mas a focalização desses altares e de seus espaços sagrados alimenta o imaginário.

---

<sup>115</sup> Le GOFF, Jacques. **Por amor às cidades:** conversações com Jean Lebrun. Tradução de: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

<sup>116</sup> Referência do autor em relação à natureza histórica da origem e evolução das cidades, onde a burguesia em busca da proteção de seu patrimônio mantinha sua guarda, garantindo, assim, um lugar mais seguro em relação aos locais fora da cidade, onde havia as invasões constantes e a perda das terras e da produção que dela vinha.

<sup>117</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 3a. ed. [S. L.]: Ática, 1995.

A cidade tem vida própria e, portanto, movimento, gerado por seus agentes concretos que produzem e consomem espaço. Esses agentes sociais complexos fazem com que as cidades estejam em um processo de reorganização espacial constante, porém continuamente fragmentado e articulado; reflexo e condicionante social; e profundamente desigual.

No caso das metrópoles atuais e seus espaços urbanos, consumimos todo esse espaço, e também o tempo. De modo que se relacionar “à moda antiga”, num intercâmbio cultural cotidiano a céu aberto e “olho no olho” tornou-se tarefa difícil. Então criamos outros espaços que não existem no tempo do relógio biológico; espaços atemporais e que estão em todo lugar. Lugares virtuais. E criamos também novas relações, de longe capazes de substituir as tradicionais.<sup>118</sup>

Mas o que mais podem ser as cidades além da materialização da própria sociedade; espelho das atuações dos seus agentes?

Kevin Lynch destaca que a cidade é uma construção no espaço, uma obra arquitetônica, mas numa escala bem grande, e, portanto, só pode ser percebida em grandes intervalos de tempo.<sup>119</sup> A escala do homem não é mesma da cidade, o tempo do homem difere do tempo das cidades. Esta é um organismo vivo e mutante e pode ser apreendida por diversos espelhos – olhos, objetivas e recantos envidraçados.

Ela carrega um conjunto de símbolos e sinônimos os mais diversos. Pode ser definida como “arte-fato”, “no sentido etimológico de feito-com-arte”;<sup>120</sup> como criação humana; estrutura espacial; referência necessária da arquitetura; fruto da história civil dos homens; criação do ambiente em que vive a coletividade; lugar inseparável da formação da civilização; produto dos sistemas funcionais geradores da sua arquitetura; entre tantos outros significados.

Italo Calvino a define como:

---

<sup>118</sup> A exemplo, as comunidades virtuais e sítios de relacionamentos na *Web*, como *Orkut*, *Blogs*, *foto-logs* e afins.

<sup>119</sup> LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

<sup>120</sup> CONTARDI, Bruno. **Prefácio**. In: ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 1 – 9.

Feita [...] das relações entre medidas do seu espaço e os acontecimentos do seu passado. [...] Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito no ângulo reto das ruas, nas grades das janelas, no corrimão das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serraduras, entalhes, esfoladuras.<sup>121</sup>

Fortaleza é uma cidade concreta, mas suas imagens e memórias adquirem valores equivalentes a outras experiências. A cidade pode ser vista como um conjunto de experiências sensoriais: desde o aroma do café torrado e moído no grande pilão do Casarão da Rua General Sampaio;<sup>122</sup> do gosto das serigüelas e dos sapotis que ficavam no seu quintal; do cheiro de coisa antiga que o sobrado do Sr. João Câmara Filho emana ainda hoje nas lembranças vivas de seu neto;<sup>123</sup> até suas representações estéticas.

As várias experiências visuais causam impressões emocionais através dos traçados das ruas, dos espaços vazios, do vai e vem de pessoas na calçada que por vezes paravam embaixo da janela de Dona Lourdinha<sup>124</sup> para ouvi-la tocar o piano pela manhã, ou à tarde, quando o mormaço ia embora.

Para David Harvey “a aparência de uma cidade e o modo como os seus espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais”.<sup>125</sup>

Na visão de Certeau como texto urbano, a cidade atribui a seus agentes sociais qualidades de cheios e vazios desse texto que escrevem sem poder ler. As redes criadas por esses escritos avançam compondo histórias múltiplas, sem

---

<sup>121</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 12a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>122</sup> Referências que as bisnetas da proprietária original da residência fazem quando lembram “daquela época”.

<sup>123</sup> Referência do Sr. Christiano Câmara à residência de seus avós paternos, quando indagado sobre o local.

<sup>124</sup> Maria de Lourdes H. Gondim, musicista herdeira da residência de nº. 1406 da Rua General Sampaio.

<sup>125</sup> HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2a. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

autores ou expectadores, feitas de fragmentos de trajetórias que alteram os espaços.<sup>126</sup>

A princípio, neste trabalho, as casas e os moradores eram aparentemente desconexos entre si. No entanto, a Sra. Guilhermina Gondim - que atuava na PRE9, depois como funcionária pública - conheceu em situações de trabalho e de cotidiano o Sr. Daniel Menezes - que trabalhou na T.V. Educativa -, que por sua vez também mantém laços de amizade com o Sr. Christiano Câmara e é irmão da Sra. Osiléa Menezes, outra participante. Após a leitura desse “texto urbano”, casas e “moradores-recordadores” aparecem nitidamente interligados em uma teia invisível.

O espaço da cidade ainda pode ser visto como um espaço de aprisionamento, onde seus agentes não têm forças para impor uma lógica própria em suas vidas, devido ao predomínio de uma lógica objetual aniquilante que as estilhaça por inteiro. Experiências humano-existenciais não são ressignificadas e as ligações com o mundo, perdidas. Têm-se assim esse espaço como um local de disseminação da violência, de ruptura das raízes, espaço de alienação, perda de identidade, anulação do sujeito, de empobrecimento dos vínculos culturais, afetivos e familiares. O que Freud caracteriza como o “mal-estar na metrópole moderna contemporânea criada pelo capitalismo”, que sempre esteve presente no processo de formação e expansão das sociedades urbanas e industriais.<sup>127</sup>

Seus agentes tendem a produzir tons variados de estranhamento, em relação a si e à sociedade em que estão inseridos. Alheios, “flanam” pela cidade como que exilados. São seres fragmentados (como a própria cidade em Lobato), desenraizados, postos à deriva e expostos a uma vida cotidiana, burocrática e impessoal.<sup>128</sup> A escala humana deixa de ser a medida da realidade, uma vez que “... na metrópole, [...] o indivíduo nada mais é que um átomo na massa”. Antes podia ser concebida, pensada e compreendida pelo homem, agora somente suportada e dominada.

---

<sup>126</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Tradução de: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

<sup>127</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

<sup>128</sup> LIMA, Rogério e FERNANDES, Ronaldo Costa (org.). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

Para Argan “o espaço urbano é espaço de objetos”, “de coisas produzidas”. Sendo assim, em sua concepção, são espaços urbanos também “os espaços das casas particulares”, “o retábulo do altar da igreja, a decoração do quarto”, chegando a abranger até o vestuário e o ornamento das pessoas, esses “recitando a sua parte na dimensão cênica da cidade”.<sup>129</sup>

A crise pela qual passa toda a cidade - e não somente a região que classificam na sua opinião em termo teoricamente absurdo como “centro histórico” - é relacionada pelo referido autor “à crise da historicidade intrínseca, congênita à cidade”. Não podendo se admitir, portanto, uma política de salvaguarda para uma parte mais antiga da cidade sem haver uma política urbanística que considere e englobe os problemas de todo o espaço urbano.

Em suas convicções teóricas Argan coloca que ser um historiador da cidade é o mesmo que ser um historiador da arte, uma vez que considera a cidade como “arte-fato”. E mantém uma posição pessimista em relação ao seu desenvolvimento e situação atual, quando afirma, em uma entrevista sobre sua experiência como prefeito de Roma, que “[...] nada mudou, mas antes sabia que a cidade estava doente, e agora sabe de que mal ela morre”.

Atualmente as cidades presenciam a degradação ou mesmo o desaparecimento de seus espaços públicos, originados para o intercâmbio e o contato entre as pessoas. As transformações urbanísticas e tecnológicas não vêm primando por estes espaços comuns representados pelas praças - lugar do renascimento dos teatros na idade média e que parecem já não possuir mais sentido dentro da lógica da vivência urbana atual. Nessa ótica esses espaços se transformam em vazios urbanos e lugares do ócio. As cidades clamam por uma revitalização de seus centros e de seus espaços públicos de lazer para que se realizem as trocas de informações, trabalhos, idéias, afinidades. Para que se estabeleçam o capital social e as trocas culturais locais. O que, pobre e rapidamente, sobre a lógica do consumo, ocorrem atualmente nos espaços das conexões ocupados pelos *shoppings center's*, transportes coletivos e afins.

---

<sup>129</sup> ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

#### 4.2 A cidade arte-fato como texto urbano

Divido com Certeau<sup>130</sup> uma segunda leitura da cidade para além das cartas geográficas, dos planos, programas e projetos: a representação dela como **texto urbano**. Pensar um espaço – planejá-lo buscando a harmonia e a funcionalidade – pede um olhar mais detido no que se remete às atividades a serem exercidas ali.

O que se deve observar previamente – seja para solucionar os problemas espaciais de uma residência, uma escola ou outro lugar – são as pessoas que vão conviver no local. Como elas irão interagir com esse ambiente criado ou modificado? As soluções formais tornarão os trabalhos mais fáceis e prazerosos, ou criarão barreiras e obstáculos à realização de suas tarefas? Essas perguntas devem ser levantadas para se tentar obter a melhor aproximação possível do lugar idealizado.

Quando se pensa um ambiente deve-se levar em consideração aspectos como o conforto ambiental, a iluminação e a ventilação naturais, a funcionalidade, a estética, inclusive as sensações que se deseja proporcionar ao entrar e permanecer nesse lugar. O que se espera do ambiente construído é que ele seja a materialização das funções, sensações e atividades a serem vivenciadas nele.

Então o que esperar do planejamento de um artefato tão mais complexo e que abrange todas as funções de morar, estudar, trabalhar, ter lazer e se locomover dentro de si? A cidade se apresenta numa imensa “texturologia” dinâmica composta pelas práticas cotidianas cinéticas exercidas pelos “sujeitos-texto-múltiplos”.

---

<sup>130</sup> Michel de Certeau. Pesquisador francês com formação nas áreas de Filosofia, Letras Clássicas, História e Teologia. Bastante estudado nas mais diversas áreas como sociologia, antropologia, arquitetura e urbanismo, dentre outras, é autor de “A invenção do cotidiano” dividida em dois volumes 1. Artes de fazer e 2. Vida cotidiana.

No processo de criação de uma obra de arte o jogo de distanciamento e aproximação enquanto a elabora se faz necessário. Porém, deve-se procurar fugir do “simulacro teórico” da “cidade-panorama”, historicamente praticado no planejamento urbano. Uma prática adotada de desconsideração e/ou desconhecimento das práticas urbanas que não deve mais prevalecer.

No exemplo clássico de Certeau, Nova York vista do alto do *World Trade Center* não se assemelhava ao traçado estático representado no papel. Do contrário, mais se remetia a milhões de frases a todo instante sendo compostas e recompostas. Uma mistura de textura e de caracteres que em nada se aproximava do estático mapa esquemático da cidade.

Esses sujeitos–caracteres escrevem a todo o momento suas trajetórias anônimas que não conseguem ler, pois estão “embaixo”, estão na condição de praticantes da cidade. Nesse plano do pedestre que preenche os cheios e os vazios do texto urbano é onde cessa a visibilidade inviabilizando a leitura do texto.

Parafraseando Certeau, Fortaleza, ao contrário de Roma, nunca soube a arte de envelhecer curtindo todos os seus passados. Penso que ela se assemelha a uma senhora aprisionada no corpo de uma jovem que sofre com as suas memórias tão fugidias quanto involuntárias. Estas imagens teimam em invadir sua mente e brigam com aquela refletida de si mesma no espelho, que nega qualquer possibilidade de existência de um passado mais remoto, deixando-a confusa.

Nossos recordadores reiteram a observação acima em alguns momentos de seus relatos. Como quando a senhora Douvina descreve a antiga casa do avô do seu marido; ou como, num de seus artigos, o senhor Christiano Câmara ressalta que considera nossa cidade sem “rosto arquitetônico”:

A nossa casa foi construída nos fundos da casa do avô do Christiano, o Sr. João Câmara Filho. [...] A família todinha chamava “o Casarão”, por que a casa era “um mundo”, eram não sei quantas portas, não sei quantas janelas. [...] Mas era enorme a casa! Ainda alcancei, vi já no ponto de demolir. Era pro lado da Alberto Nepomuceno, em frente ao Quartel. Era um casarão que pertenceu ao Sr. Boris, ele o recebeu como pagamento de uma

restituição quando deixou de trabalhar pra Casa Boris, era guarda-livros. Ele a recebeu em 1911 e a casa já era centenária! Era muito bonito o casarão, enorme! Tinha muitas portas na fachada, uma escadaria belíssima e uma torrezinha mirante. Foi demolido para construírem o Mercado Central, o mercado de artesanato. Não tem nenhuma foto da fachada da casa, porque nesse tempo não tinha muito registro fotográfico.<sup>131</sup>

Como se vê, Fortaleza não tem rosto arquitetônico, posto que, de tempos em tempos, sua fisionomia é alterada, a fim de atender não a melhoria de vida de seus habitantes, mas sim aos interesses dos que querem enriquecer derrubando e construindo prédios públicos. Para lembrá-los ficam somente as fotos antigas, quando conservadas.<sup>132</sup>

Seus prédios novos e modernos, suas casas antigas demolidas em função deles, não lhes deixam perceber sua trajetória vivida. Na metáfora da jovem confusa, ela olha por sobre os telhados e pensa lembrar-se de uma paisagem codificada de um lugar vivido. Mas “ali havia...”, hoje são “presenças de ausências”. Podemos espacializar esta observação citando alguns trechos de entrevistas, como estes que se seguem das senhoras Guilhermina Gondim, Zizi Menezes e Douvina Câmara:

Então, essa irmã da minha avó veio morar **aqui**, bem em frente, hoje a casa dela é um comércio, era uma de três portas, está toda desmanchada, é comércio. **Ali** vizinho ao sebo, tinha a da Neide, tinha outra casa, afora o sebo, a da tia Clarinha quando ela morava **aqui**, eu sei que era uma casa que tinha a porta e duas varandas.<sup>133</sup>

Eu conheci aquele palácio que tinha ali na Avenida Santos Dumont. Ah... Eu fiquei com tanta pena quando desmancharam pra fazer uma praça. E quase abandonada, não é? Aquilo **ali**, eu acho que fizeram pra Luiza Távora, pra exposição, feira, essas coisas, mas ninguém vê quase isso. Podendo ter conservado. Por que aqui no Ceará, eu não sei como ainda não mandaram derrubar a Secretaria da Fazenda!<sup>134</sup>

Aquele Fialho, que até me admirei que ele "arranjou" um jeito de botar as estradas **ali** pela aquela "Leste-oeste" e não derrubou aquela igrejinha! Por que se fosse outro prefeito tinha derrubado! E ele teve a sensibilidade de não derrubar aquela igrejinha, que é linda aquela igrejinha.<sup>135</sup>

---

<sup>131</sup> Trecho dos relatos da senhora Douvina Câmara.

<sup>132</sup> Trecho de um artigo denominado “Fortaleza sem rosto” escrito pelo Sr. Christiano Câmara.

<sup>133</sup> Trecho dos relatos da senhora Guilhermina Gondim.

<sup>134</sup> Trecho dos relatos da senhora Zizi Menezes.

<sup>135</sup> Trecho dos relatos da senhora Douvina Câmara.

### 4.3 Percursos e mapas

Planejar a cidade enquanto “fato urbano” é pensá-la em toda a sua dinâmica e pluralidade. Não se trata “apenas” de projetar e locar num determinado espaço unidades inanimadas; sejam elas habitacionais, institucionais, ou de utilidade pública. Trata-se de uma relação entre estes espaços, os não-espacos e os fluxos gerados dentro e entorno deles pelos agentes sociais produtores de texto urbano.

Os múltiplos passos destes agentes moldam os espaços, tecem os lugares, formando um sistema real cuja existência torna efetiva a “arte de fazer” a cidade. São êxodos que se entrelaçam criando o tecido urbano. Esse sistema, representado sob a forma gráfica em um papel, traz, a princípio, um jogo de texturas e densidades. Mas tais mapas podem permitir as mais variadas leituras de um mesmo espaço, pois o “processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre [...] é uma realização espacial do lugar”.<sup>136</sup>

Quando a senhora Douvina nos fala da época em que sua irmã, vindia de Jaguaribe Mirim, veio continuar os estudos em Fortaleza, ela nos deixa perceber uma cidade que tinha a escala do pedestre, uma cidade caminhável. “Ela atravessava a cidade” toda para ir da Rua 24 de Maio até o Colégio da Imaculada:

A minha irmã mais velha veio estudar aqui, no Colégio da Imaculada, e na época não tinha internato lá, ela ficou interna numa casa que tinha pra moças, na Rua Vinte e Quatro de Maio, e ela atravessava a cidade todinha pra vir aqui pro Imaculada.<sup>137</sup>

---

<sup>136</sup> CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 5<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 177.

<sup>137</sup> Trecho dos relatos da senhora Douvina Câmara.

O mesmo deixa perceber a senhora Zizi Menezes, quando relembra o trajeto casa-trabalho-casa que seu pai fazia quando trabalhava na Secretaria da Fazenda. “Ele ia e voltava a pé. Era perto”:

Meu pai era o Tesoureiro Geral da Secretaria da Fazenda. Nessa época ele já trabalhava lá naquele prédio da Secretaria da Fazenda, lá mais pra baixo, perto do trilho do bonde, tem até uma pracinha assim do lado que tem uma estátua do Alberto Nepomuceno. Pois ele trabalhava ali, ele ia e voltava a pé. Era perto.<sup>138</sup>

A representação gráfica dos percursos dos agentes construtores de texto pode representar, por exemplo, as teias criadas em torno de suas vivências. O que pode tornar claro em que ponto seres escolhidos absolutamente de forma aleatória podem ter suas vidas entrecruzadas em suas trajetórias. Podem também tornar visível uma gama de resíduos colocados num “não-tempo”; ser a captação daquilo que passou; a materialização da ausência de uma apropriação; a interpretação das seleções e transformações de um lugar ou não lugar.

Os lugares de memória são eleitos e vivenciados de acordo com aquilo que significam, criando em torno de si percursos que mais tem a ver com um conjunto de representações. Valores cognitivos que geram uma “organicidade móvel do ambiente”, uma sucessão de “topo-fatos”. Não seria possível, portanto, reduzir a cidade ao seu traçado gráfico, ela é composta de inúmeros caminhos que nascem das formas de apropriação dos lugares. Pode-se medir a importância dessas práticas significantes como práticas inventoras de espaço.

Podemos conferir nos relatos das nossas recordadoras a confecção de mapas mentais afetivos que tecem esses espaços. A Senhora Guilhermina Gondim, ao recordar a época que precedeu sua experiência de cantora de rádio, quando sua

---

<sup>138</sup> Trecho dos relatos da senhora Zizi Menezes.

mãe já tocava piano ao vivo, fala-nos da loja “A Cearense”, patrocinadora do programa, desenhando esse lugar como ainda vivo. “Era ali...”:

Antes da gente começar a cantar, a mamãe já tocava num programa. Tinha um na hora do almoço da “Cearense”, a loja enorme, era muito afamada, era do Sr. Aprígio, que era nosso vizinho lá da Rua Assuncão, o Sr. Aprígio Coelho de Araújo. **Era ali** naquela esquina, a loja, enorme! <sup>139</sup>

Ou nesta outra passagem belíssima relembrada por ela quando da ocasião de sua primeira comunhão, na casa da avó, onde hoje mora com sua irmã:

Retratos daquela casa eu não tenho, por que toda festa era aqui, por que a Iaiá queria fazer aqui, a mesa dela era maior ainda, e tinha um candelabro em cima. E tinha um senhor que enfeitava a sala, muito amigo da gente. Ele botava um fio lá em cima, e enchia com uns jasmins, enfiava os jasmins à noite, que era pra de manhã amanhecerem abertos. E terminava com uma dália, uma dália branca, em cada pratinho a dália com uma folha verde. Pois ele fazia a noite, passava a noite aqui, dormia, pra fazer essa mesa, era a da Primeira Comunhão, eu me lembro! <sup>140</sup>

Nos trechos dos relatos da senhora Douvina podemos nos apropriar de lugares como as ladeiras que encerravam onde hoje fica a Avenida Leste-Oeste. “Ali tudo era cheio de ladeira”.

Antigamente tinha umas casas lá embaixo que a rua fazia assim, ia descendo, que **ali tudo era cheio de ladeira**. No pé da Biblioteca tinha uma ladeira; lá depois, na Santa Casa, tem a ladeira; por que não tinha a Leste-Oeste. <sup>141</sup>

---

<sup>139</sup> Trecho de um relato da Sra. Guilhermina Gondim. (Grifo meu).

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> Trecho dos relatos da senhora Douvina Câmara. (Grifo meu).

Podemos também conhecer um cidade chamada “Jaguaribe Mirim” onde o evento mais importante era a chegada de um rio que era “um mundo” e vinha trazendo com ele muita alegria para aquele local:

[...] a parte de Jaguaribe (cidade) aonde chegava o (rio) Jaguaribe, era a parte mais larga do rio, “um mundo”, sabe, enorme! Então as pessoas vinham vindo das estradas; os expressos, os ônibus, os caminhões, e tudo: “- O rio vem por ai! Está chovendo nas cabeceiras do rio! Eu vim com ele!” - então a gente se aprontava, toda bonitinha, pra ir ver o rio chegar! Mas isso não é bonito, um negócio desse?!

[...]

Ai a gente andava quase três quilômetros a pé, por dentro da cidade, pra ir lá... Atrás do cemitério, que era longe - todo cemitério é um pouco longe, não é - pulava duma árvore e vinha descendo, dentro d’água, pelo Rio Jaguaribe! Quem foi que fez isso heim? Só a Douvina! <sup>142</sup>

Os próprios mapas nasceram da descrição dos lugares, das narrativas de viagens. Surgem mais assemelhados a livros de histórias do que a mapas geográficos. Tem-se assim uma relação das práticas do espaço com a ordem construída dessas práticas. Como bem escreve Certeau, “os relatos de lugares são bricolagens, são feitos com resíduos ou detritos de mundo”. Eles “se privatizam e se escondem nos cantos dos bairros, das famílias ou dos indivíduos”. <sup>143</sup> Dorme-se ai um passado nos gestos cotidianos de acordar, caminhar, comer, dormir, gesticular.

Quando solicitada para descrever os ambientes de sua casa, a senhora Douvina fazem isso de forma bem interessante, construindo verdadeiros mapas mentais afetivos de sua residência, enquanto nos descreve seu lar em forma de percursos habitáveis:

Eu moro na Rua Baturité desde 54. Tinha uma pessoa lá que vendia flores, não tem mais não, ali na casa 119. Aquela casa da esquina, bem grande, na década de 30 foi um cabaré famoso, o Cabaré da Hemília, [...]. Ainda tem a Padaria Estrela. Lá a travessa está acabada! Com negócio de ônibus de sacoleiro, daquela feira lá em frente à Catedral, eles vêm parar os ônibus

<sup>142</sup> Trecho dos relatos da senhora Douvina Câmara.

<sup>143</sup> CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 5<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 188 – 189.

ali. O senhor João Câmara fez a casa do filho que se casou, que era Gilberto Câmara, meu sogro, fez pra ele lá com a frente pra Travessa Baturité. Que nem era também Travessa Baturité, era Travessa da Escadinha. Fez a casa e a minha sogra dizia que vinha lá da Rua Vinte e Quatro de Maio pra olhar a construção dessa casa. [...] Não tinha aquela sala que dá pra cá, que a gente chama “Quarto-Novo”, era reta a casa. Ali aonde a gente chama o “Campo”, [...] ali “emendava” com o quintal. A escrivaninhazinha dele ficava ali, naquela parte ali. Na frente ficavam aquelas duas estantes, uma daquelas que está lá, daquelas de porta de vidro, e a outra esse meu cunhado vendeu por pouco mais ou nada; eu ainda consegui ficar com uma. E outra coisa, ai, eu me casei e vim pra ali e ficaram os hábitos, os nomes dos espaços da casa. Por exemplo: você chama ali a sua cozinha, você chama aqui a sala de jantar, você chama aqui a sala de visitas, cada casa tem suas coisas. Então tinha lá, e continuou. [...] Aquela copa ali onde o meu velho escreve, não tem nada mais de copa, ninguém faz refeições ali, nem nada, mas continua “Copa”. Aquela onde tem os passarinhos, que a gente guarda de noite, a gente chama de “Despensa”. Ali não tem nada de despensa, é só “breguesso”. E tem ali aquela entrada, onde você viu a estante vazia, era gabinete, por que era onde o pai dele escrevia muito. [...] Ai pronto, tudo tem o nome, tem o “Banheiro-Novo”, que é o do quarto novo, [...] ai tem o “Banheiro-Velho” que é ali na cozinha [...]. Aquela área ali, onde eu digo que é a frente do quarto novo, é “Campo”. Pronto, ainda hoje é “Campo”! Chamavam “Campo” ali, porque os meninos jogavam bola. Era o campo deles de quando criança. Então ainda hoje é “Campo”, ninguém vai mais mudar! Já vieram os filhos, os meus filhos já foram embora, já tem é os netos e eu vou mudar o nome de lá? Ficaram os mesmos hábitos, as mesmas coisas, a gente chama do mesmo jeito ainda.<sup>144</sup>

O mesmo ocorre quando fazemos o pedido à senhora Zizi Menezes:

Meu pai comprou essa daqui por doze mil contos de réis. [...] Ele comprou em 1923, ai era pequena a casa, ele chamava de “beiribica”, que eu não sei o que é “beiribica”. Pois era essa casa, pois a chamava de “beiribica”. Ai mandou fazer essa casa em 1926 pra 1927, que a Dedéa nasceu em 1927. Ai ele disse que quando terminou, a Dedéa tinha nascido e era bem novinha, e ele alugou uma casinha ali atrás, ai quando acabaram foi que ela veio pra cá com a mamãe e ele. Eu nasci aqui, nessa casa. Todos nasceram aqui. Mas a Dedéa, eu acho que ainda foi na “casinha”, a casinha aqui, depois foi que ela foi pra lá, pra o papai reformar isso daqui. Esse portão não era aqui, esse portão tem uma história... Essa cozinha já havia, mas há pouco tempo mandamos colocar os armários. Esses azulejos fomos nós que colocamos também porque naquela época só tinha azulejo colorido, assim, e liso, sabe, não tinha bordadinho, como tem agora. Essas portas ainda são do tempo da construção da casa. Esse alpendre também, essas colunas, só que não tinha essa janela, que era muito escuro, ai nós mandamos colocar. Ali, no lugar daquela janela, era uma varanda e nessa que a gente entra, também era outra varanda. A gente entrava pela porta da

---

<sup>144</sup> Trechos dos relatos da Sra. Douvina Câmara sobre sua casa. Ver os **Mapas Afetivos** de sua residência nos **ANEXOS 1 – 3** ao final do capítulo.

frente. A gente nunca abre essas, essa sala ai é abandonada. Toda vida foi abandonada. Esse é o recanto, não tinha não, era o jardim, mas já faz uma porção de tempo que ele existe ali, também. Esse piso aqui é o segundo piso. O primeiro era mosaico daqueles mosaicos que tinham uns desenhos. Ai o mosaico estragou, ai o papai mandou botar esse aqui. Mas ainda foi ele quem mudou, há mais de quarenta anos. Foi ele quem mandou botar. Aqui, essa janela aqui, era uma varanda. Aqui só fez tirar a varanda e mudou a porta, que era igual àquela de veneziana. Ainda era assim de duas; tinha uma e tinha outra por dentro. A gente passa agora por essa, pra não ficar muito aberto, sabe. Ela tem uma portinha por dentro, pra fechar. A varanda, não tem uma varanda na frente de ferro trabalhado? Pois era igual, tinha ali e tinha aqui. E eram portas também, a mesma coisa. Aqui era o quarto da Dedéa. O piso mudou, era taco, era até bonito, era preto e amarelo, mas ai estragou, e nós mandamos botar essa cerâmica. Esse piso aqui do corredor é o legítimo, tudo era assim. Esse aqui da sala também era o legítimo. Esse quarto era dos meus pais, agora é meu. Esses móveis da "sala abandonada" são do tempo que os meus pais casaram. Aqui foi onde nós nascemos todos, nessa cama. Esses móveis aqui desse quarto eram todos da mamãe. Esse oratório era da minha mãe. Essa estante aqui faz parte do enxoval do quarto também, mas toda vez ficou aqui no corredor. Essa daqui era a estante do meu avô. Engraçado que o pessoal antigamente só usava mais móvel preto. Esse quarto da Dedéa, quando todos ainda moravam aqui, era nosso, era das três, com a Dircinha também. O outro era que morava a minha avó, que vivia muito aqui, a mãe da mamãe, com uma neta que o papai criava. Os irmãos eram com o papai e a mamãe, que quando a mamãe morreu o Daniel tinha cinco anos, eram pequenos ainda, o outro tinha seis. Ai dormiam tudo ai no quarto. Os banheiros originais não têm mais não, porque, naquela época, era um quartinho pro banheiro, um quartinho pra privada. Era ali naquele quarto, isso aqui era um quarto. Ai nós mandamos fazer este banheiro. Eram dois quartos, ele lá, e esse aqui. Nesse aqui ficavam a minha avó, e a minha prima, que a vovó criava. Nesse aqui ficava a Dircinha com a Ia. A sala de banho era aqui, aqui ficava a portinha da privada, e ali ficava a do banho. O piso era "cimento queimado". Esse lavatório é "do tempo da gente", os asseios já eram ai! Essa cristaleira é de 1947.<sup>145</sup>

Bem como à senhora Guilhermina Gondim:

Vovô dizia assim – "Eu vou mandar construir a casa que dê pra rua". E diziam assim pra ele: – "faça um pouco elevada, porque esse terreno é um pouco úmido". Parece que tinha uma lagoa lá pra trás, não sei onde é, eu sei que o terreno era um pouco úmido. Chamavam meu avô de Coronel, porque nesse tempo, não tinha um negócio de chamar de Coronel quem tinha uma certa posição? Era Coronel Arlindo, que era também o nome do meu irmão mais velho, Arlindo. A Iaiá cuidava muito da casa, a minha avó e o meu avô. Todo ano quase ela mandava limpar e tinham todos os enfeites, era uma cor diferente, ela disse que era bege com "café-com-leite". Mas... agora está diferente. A minha avó ficou morando nesta casa desde que ela

---

<sup>145</sup> Trechos dos relatos da Sra. Zizi Menezes sobre sua casa. Ver os **Mapas Afetivos** de sua residência nos **ANEXOS 4 – 6** ao final do capítulo.

foi construída, até falecer. [...] Ela deixou pra mamãe, o testamento, todos já sabiam como era. A mamãe preferiu alugar. De imediato a mamãe não morou aqui, nós morarmos aqui um tempo, porque o vovô era louco pela mamãe e pelo piano, a mamãe tocava quase toda noite pra ele ouvir, então mamãe morava ali, mas era mesmo que morar aqui! Agora a mamãe ficou com a casa e não quis vir logo pra cá, [...] então, quis alugar. [...] Ela alugou a casa. Ela alugou uma pra morar, e alugou esta aqui. Por que esta casa era muito grande e alugava bem, dava pra pagar o aluguel da outra e ainda sobrava [...]. Quando a dona quis vender a casa que ela alugava pra morar, a mamãe disse ao meu irmão que morava aqui: “- Meu filho, agora você já está bem, agora eu quero a minha casa!” – ai nós voltamos pra cá (risos...)! E estamos até hoje, ela faleceu aqui. [...] uma época roubaram as instalações todinhas, antes dos médicos alugarem. [...] Levaram toda a iluminação, era antiga, aqueles candelabros de cristais, toda a instalação! [...] Roubaram tudinho, era tudo de cobre! Tinham lustres aqui na copa, tinham lustres lá na sala, foi tudo!<sup>146</sup>

Os lugares vividos são como presenças de ausências, são histórias fragmentárias e isoladas em si. Os relatos cotidianos são nossos transportes coletivos, pois todo relato é um relato de viagem, uma prática de espaço. O espaço é um lugar praticado - existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas. Os relatos efetuam, portanto, um trabalho que transforma lugares em espaços e espaços em lugares.

Podemos perceber claramente nos relatos da senhora Douvina esta transposição de espaços, quando ela vivencia novamente as sensações de uma Jaguaribe Mirim onde se podia dormir nas calçadas e brincar nas ruas:

[...] A gente se aprontava e ia passear o que a gente chamava na época “passear no calçamento”. Minha avó sentada com o meu avô na calçada, e a gente passava, passava... Ali é que a gente paquerava, que a gente via os amigos, as amigas; não existia negócio de lesbianismo, a gente ia passear de mãos dadas. Não pode mais, por que se fizer, pensa que é lésbica! [...] A gente se aprontava pra ir ver a chegada do Expresso de Luxo, que era o transporte da época, que vinha de Recife [...]. Ai a gente ia toda prontinha, toda bonitinha, toda ajeitadinha, pra ver o Expresso. Hoje você não se apronta pra ir pro aeroporto? A diferença é só o transporte, não é?! Mas ai, a gente diz hoje, o povo: “Ai, que coisa engraçada!” – não tem nada de engraçado, você se apronta pra ir pro Iguatemi! [...] Em interior a vida era uma beleza! Hoje em dia é só bebida, preguiça, crime, internet. [...] Eu brincava, brincava na rua até não querer mais, quando dava oito e meia,

---

<sup>146</sup> Trechos dos relatos da Sra. Guilhermina Gondim sobre sua casa. Ver os **Mapas Afetivos** de sua residência nos **ANEXOS 7 – 9** ao final do capítulo.

nove horas, que chegava o sono, ai a gente se sentava nas preguiçosas, dormia nas calçadas! [...] Quem que lá pode dormir enrolado em calçada hoje? Eu digo pros meus netos: “Olha a minha infância, como foi!”.<sup>147</sup>

Os lugares de memória da senhora Guilhermina Gondim constroem em seus relatos mapas afetivos mentais e sonoros que nos permitem perceber aspectos de suas vivências no conservatório e nas suas férias, na casa do Mondumbim:

[...] Lá no Mondumbim, nós tínhamos uma casa de veraneio, papai mandou fazer uma casa num sítio que a gente tinha, ali: tinha a estação de trem, depois tinha o primeiro sítio, o segundo sítio, à direita, era logo o nosso. Ia levantando assim, ficava bonitinha a casa! Porque ficava assim, “alteando”.

[...]

Canto estudou só eu. Andou aqui uma professora do Rio de Janeiro e a mamãe foi convidada, mas não podia ir pro Conservatório porque ela não tinha tempo. Ai a mamãe disse: “- Vai, Guilhermina, você vai!” e eu fiz esse curso no Conservatório, que ainda era lá perto do Passeio Público, com a professora Marina Menezes. Era uma cantora clássica carioca, uma senhora. E as aulas dela, tão engraçadas! A gente fazia: “Aaaaaaaa...”, as primeiras, ai, com os sons de piano, tinham as escalas: “Aaaaaaaa...” e depois tinham arpejos, que era: “Aa-aaaaaa”. Ai vai dando os tons e a gente vai cantando, e cantando – cantando não, só dando as notas.<sup>148</sup>

#### **4.4 Práticas e relatos**

Há uma geografia preestabelecida que se desenrola desde os cantinhos dos armários das nossas avós, dos quartinhos da nossa infância, da casa materna; até a rua, a praça, a igreja, a escola, o trabalho. Os relatos cotidianos nos contam

---

<sup>147</sup> Trechos dos relatos da senhora Douvina Câmara.

<sup>148</sup> Trecho dos relatos da senhora Guilhermina Gondim. (Grifo meu).

sobre tudo aquilo o que se pode fazer nesses lugares. Eles são leituras do espaço da casa, da rua, do trabalho, da escola. Enfim; são leituras do espaço da cidade.

Relatos não são apenas lembranças, são uma “linguagem falada” das práticas sociais, são indícios de modos de viver e de cultura. Percebe-se, através dos relatos das nossas depoentes, certos hábitos que são recorrentes em suas vidas. Isto faz pressupor um modo de viver resguardado por um tempo, posto que suas fases de vida foram vivenciadas em momentos distintos – suas idades são distanciadas por quase uma década entre si.

A música é um dos aspectos recorrentes levantados e que se fez presente de modo muito forte na vida da senhora Guilhermina. Ela nos revela, junto à naturalidade com que ingressou na música, aspectos do cotidiano daquela época em que “quase todo mundo tinha piano” em casa:

A música foi assim naturalmente. A mamãe já tocava, cantava, tinha violão e a gente gostava muito. Ela foi ensinando também em casa. Eu estudava, o Zé Arlindo estudava, até o mais velho estudou; **todo mundo estudava o pianismo. Foi assim... Desde criança!**

[...]

Havia uma professora de piano, a senhora Aurélia Menezes, ex-professora da mamãe, diplomou-se com ela, todos os anos fez com ela. **Elá todo ano fazia um concerto no Teatro José de Alencar.** Tinha a primeira parte das garotas, a segunda médio, e a terceira já era mais adiantado.

[...]

No começo do trio nós cantávamos nos aniversários da família, principalmente, **porque quase todo mundo tinha piano** e ficavam pedindo: “- toca isso, toca aquilo”...

[...]

Nós tínhamos sido convidadas para cantar num evento da ACERT e o Orlando era um dos que tinha vindo pra abrir o evento, ai nós *cantarmos*, e quando terminou ele disse: “- O quê, vocês não cantam em rádio?” – ai surgiu, ai nós fomos cantar, foi quando o Dummar insistiu pra gente ir.

[...]

Quando encerrou o trio, depois eu continuei cantando sozinha. Foi assim: terminou as Três Marias, eu retornoi depois que o papai faleceu, passou um tempo, daí o Paulo me convidou - o Sr. Paulo Cabral. Papai morreu em quarenta e sete, parece-me que eu retornoi em quarenta e nove, ou foi no fim de quarenta e oito, mas sozinha. Quem acompanhava no piano era o Mozart Brandão.

[...]

Ai o Paulo disse assim: “- Ora, eu não sabia! Você quer fazer programa de rádio? Você pode?” Ai ele falou, ai eu aceitei (risos...)! Eu cantei até começar a televisão e acabarem os programas de rádio. Mesmo assim eu ainda cantei três vezes na televisão!

[...]

Quando começou a TV eles me convidaram. Nem pagavam, nem tinha transporte, nem nada. Daí eu ainda fui, mas disse à mamãe que era longe. Se tivessem ao menos um transporte! Então eu fui, mas comecei a me esquivar. Ai também, sabe, o ambiente não era muito... Era pesado, um pouco pejorativo.<sup>149</sup>

O piano também fez parte de forma marcante da vida da senhora Zizi Menezes. Ela nos atesta que naquela época aprender piano - assim como os cursos de línguas estrangeiras e os esportes hoje em dia - era um hábito que fazia parte da formação educacional básica. “[...] Quando a gente era mocinha nova, a gente estudava piano, todo mundo tinha a mesma professora”:

O piano daqui de casa eu já vendi há muito tempo, porque nenhuma das três (irmãs) tocava mais. Era um piano abandonado. Havia uma casa aqui ao lado que era alugada a um depósito de ovos, mas olhe, era tanto rato aqui em casa, que nós uma vez pegamos um dentro do piano! Então eu fiquei com medo que o piano estragasse e a gente o perdesse, então eu vendi a um amigo nosso. O piano era laqueado, não era envernizado não; era daqueles que tinham aqueles suportes de colocar velas. A primeira coisa que esse amigo a quem nós vendemos o piano fez foi retirar o teclado de marfim. Botou fórmica. O nome dele é Lutigário Lima Verde. Então eu disse: “Lutinho, pra quê tu fez isso?! Tirou o valor do piano!”. E ele disse: “não, mas ficou bem bonito, bem branquinho, de fórmica, depois eu vou lhe buscar pra você olhar como ficou!”. E eu disse: “não venha não, que eu não vou não!”. Ele disse que tinha tirado o laqueado todinho, tinha mandado envernizar, e eu disse pra mim mesma: “não quero ver!”. Então ele foi transferido para São Paulo e levou o piano com ele. **Todas as três irmãs tocavam**, mas daí eu fui deixando, porque a minha irmã mais velha foi ficando doente.

[...]

A minha professora de piano foi a Dona Olímpia Bastos, era tia da Irmã Elizabeth, ela morava na Rua da Assunção. Ela foi colega de mocidade do meu pai. Ela morava em frente à casa do Pio Rodrigues. A essa época, a Edi, que era a viúva do Clóvis Rolim, estudava também com a Dona Olímpia. **Quando a gente era mocinha nova, a gente estudava piano, todo mundo tinha a mesma professora.**<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> Trechos de entrevistas da senhora Guilhermina Gondim. (Grifo meu).

<sup>150</sup> Trechos de uma entrevista da senhora Zizi Menezes. (Grifo meu).

A senhora Douvina Câmara nos fala de quando foi vizinha de frente da família da senhora Guilhermina, lembrando os momentos em que ouvia a música que emanava daquela casa:

Enquanto a gente morou na Rua General Sampaio, nós tivemos contato com o Paulo e o Assis, que são os irmãos mais novos da Sra. Guilhermina Gondim. Ela pode nem se lembrar de mim, mas eu me lembro demais! **Eu me lembro demais dos meninos tocando piano.**<sup>151</sup>

E continua enriquecendo-nos com os comentários sobre as palestras que o senhor Christiano Câmara faz sobre a música, destacando que isto se tratava de um artifício para registrar aspectos do cotidiano local, contando suas transformações e adventos tecnológicos:

O nome da palestra que ele dá é: "Quando a música registrava a história". O tema é uma beleza, por que são coisas que você nem se lembra mais e que registraram a história. O telefone, o bonde - quando começou - sabe, tem tudinho isso em música! Mas hoje o povo jovem não conhece mais, não houve falar, nem nada...<sup>152</sup>

O hábito de fazer visitas também é algo destacado nos relatos orais das três senhoras, de forma que deixa perceber que isso constituía um aspecto comum no dia-a-dia das pessoas daquelas épocas. É o que veremos nos trechos dos relatos da senhora Guilhermina:

**Passeio do domingo: fazer visitas! Casa das tias!** Tinha a tia Clarinha, morava ali atrás das Caixas D'água. A tia Sinharinha era lá no Benfica. [...] Íamos arrumadinhas, todas três iguaizinhas, a mamãe sempre ela gostou de botar as três iguaizinhas, era uma graça! Tem até retrato da gente, tão

---

<sup>151</sup> Trechos de entrevistas da senhora Douvina de Andrade Câmara. (Grifo meu).

<sup>152</sup> Idem. (Grifo meu).

engraçado, as três de marujo, com um laço na cabeça! [...] Tinha a missa e as visitas eram depois.

[...]

Papai quando veio do Seminário começou a conhecer a família, ir às casas da família; visitando e visitando; e quando visitou o vovô Arlindo, meu avô, que era o dono dessa casa, conheceu a mamãe. Ele ficava com receio de vir aqui, a mamãe era só uma e tinha-se muito respeito, naquele tempo, aos mais velhos. Tinha uma tia, irmã da minha avó, casada com um irmão do meu pai, tia Clárinha. Ela era viúva, então ele ia lá, conversava com a tia e as primas, mas de olho aqui! Vinha mais lá, e aqui menos.<sup>153</sup>

Tal observação se reitera no depoimento da senhora Douvina quando descreve, dentre os momentos de lazer de sua infância em Jaguaribe onde se dormia nas calçadas até os pais voltarem das visitas, o hábito de se “pagar” e se “dever” as visitas:

O meu pai se aprontava todinho com a minha mãe e iam fazer as visitas. Isso normalmente. Hoje quem é que visita ninguém? Às vezes o papai chegava pra jantar, fechava a farmácia cinco horas, seis horas; “- Maria Cléa, hoje você se apronte, que nós vamos visitar o Dr. Lúcio, vamos ‘pagar’ aquela visita!” – que o Dr. Lúcio já tinha ido visitá-lo um dia, eles iam “pagar” a visita num outro dia. Ai a minha mãe saia toda de branco e o meu pai todo de paletó, todo bonito.<sup>154</sup>

Mesmo quando a senhora Zizi Menezes nos conta sobre a ausência dos passeios ou das visitas em sua vida, ela deixa denunciar que isso se constituía um hábito local, posto que ela frisa que “aqui em casa a gente não passeava muito não”. Dizer que “aqui em casa” não se passeava muito faz imaginar que fora desse universo isto era uma prática comum das famílias:

**Aqui em casa a gente não passeava muito não.** A gente tirava uns retratos, o papai comprava, naquela época não tinha nem filme colorido, a gente tirava por aqui mesmo: Praça Coração de Jesus, Praça do Carmo... Mas a gente brincava no quintal mesmo. **A gente não passeava muito não, porque aqui em casa a gente toda vida foi calmo.** A gente ia muito

<sup>153</sup> Trechos de entrevistas da senhora Guilhermina Gondim. (Grifo meu).

<sup>154</sup> Trechos de entrevistas da senhora Douvina de Andrade Câmara. (Grifo meu).

assim, a um São Luis, todo domingo de manhã. O pessoal não fazia conta de negócio de praia, como agora. [...] Eu vim viajar depois de grande, já depois de formada foi que eu vim viajar. Eu nunca tinha saído daqui.<sup>155</sup>

A análise dos discursos das depoentes no sentido da observação da forma como ordenam suas lembranças; dos aspectos que ressaltam e dos que deixam empobrecidos; dos momentos de transição e dos esquecimentos permitem, por sua vez, uma apreensão de suas totalidades embutidas nesses artifícios.

Uma “*gestáltica*”<sup>156</sup> que permite compreender mesmo parte do que não foi dito, pelo simples fato de tentar deixar passar despercebido. Uma casa é mais do que paredes, piso e teto, portas e janelas, mobília. Uma casa é tudo isso e mais do que isso: é a presença em nossa memória de uma trajetória de vida, distinta da soma desses elementos.

Na organização do discurso da senhora Guilhermina percebe-se uma valoração de tudo aquilo que diz respeito à família, em detrimento de sua vida afetiva e particular, sempre em segundo plano. Ela nos deixa perceber estes aspectos mesmo quando se refere a entes de sua família ou quando lamenta a saída dos moradores de sua rua:

Mamãe esteve muito mal, quase morre do quinto filho! O médico dizia que talvez ela não pudesse mais ter filhos. Daí a religião católica não tinha esse negócio de evitar de jeito nenhum, **fosse o que Deus quisesse!**

[...]

Tarcísio cuidava mais da família do que dele! A família, Nossa Senhora! A família estava em primeiro lugar!

[...]

**Aqui nessa rua tudo era família**, viu! Do lado de cá e do lado de lá. De repente, tudo começou a sumir! As famílias foram saindo, só tem um que mora ainda ai. Ah! E o protestante! O protestante mora ali em cima! São três famílias, apesar dos pesares, ainda têm três famílias ao todo.

[...]

---

<sup>155</sup> Trechos de entrevistas da senhora Zizi Menezes. (Grifo meu).

<sup>156</sup> Conceito adotado por Ecléa Bosi, em seus estudos sobre a percepção e a memória, fundamentado na idéia de que o todo é mais do que a soma de suas partes. Tal idéia é baseada na Psicologia da Forma, ou Psicologia da *Gestalt*, *Gestaltismo* ou simplesmente *Gestalt* – teoria da psicologia que considera os fenômenos psicológicos como um conjunto autônomo, indivisível e articulado na sua configuração, organização e lei interna.

A mamãe fazia programas clássicos, ai, quando o papai faleceu, o Manuelito não deu muito tempo para ela ficar de luto, não sei foi um mês, ou dois. Mas “caíram em cima”! Se ela não fosse, a gente não teria o que comer, mas mesmo assim falaram dela!

[...]

Mamãe foi acompanhar (no piano) um coral no IBEU, nós todas estudarmos lá, inclusive ela. Só havia senhoras, tinha um bocado de senhoras amigas dela, “a turma das senhoras”, era chique! Mas umas primas muito católicas foram dizer: “- **Lourdinha, você, tão católica, numa festa protestante!**” – e ela: – “Pois eu vou me confessar e vou ver o quê que o padre vai me dizer!”. Então a mamãe se confessou e foi dizer ao padre, pro padre dar licença se ela podia acompanhar o casamento.

[...]

Quando o Dummar soube que a gente tinha cantado – **familiarmente falando, não é** – dizem que ele disse assim: “Ah!”. Papai não queria! Ai mamãe disse: “- Mas eu vou fazer o programa, e vou com elas, depois elas cantam, e nós voltamos!” – ele acabou deixando! Ai nós começamos a cantar à noite.

[...]

A casa era ali, onde tem a loja Camelô e tem: “Móveis”, “Pátina”, compra e revende. É o Sr. – como é o nome dele, **eu só chamo o protestante** – Sr. Fiel!<sup>157</sup>

Os aspectos que a senhora Zizi Menezes ressalta em seus relatos também estão muito ligados à família, chegando a nos descrever uma rotina de recolhimento quase que absoluto em relação ao convívio com o mundo para além dos muros de sua casa:

Porque aqui em casa o quintal é grande e aqui só era família. Então a reunião do pessoal, dos amigos, dos colegas, desde pequena, a gente se reunia aqui no quintal. Ainda tenho amigos, um rapaz que ainda mora ali, desse tempo pra cá só tem ele.

[...]

Logo quando a mamãe morreu, a gente era bem pequeno e **o papai era muito bem casado, ele não procurava ir pra família e nada, a gente vivia só mais aqui. A saída mais da gente era para o cemitério**, depois que a mamãe morreu. O papai quase todo domingo ia com a gente lá.<sup>158</sup>

Outro aspecto que perpassa por todos os depoimentos é a valoração do passado com certa crítica em relação aos hábitos de hoje. É o que se pode perceber nestes trechos recortados de relatos da senhora Guilhermina Gondim:

<sup>157</sup> Trechos de entrevistas da senhora Guilhermina Gondim. (Grifo meu).

<sup>158</sup> Trechos de entrevistas da senhora Zizi Menezes. (Grifo meu).

Papai caducava com a gente! Agora **a gente tinha todo um retorno, naquele tempo!** Hoje tem televisão, umas coisas horrorosas, horrível, umas coisas horríveis! Eu digo: - "Thereza fecha ai, olha que coisa horrorosa!" – e as crianças todas assistindo! Adquirindo! Respondendo aos pais, não respeitam os pais. **Naquele tempo, Ave Maria!**

A mamãe dizia assim: “- Vamos!” – e ninguém se levantava, tudo nas cadeiras, **tomava a benção, ninguém corria, ninguém pedia isso, nem pedia aquilo!**<sup>159</sup>

A senhora Zizi Menezes saúda um passado em que se podia entrar numa favela e cuidar das “velhas”, onde as pessoas não tinham o hábito de tomar banhos de mar, o passeio era ir ao cinema:

**O pessoal não fazia conta de negócio de praia, como agora.** A gente ia ao cinema às dez horas, na sessão das dez a uma (10h às 13h), no (Cine) São Luis.

[...]

Agora eu não sei se ainda tem, mas no tempo que eu estudava lá, tinha a Associação da Virgem de Marilac, eram três alunas e uma freira, cada uma tinha uma velha pra cuidar. A gente ia visitar, levava comida, passava a manhã lá com elas, agora **eu acho que não tem mais isso não, que hoje em dia ninguém pode nem mais chegar perto de uma favela.**

[...]

Porque hoje em dia - acho que o culpado mais são as freiras, porque quase não tem mais freira que ensine. No meu tempo, quase eram todas as professoras eram freiras. **Eu me lembro, eram preparadíssimas!** Mas hoje em dia quase não tem, tudo é professor de fora! Ai o colégio perde muito.<sup>160</sup>

Este aspecto sobre a cultura dos banhos de mar que ainda não eram uma prática de lazer também é relembrado pela senhora Guilhermina, um pouco antes da senhora Zizi, certamente:

---

<sup>159</sup> Trechos de entrevistas da senhora Guilhermina Gondim. (Grifo meu).

<sup>160</sup> Trechos de entrevistas da senhora Zizi Menezes. (Grifo meu).

À praia, eu lembro bem que a gente adorava! **A praia era mais forte como hoje, mas ninguém tomava banho não**, só foi tomar banho, mais já mocinhas. Só pra dar uma volta, ir até lá de bonde. Era bom! Era aqui mesmo, na Praia de Iracema. O papai mostrava o Seminário: “- Olha, eu passei oito anos aquil!” – e dava uma voltinha no bonde, era muito bom!<sup>161</sup>

A senhora Douvina se alonga mais um pouco sobre estes aspectos de valoração dos costumes de ontem versos a desvalorização dos costumes de hoje, entrando em detalhes interessantes de valoração da figura do homem sertanejo antigamente – correto – em contraposição à realidade do interior do estado hoje em dia – bebida, preguiça, crime. E segue ressaltando as diferenças nas relações com os objetos após as “facilidades” advindas da industrialização e da produção em série. Antes, roupas artesanais demandavam relações afetivas, eram objetos biográficos, deveriam ser bem cuidadas para durarem. Hoje, os objetos de biográficos passam a descartáveis, assim como a relação que se deixa de ter com os mesmos; deve-se consumir logo, ansiando pela próxima novidade:

A minha mãe costurava e ela fazia uma roupa pra gente e ela usava uma expressão que as minhas filhas acham ótima: “- É pra vestir nas quatro festas do ano!” [...]. Se ela fazia um vestido novo, você não vestia “adoidado” pra se acabar logo, você vestia nas festas do ano, era o vestido da ocasião especial. [...] Eram muito menos roupas, menos sapatos. Hoje eu tenho um bocado de sapatos, já antes de ontem eu comprei duas sandálias! [...] Não, “**no nosso tempo**” não tinha isso não!

[...]

Eu tinha assim uns oito anos de idade [...] os filhos todos em redor da mesa, a minha avó assim de um lado, [...] meu avô em pé, de colete, tirava o paletó, ficava de colete, lendo um livro. [...] Eu chegava pedindo à minha avó uma moela de galinha [...] ai o meu avô com o livro, aqui, lendo, quando eu começava a “aperrear” a minha avó, eu estava retirando a atenção do meu avô, não era, ai ele olhava pra mim, como se estivesse... Já bastava o olhar! **Nem batia, nem nada, já bastava o olhar**, como quem diz: “- Saia daí que você está atrapalhando!”.

[...]

**Em interior a vida era uma beleza!** Hoje em dia é só bebida, preguiça, crime, internet; ai hoje não tem mais nada.

[...]

Eu tenho até um retrato meu, fardada, de colégio. A saia era verde e a blusa branca. “Olhe, você não podia usar um brinco, você estava uniformizada!”. Não podia botar gigolet, brinco, nada, você estava de uniforme! Tinha uma boina, dia de festa a gente usava uma boina, era o traje de gala!

---

<sup>161</sup> Trechos de entrevistas da senhora Guilhermina Gondim. (Grifo meu).

[...]

Christiano diz muito que **o rádio não alienou as pessoas**, por que você criava as imagens conforme o seu ambiente, conforme fosse. A televisão não, impõe. [...] Antes você ia pra um restaurante não tinha um rádio tocando, hoje não existe um restaurante que não tenha uma televisão deste tamanho!

[...]

O papai, **toda vida ele foi muito correto, sertanejo, muito honesto, criterioso** – antigamente, porque hoje interior é terra de gente ruim – ele dizia, eu com oito anos de idade comecei a ouvir meu pai dizer, que eu não tivesse vergonha de assumir compromisso, eu tivesse vergonha de assumir e não cumprir!<sup>162</sup>

Um último ponto ressaltado que perpassa pelos depoimentos das três entrevistadas deste trabalho e que se destaca são os aspectos relativos também à história da cidade que estabelecem “Pontes” com as histórias de suas famílias. A senhora Zizi Menezes nos fala da história do Cine São Luiz, que ainda se mantém no mesmo padrão de quando foi criado, bem como das tradicionais reuniões das ex-alunas do Colégio da Imaculada e da falta constante d’água que havia na cidade:

Lá no Cine São Luis é a mesma coisa, até a pintura é a mesma, tudo é o mesmo. Como aqui em casa; aqui em casa toda vida foi cinza e amarelo. O papai só mandava pintar cinza e amarelo e nós conservamos. Cinza e amarelo.

[...]

A gente se reúne muito ai, no Colégio da Imaculada. Todo mês – no dia vinte e sete de cada mês - se comemora o aniversariante das ex-alunas do mês. Então, quatro horas da tarde, do dia vinte e sete, já é sagrado. A gente vai pra lá, tem um chazinho, tem uma palestra e ai depois tem a missa. E dia oito de dezembro tem o almoço das ex-alunas. Até hoje vamos à missa ai no colégio, dia de sábado. Nós vamos a pé, é bem aqui, só dois quarteirões. Um quarteirão e a praça.

[...]

A minha avó morreu ai onde hoje é a rádio Dragão do Mar, que era do meu tio.

[...]

Meu pai era Pedro, em homenagem ao padrinho dele. Não tem aquela Rua Pedro Borges? Pois ele era padrinho do meu pai. Ai meu avô botou o nome de Pedro.

[...]

Dia de domingo a gente se reunia aqui debaixo do pé de sapoti. Às vezes a gente usava muito a água dessa bomba, porque faltava muita água na cidade.<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> Trechos de entrevistas da senhora Dourinha. (Grifo meu).

<sup>163</sup> Trechos de entrevistas da senhora Zizi Menezes.

A senhora Guilhermina nos revela uma rotina de lazer cultural muito rica, onde a música tinha um papel fundamental nos eventos da nossa cidade e relembra um pouco a chegada do rádio em Fortaleza:

**Tudo o que a Dra. Henriqueta Galeno promovia a mamãe tocava e nós cantávamos, não tina dúvida!** As apresentações eram todas no Salão Principal, aqui na Casa de Juvenal Galeno. Era ela quem recepcionava, depois passou pra sobrinha, quando ela morreu, depois a sobrinha morreu, passou para um tio. Juvenal Galeno era pai dela e da Nenzinha, ela era formada em Direito, foi a primeira mulher que entrou pra Faculdade de Direito aqui em Fortaleza! Fizeram um “auê” pra ela não entrar, mas ela fez o exame, passou, e foi até o fim! Fundou a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, foi da Academia Feminina de Letras! A mamãe pertenceu a essa Ala, defendeu uma tese, era pra falar sobre uma pianista, foi a Branca Rangel, se eu não me engano!

[...]

A “Ceará Rádio Clube”, chamavam “PRE9”, **foi a primeira Rádio daqui**, PRE9 era o prefixo. Depois da Ceará Rádio Clube foi que surgiu a Rádio Iracema, ai foi surgindo, “Dragão do Mar”, mas a pioneira foi mesmo a Ceará Rádio Clube. A PRE9 não existe mais, quando nós começarmos, era nos “Altos do Diogo”.<sup>164</sup>

---

<sup>164</sup> Trechos de entrevistas da senhora Guilhermina Gondim. (Grifo meu).

**ANEXOS**

---

**ANEXO 1**

---



---

**ANEXO 2**



**ANEXO 3**

---



---

**ANEXO 4**























## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A destruição do patrimônio cultural é a destruição das nossas referências. Isso inclui a porção material e imaterial desse patrimônio. Em Fortaleza, onde houver esses vestígios edificados, suas rotinas são de demolições, não havendo uma cultura de preservação do patrimônio instaurada em nossa cidade. O patrimônio edificado - quanto mais íntima for a relação dele com o usuário - estabelece uma relação e uma referência na vida do sujeito que se sente lesado por quem o destrói, pois é como se destruíssem o seu referencial. A descrição desse patrimônio, a lembrança dele, quando este já não há, ajuda a reconstituir aquilo que significou num determinado momento.

Divido com nossos recordadores a referida opinião que pode ser percebida em fragmentos de seus discursos quando, por exemplo, a Sra. Guilhermina destaca o valor referencial de sua casa ao salientar que nasceu ali, bem como todos os seus irmãos. Ou quando ela relembra o entorno de sua residência, destacando que “ali” eram outras residências de familiares seus, e que agora estão “desmarchadas”, funcionando como comércio e afins.

Tais vestígios também são encontrados quando a Sra. Douvina relembra a antiga casa dos avós de seu marido, lamentando sua demolição em prol da construção de um mercado que, para ela e para muitos que moram ali, não tem significado algum. Ou quando elogia o ex-prefeito Vicente Fialho por não ter demolido a “igrejinha” por conta da construção da Avenida Leste-Oeste.

Nos depoimentos da Sra. Zizi Menezes percebemos que ela se entristece ao lembrar da demolição do Palácio do Plácido e destaca a ausência percebida de uma cultura de preservação do patrimônio no nosso estado.

Já o Sr. Christiano Câmara, em seu artigo “Fortaleza sem Rosto”, ressalta a seqüência de demolições que ocorre historicamente em Fortaleza, demonstrando sua indignação a respeito dessa realidade.

Casos isolados de demonstração da preocupação em se conciliar expansão urbana e preservação existem, mas ainda não constituem uma parcela significativa nesse universo, prevalecendo as demolições e as desfigurações de nossos lugares de memória e de identificação.

Para se referenciar, faz-se necessário ter por onde se basear. Para se constituir um futuro saudável, onde se evolui, é preciso se referendar num passado onde se saibam as origens e as consequências dos atos. Para isso, o homem precisa de um grupo e é por isso que nos organizamos em sociedade, em agrupamentos coletivos. O homem é um ser social por natureza. E social também em suas lembranças. Até para lembrar o seu passado, o homem necessita do grupo. Suas memórias, mesmo quando individuais, perpassam em algum ponto a memória coletiva do seu grupo. “Lembrar é um trabalho da mente estimulado pelo grupo”.

Nos relatos de momentos das vidas de nossos recordadores podemos perceber essa relação social da memória nitidamente. Como, por exemplo, quando a Sra. Zizi Menezes recorda sobre quando sua irmã mais velha começou a “ficar esquecida” ao ser “encostada” no trabalho, ou quando o Sr. Christiano Câmara se corresponde com o irmão, citando os momentos em que ele é lembrado pelo grupo e se faz presente às reuniões de família desta maneira.

O mesmo ocorre quando a Sra. Douvina comenta sobre o “ciclo” de amizades de seu marido, que “está se fechando”, fazendo com que ele não tenha mais com quem conversar devido ao “desaparecimento” gradual dessas pessoas do seu convívio por diversos motivos. Dentre estes motivos, figura a rede de relacionamentos da internet.

Consciente dessas questões se torna claro o papel fundamental do patrimônio cultural de uma dada sociedade para a sua sobrevivência. A preservação daquilo o que nos significa é o caminho por onde podem se perpetuar os grupos.

O comportamento atual de nossa sociedade coloca tudo o que se identifica como velho na posição de ultrapassado, tornando repugnante a figura do passado. É preciso estar atualizado, voltado para um futuro que chega e passa cada vez mais rápido e sem significados. Comportamentos que são pautados na lógica do consumo; do descartável e da moda; todos efêmeros em sua natureza. Dona Douvina ressalta bem essa relação de consumo atual versus a antiga “relação biográfica” com os objetos quando recorda seus momentos de infância, onde sua mãe costurava “o vestido da ocasião especial”. O vestido fazia parte de sua infância, vesti-lo era sinônimo de festa, de ocasiões que mereciam comemoração.

Nesse sentido, atualmente as “coisas velhas” cedem lugar às novas, não importando se estas “coisas” forem pessoas, objetos, músicas, comportamentos ou lugares. Os nossos antepassados e os nossos idosos perdem a característica de referenciais, tornando-se ultrapassados – que não devem ser seguidos, portanto. Não devem sequer ser levados em consideração nas tomadas de decisões. A nossa sociedade industrial “matou a sabedoria dos velhos”.

A Sra. Zizi Menezes comenta o comportamento dos “outros” diante do idoso, na tentativa de “se aproveitar” por que é “velho”. A Sra. Guilhermina Gondim relembra saudosamente as antigas “cartas do jornalista”, destacando que sua irmã, também idosa, “tem horror a coisa velha” e costuma se desfazer de tudo o que se identifica como tal. Já a Sra. Douvina destaca a quantidade de aparelhos de vídeo cassete, fitas cassete e LP’s que contém em sua casa, devido às pessoas não encontrarem mais utilidade para esses objetos em suas residências.

Tudo isso ajuda a caracterizar um movimento que se reflete numa sociedade que busca ao mesmo tempo e incessantemente “o novo” e “significados” para a vida. Esse referencial significante pode ser facilmente encontrado numa busca ao atualmente tão repudiado passado. Os idosos, que trazem consigo uma sabedoria

adquirida ao longo de uma vida, juntamente com os seus lugares de significados, representam a porção orientadora e referencial numa dada sociedade.

O Sr. Christiano Câmara, ao proferir suas palestras sobre história e música, destaca eventos que marcaram épocas e que serviram de subsídios a composições ditas “populares”, que canta relembrando o bondinho, a chegada do telefone, dentre outros eventos que já não fazem mais parte do nosso convívio, mas que continuam figurados e representados nessas músicas.

Porém essas qualidades são comumente desconsideradas e dia a dia padecem de solidão e abandono pessoas e locais antigos, respectivamente, enquanto que a porção jovem em busca do novo padece de ignorância e ausência de significados. Destruir nosso passado é destruir nosso futuro. Preservá-lo constitui ato de preservação da própria sociedade em sua porção humana.

A Sra. Zizi Menezes relembra quando nos tempos de colégio as alunas “do Imaculada Conceição” se responsabilizavam por uma senhora assistida pelas obras de caridade da congregação. As alunas passavam o dia com uma dessas senhoras trocando atenções, mas, em sua opinião, hoje em dia não deve mais haver esta prática. E segue valorando as tradições mantidas, sejam na manutenção da cor do cinema que costumava ir em sua juventude – comportamento que repete em sua residência -, sejam nas reuniões que frequenta todos os meses no Colégio.

O Sr. Christiano expressa seu descontentamento em ver o patrimônio de sua querida cidade ser dilacerado e comenta que em civilizações mais antigas isto é valorizado e preservado. Cita casos em que o mesmo tipo de pessoa se comporta de maneira divergente em relação ao espaço público: quando está onde as pessoas dão o devido valor ao seu patrimônio e quando estão aqui em Fortaleza.

Existem elos que se criam entre a pessoa e o lugar. Nesse contexto o Centro de uma cidade tem papel fundamental na referenciação da mesma. No caso do Centro da cidade de Fortaleza, onde se deveria preservar o que se destrói, tal como o exemplo geral, pouco se mantém de um patrimônio cultural edificado. A monofuncionalidade do comércio varejista voltado a um público de menor faixa de

renda é o padrão atual assumido, juntamente com a prática da demolição de casas antigas para abrigar estacionamentos. Estes, “brotam” rotineiramente aos olhos das autoridades locais, desfigurando o ambiente construído e a paisagem, ao mesmo tempo em que se desrespeita uma legislação falha em sua fiscalização. O depoimento da Sra. Zizi Menezes deixa transparecer e destaca tal situação alarmante e corriqueira quando cita os exemplos dos estacionamentos emergentes em sua Rua 25 de Março.

Também encontramos vestígios que subsidiam esta afirmativa nos depoimentos da Sra. Guilhermina Gondim, ao recordar os jardins da casa de sua avó; ao recordar a casa que morou muitos anos e onde fez sua primeira comunhão; ao recordar o amor marcante na vida do irmão – uma vizinha da “casa da Rua Assunção” – e consequentemente a casa que moraram lá.

Sobretudo, nesses mesmos locais (Centros) ainda sobrevivem algumas edificações antigas aliadas a seus antigos e permanentes habitantes que, além de não cederem lugar à especulação imobiliária ao longo do tempo, continuando em suas residências originais, anseiam pela reinstauração de um tempo onde as pessoas e as coisas tinham significado. Tempo onde os objetos envelheciais com os donos, e, portanto, demandavam cuidados. Onde ainda não havia o descartável.

As casas têm significados infinitos na vida do ser humano. São seu universo particular, centro do mundo e de suas representações. Casas antigas ou à beira da demolição fazem refletir. São como fotografias vivas do passado: imponentes. Trazem consigo uma aura envolvente, como um navio que depois de muitos anos submerso volta à superfície cheio de histórias debaixo do limo que acumulou. São ricas em significados, em memória e em vestígios do passado. Trazem à tona uma sociedade pautada em valores que não permaneceram no senso comum. Demonstram costumes que vinham de outros locais e eram assimilados.

A opção pelo recorte físico-material dos limites do bairro Centro faz um “*link*” com a história da própria cidade que surge entre os depoimentos de senhoras que continuam cuidando de suas casas e que mantêm os hábitos de uma época que não existe mais para além de seus portões de ferro fundido e decorado, trazidos de

longe no tempo e no espaço. Ao contar as histórias de suas casas, contam também a história de uma cidade que foi crescendo e se desfigurando ao longo do caminho. A Sra. Douvina nos conta de um tempo em que a sua rua não era nem rua ainda, era uma travessa sem denominação oficial.

A Sra. Guilhermina nos fala de tempos onde aconteciam os saraus no Salão da Casa de Juvenal Galeno. Onde cantava junto com suas irmãs (“As Três Marias”) acompanhadas pelo piano de sua mãe ou por algum músico famoso que vinha visitar esta capital. Nas entrelinhas perpassam detalhes da vida social da cidade citando os feitos da Sra. Henriqueta Galeno; contando as histórias das Rádios que foram surgindo; ou relembrando os passeios de bondinho até a praia.

Nota-se um aspecto peculiar pautado na análise dos discursos das nossas recordadoras: o hábito de repetir nos filhos os nomes da família (pai, avô, etc.). Contando-nos sobre este costume a Sra. Zizi Menezes deixa passar aspectos sobre as distâncias da cidade quando sua escala permitia ir-se a pé aos destinos, fazendo disto uma prática cotidiana.

Os significados dados aos locais privados, sua valoração e utilização, constituem mapas afetivos que permanecem motivando comportamentos que já não se justificam mais no presente. Os aspectos que cada recordador ressalta divergem de acordo com sua forma de ser. De modo que se percebe nos discursos da Sra. Guilhermina uma constante valorização de aspectos que são direta ou indiretamente ligados à religião e à família, ao mesmo tempo em que deixa de lado qualquer assunto que focalize a sua vida pessoal – seja nos relacionamentos interpessoais em geral, seja na sua biografia mesmo.

Trechos de seus depoimentos deixam ressaltar bem isto. Como, por exemplo, este: “A margarida é quem se lembra”. Ela não lembra, a Margarida é quem se lembra de sua vida e não estava ali no momento para nos contar. Morava fora. Mas ela lembra bem todos os momentos da vida da irmã. A rememoração de um passado significante constitui mapas afetivos belíssimos, como o quadro que a Sra. Guilhermina descreve das festas de Primeira Eucaristia - fato mais relembrado em sua biografia, permeando vários momentos do seu discurso.

Já a Sra. Douvina ressalta sempre que pode que nunca teve a intenção – e nem concorda com isso – de mudar o local onde mora. Destaca que até os nomes dos locais da casa ela deixou que continuassem, chegando a abrir mão da qualidade do morar para ceder sua residência à atividade de museu.

Esses mapas afetivos constituídos podem ser mentais ou sonoros, variando conforme a natureza da lembrança. A Sra. Zizi Menezes nos fala do piano antigo da família, de quando ainda estudavam e que vendeu a um amigo. Nesse contexto descreve o seu descontentamento ao saber da desconfiguração do piano. Em seus mapas mentais ele permanece ainda como antes.

A Sra. Guilhermina Gondim descreve seus mapas afetivos mentais quando nos conta sobre os programas de rádio patrocinados, que eram reproduzidos ao vivo, bem como quando descreve sua casa de veraneio no sítio do Mondumbim. Nessas descrições reconstitui uma paisagem que já se desfez. Em seus mapas afetivos e sonoros apreciamos juntas suas experiências nas aulas de canto.

Nos mapas afetivos mentais da Sra. Douvina podemos conhecer uma paisagem de ladeiras anterior à construção da Avenida Leste-Oeste. Podemos vivenciar uma “Jaguaribe-Mirim” de quando a chegada do rio era o evento mais importante daquela cidade. Podemos conhecer uma Travessa Baturité que pulsava em atividades as mais divergentes possíveis e que hoje passa por problemas urbanos de depreciação do seu espaço.

Todas essas experiências nos trazem vivências de um passado cheio de significados que deve ser preservado em sua porção material e imaterial por ser dotado de grande valor patrimonial cultural. Não se trata de “engessar” a cidade, impedindo que se prossiga num movimento natural de busca pela evolução. Também não se trata de repúdio àquilo que representa a novidade, o que seria tão depreciativo quanto, só que num sentido contrário. Mas se trata de propor uma busca por políticas de preservação e valorização desse patrimônio cultural em todas as suas dimensões (material ou não).

Algumas experiências provam que essa união se torna possível e viável quando há, sobretudo, uma sensibilização preventiva dos envolvidos no processo. Para se preservar as antigas residências de uma cidade – que têm muito a nos contar sobre costumes e modos de construir, de habitar, de morar e de viver – não é necessário que se invabilize um processo de renovação e evolução urbana. Mas vale recorrer a soluções que, na medida do possível, prezem pela readaptação de funções e pela valorização desses lugares.

Para se preservar a parte imaterial desse patrimônio, contido também na memória dos antigos moradores de uma cidade, é preciso mais que iniciativas como esta. É preciso uma reformulação gradual das políticas de inclusão do velho na sociedade, com sua imagem associada a experiências que transmitem valor e sabedoria; e não a algo ultrapassado. O que demanda um trabalho multifuncional e que exige tempo para apresentar resultados.

Mas não cabe aqui uma busca pela solução efetiva desse problema e sim a explanação de uma situação recorrente nesta cidade que denuncia um problema maior de desvinculação e desvalorização do passado. O recolhimento desse material e sua análise crítica consequencial, fazendo uso de comparações associativas necessárias, traz a expectativa de sensibilização da valoração dessas experiências e desses lugares de vida, sugerindo uma mudança de postura no sentido da preservação, da inclusão e da valorização.

---

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2a. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a História. **Revista de Pesquisa Histórica**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, nº 15, pp. 39-52, 1994.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). **Usos e abusos da história oral**. 7a. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de: Pádua Danesi. Revisão da Tradução de: Rosemary Costhek Abílio. Coleção tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BANDEIRA, Manuel. Poema. **Arte de Amar**. In: BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa de Manuel Bandeira. [S. L.]: Nova Aguilar, 1996.

\_\_\_\_\_. Poema. **Última Canção do Beco**. In: BANDEIRA, Manuel. 50 Poemas escolhidos pelo autor. [S. L.]: Cosac Naify, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENFATTI, Denio e SCHICCHI, Maria Cristina (org.). **Urbanismo**: dossiê São Paulo – Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Denio Benfatti, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas, Volume I, 3a.. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única.** Obras escolhidas, Volume II, São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire um líric no auge do capitalismo.** Obras escolhidas, Volume III, 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BERNAL, Maria Cleide Carlos. **A metrópole emergente:** a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza. Fortaleza: Editora UFC / Banco do Nordeste do Brasil S. A., 2004

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História.** Coleção primeiros passos. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados.** São Paulo, Vol.17, nº 47, 2003.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** 12a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CÂMARA, Christiano. [S. L.: s. n.], 2000. **Fortaleza sem rosto.**

CASTRO, José Liberal de. Texto de apresentação de proposta para o Concurso de Idéias para a Área Central de Fortaleza.

\_\_\_\_\_. Texto em Publicação da Prefeitura Municipal de Fortaleza. 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Tradução de: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAVES, Gylmar; VELOSO, Patricia; CAPELO, Peregrina (Org.). **Ah, Fortaleza!** Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2006.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio.** Tradução de: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo.** Coleção Estudos, 67. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 3a. ed. [S. L.]: Ática, 1995.

EIGER, Elaine e VALENTE, Luize. **Caminhos da memória:** a trajetória dos judeus em Portugal. Documentário histórico. [S. L.: s. n.], 2002.

Espaço Plano Arquitetura e Consultoria S/S Ltda. **Estudo das vantagens competitivas do Centro da cidade de Fortaleza.** Fortaleza: SEPLA/PMF, 2004.

FREITAG, Bárbara. **Cidade dos homens.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

GAUTIER, Theophile. **Arria Marcella, lembrancas de Pompeia.** Tradução de: Geraldo Gerson de Souza. Coleção canto literário. São Paulo, SP, 1999.

GONDIM, Linda M. P. **Uma dama da belle époque de Fortaleza:** Maria de Lourdes Hermes Gondim: ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana. Fortaleza: Gráfica LCR, 2001.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de: Maria Betânia Amoroso. Tradução dos poemas de: José Paulo Paes. Revisão técnica de: Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALBWCHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, [s/d].

HALL, Edward Twitchell. **A Dimensão Oculta.** São Paulo: Martins Editora, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2a. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza.** 2a ed. São Paulo: Annablume, 2003.

\_\_\_\_\_. Fortaleza na visão dos idosos: onde o público e o privado se entrecruzam. **O público e o privado.** [S. L.: s. n.], nº 01, pp. 71-85, 2002.

Le GOFF, Jacques. **Por amor às cidades:** conversações com Jean Lebrun. Tradução de: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **História e memória.** Tradução de: Suzana Borges e Bernardo Leit. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Rogério e FERNANDES, Ronaldo Costa (org.). **O imaginário da cidade.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MENEZES, Henilton e CAMARGO, Odilon. Um museu vivo. **Xilo Revista de cultura.** Editora *Inside Brasil Ltda.*, Fortaleza, Ano I - n. 01, pp. 28 – 34, setembro de 1999. ISSN 1517-0640.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NETTO, Francisco Benjamin de Souza. **Tempo e memória no pensamento de Agostinho.** Capítulo de livro. PALACIOS, Pelayo Moreno. **Tempo e razão: 1600 anos das Confissões de Agostinho** (org.). São Paulo: Edições Loyola, 2002.

**O método da historiografia.** In: Parte 3. Os instrumentos da análise histórica. [S. L.: s. n., s/d].

PESAVENTO, Sandra Jatahy. [S. L.: s. n., s/d]. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano.**

\_\_\_\_\_. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p. 279 – 290.

ROSA, Aline Mesquita Martins. **De volta ao Centro**. Fortaleza, 2006. 105 p. Trabalho de conclusão de curso (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Ciências Tecnológicas, Fundação Edson Queiroz Universidade de Fortaleza - Unifor.

SANTOS, Antônio Carlos dos. **Tempo e história em Montesquieu**. Capítulo de livro. GUIDO, Humberto e SAHD, Luiz F. N. De Andrade e Silva (org.). Coleção filosofia; 18: Ed Unijui, 2006.

Secretaria Municipal de Planejamento e Orçamento - SEPLA. **Fortaleza em números 2007**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Estúdio Nobel, 1998.

ZEIN, Ruth Verde e MARCO, Anita Regina Di. **Sala São Paulo de Concertos**: Revitalização da Estação Júlio Prestes. São Paulo: Alter Market, 2001.